

Deutscher Morgen

Berausgeber: E. Sommer

Aurora Allemã

Einzelpreis 500 Reis

Folge 42

São Paulo, 20. Oktober 1939

Erscheint wöchentllich

8. Jahrgang

Schriftleitung, Verwaltung und Druckerei: Rua Victoria 200 — Fernruf: 4-3393, Caixa postal 2256 — São Paulo. — Zuschriften nicht an Einzelpersonen, sondern nur an die Verwaltung. — Bezugsgebühr: halbjährlich 10\$000, ganzjährig 20\$000, für Deutschland und die Welpostvereinsländer 7 Mark

O Primeiro Lord do Almirantado Britannico teria apresentado sua renuncia

A Guerra das Falsidades

Nosso Quadro Negro

kt. — Parece que a antiquissima e comprovada receita do „calumnia quanto pudes, que algo ha de adherir“, goza, em certos circulos internacionaes, de uma acceitação crescente, pois na semana passada fomos testemunhas de calumnias de não pequeno vulto. Nem é de admittir, que para o futuro a cousa melhore neste particular, de vez que sempre haverá gente que, devido á sua indole e seu caracter, não sabe agir de outro modo, bem como gente que depende de deturpações e adulterações, afim de dissemular actos e obiectivos, os quaes, do contrario, a exporia ao despreso geral e a faria entrar em conflicto com o codigo penal. Não se consegue reduzir essa gente á expressão mais simples, por mais numerosas que sejam as rectificações, pois ella se compõe de uma legião em parte anonyma que se espalha por todo o globo. Entretanto, em muitos casos consegue-se desfazer a confusão por ella provocada e extinguir em seu nascedouro o odio que ella semeia, indifferente, entre os povos. Seu elemento vital é a inimizade e a discórdia no seio dos povos. O sangue derramado no campo de batalha produz-lhe vantagens materiaes. Ella mesma mantem-se a uma distancia prudente do fogo.

Para todo aquelle que se esforça por formar, isento dessa influencia, uma idéa propria da situação e das personalidades competentes nos Estados belligerantes, os grandes discursos officiaes são de summa importância. Uma vez que neste paiz é permitido publicar o teor de taes discursos, sem a minima restrição, os mesmos se encontram em toda parte ao alcance de qualquer um. Dos discursos de data mais recente, cabe serem citados, sobretudo, os de Hitler, de 6. 10., e o de Chamberlain, de 12. 10. O cotejo desses dous documentos torna possível uma introspecção profunda na mentalidade dos dous adversarios, bem mais profunda que a proporcionada pela leitura de paginas e mais paginas repletas de telegrammas e do noticiario do dia, que, porisso, não pretendemos qualificar de dispensaveis. Elles eneceram, outrossim, muitos pontos de litigio de que não nos podemos occupar nas explanações seguintes, por angustia de espaço.

Gazes deleterios!

A guerra com gazes toxicos é uma das possibilidades com que contam todos os governos europeus. Basta que nos lembremos das numerosas photographias que apresentam o Primeiro Ministro britannico Chamberlain armado de mascara contra gaz. De parte da Alemanha foi asseverado, desde o começo da guerra, repetida e solonemente, e mesmo pessoalmente por Hitler, que ella aborrece a guerra de gaz, tanto que não empregará este, caso os outros tambem o evitem de seu turno. Está provado, que não passaram de falsidades as censuras feitas, em innumerados casos, velada ou ostensivamente, aos allemães, dos quaes se dizia que estariam usando ou pretendiam usar gazes, logo que as respectivas bombas tivessem chegado (deante de Varsovia — telegramma da Havas, de 23. 9.). Deploravelmente, porém, os polonezes empregaram gazes toxiceos, isto é, o famigerado gaz de mostarda. E' uma realidade que não pôde ser contestada, conforme as rigorosas constatações feitas pela autoridade competente allemã, publicadas em 11. e 16. 10. Assim, explodiu, em 8. 9., uma mina de gaz de mostarda collocada pelos polonezes em Jaslo. Varios soldados allemães morreram, sob padecimentos crueis, em consequencia de queimadura do aparelho respiratorio; outros adoeceram. Dous correspondentes de jornaes norte-americanos, um sueco e um suizo certificaram-se in loco da realidade, e o professor suizo A. Staechelin declarou,

Milão, 19. (T.-O. — Agencia allemã) Os matutinos desta capital divulgam noticias transmitidas pela Agencia Stefani e procedentes de Paris, segundo as quaes o Primeiro Lord do Almirantado Britannico, snr. Winston Churchill teria apresentado sua renuncia, em virtude das severas criticas que os circulos navaes lhes fizeram em consequencia das perdas ultimamente sofridas pela marinha de guerra ingleza. Acrescenta aquelas noticias, que o Ministro Chamberlain teria pedido ao Ministro renunciante retirar o pedido de renuncia apresentado.

Communicado de guerra

BERLIM, 19. (T.-O.) — Agencia Allemã — Comunica o Alto Commando, hoje, ao meio-dia:

„Entre o Rio Mosela e a estrada de Hornbach Bitsch, nossas tropas repelleram para além da fronteira os remanescentes soldados da retaguarda inimiga que se encontravam em territorio germanico. Houve rapido mas violento combate.

Nos demais sectores da frente oeste registrou-se, apenas, actividade local de artilharia e acção de patrulhas. N'alguns pontos perdeu-se momentaneamente o contacto com o inimigo, pois nossas tropas avançadas não elegaram a passar a fronteira franceza.

Com as operações de hontem pode considerar-se terminada a primeira phase dos movimentos no oeste, — provocada por iniciativa franceza — podendo-se dar a conhecer o seguinte sobre as operações desde o principio da guerra:

Nossas fortificações occidentaes foram fortemente guarnecidas desde o inicio da Campanha poloneza. Em 9 de setembro, abriam os francezes hostilidades, cruzando suas linhas avançadas a fronteira allemã em diferentes pontos, entre Luxemburgo e o Reno, ao oeste de Karlsruhe.

Desde os primeiros momentos, porém, as operações se caracterizaram pelo seu pouco alcance. Combates puramente locais se desenvolveram numa faixa de terreno plano perto da fronteira franceza, deante de nossa linha fortificada. Com algumas excepções, allemães e francezes actuaram empregando apenas reduzidas secções, geralmente effectivos máximos de uma companhia.

No transcurso do mez de setembro, occuparam os gaulezes primeiro algumas localidades allemãs situadas perto da fronteira franceza, entre a fronteira de Luxemburgo e Saarlautern; a seguir, o bosque de Warndt, no sector em que elle penetra na França ao sudoeste de Saarbrücken; finalmente, a ponta de terreno que penetra tambem a sudoeste de Saarbrücken, entre o rio Sarre e o Bosque do Palatinado.

Unicamente nas regiões citadas em ultimo logar — previamente evacuadas por nossas tropas — logrou o inimigo aprofundar de trez até cinco kms seu avanço em territorio

em 21. 9., num laudo pericial, que o adoecimento dos soldados sobreviventes era proveniente de gaz de mostarda. Em Gotenhafen (ex-Gdynia) encontrou-se um deposito de algumas milhares de minas de gaz de mostarda; outro tanto num deposito em Mlawa. Em Blonza descobriu-se grande quantidade de potes, contendo 10 a 15 kilos de gaz de mostarda cada; em Blonie e em Ostrowie, um deposito de gaz em cada localidade; e 20 kilometros a oeste de Mlawa, um celeiro de trigo envenenado. Em varios pontos, soldados allemães foram vietimas do effeito de gazes deleterios.

O numero dos soldados polonezes

Sobre o numero dos soldados polonezes, as informações se contradizem todas. Em

Milão, 19. (T.-O. — Agencia Allemã) Am Donnerstagmorgen veröffentlicht die italienische Presse folgende Information der „Stefani“-Agentur aus Paris: Am Mittwochabend lief in französischen politischen Kreisen das Gerücht um, der Erste Lord der britischen Admiralität Churchill hätte infolge der scharfen Kritik, die seitens der britischen Schifffahrtskreise wegen der Verluste grosser Einheiten der englischen Marine durch die von deutschen Unterseebooten und Fliegern durchgeführten Angriffe an ihm geübt haben, seinen Rücktritt eingereicht. Man fügt hinzu, Chamberlain hätte den Minister Churchill gebeten, sein Rücktrittsgesuch zurückzuziehen.

allemão, sofrendo importantes perdas. O resto do territorio germanico, deante da Linha Siegfried, não foi occupado pelo adversario. Em nenhum logar conseguiram as forças francezas approximar-se da nossa linha fortificada, excepção feita das proximidades de Saarbrücken, onde o rio Westfall corre proximo á fronteira da França. Esta actividade minima da infantaria foi contida pelos nossos artilheiros. Exceptuando o fogo feito para apoiar pequenas acções de artilharia, nossas baterias limitaram-se aos tiros de barragem sobre o terreno fronteiro ás nossas fortificações.

Deu-se um unico easo de fogo de artilharia contra um fortim — Bunker — perto de Saarbrücken — disparando-se sobre o mesmo, sem resultado, umas oitenta granadas de calibre médio.

No Alto Reno, de Karlsruhe até Basileia, reinou calma absoluta, quasi em tempo de paz desde o principio da guerra.

Esta conquista de terreno — apresentada de parte franceza como extraordinario bem exito e efficaz auxilio aos polonezes — foi permittida por nós, sendo que mandámos evacuar, voluntariamente o terreno entre a fronteira de Luxemburgo e o bosque de Warndt e entre o Rio Sarre e o Bosque do Palatinado. Depois, nossas tropas avançaram energeticamente, levando o inimigo até a fronteira franceza, em alguns pontos, e n'outros, mesmo, para além da fronteira. Enquanto isto, as operações de nossa aviação na Frente Oeste limitaram-se aos voos de reconhecimento e de caça com alguns duelos anti-aereos.

60 aviões inimigos — 12 inglezes — succumbiram na Frente Occidental, desde o principio da guerra até o dia 17 de outubro — vencidos pela pericia de nossos aviadores e de nossas baterias anti-aereas. Esse numero de perdas não inclui os aparelhos perdidos pelo inimigo no interior da Alemanha e na costa. O total das baixas allemãs causadas pelo inimigo na Frente Oeste, desde o principio da guerra até 17 de outubro, é de 196 mortos, 356 feridos, 114 desaparecidos e 11 aviões. Até o dia de hoje, 25 officiaes francezes foram presos e 664 sargentos e soldados. Na Frente do Alto Reno um unico homem foi ferido por estilhaço de granada. Até o presente momento, não foi constatada a presença de tropas britannicas.

23. 8., uma fonte não-allemã dizia montar o mesmo, ao todo, em seis milhões; um dia mais tarde, a Havas dava a conhecer, que se achavam em armas 1,5 milhões de homens. A seguir, salientou-se, repetidamente, a grande massa do exercito polonez e deu-se a entender o grande embaraço dahi decorrente para a Alemanha. Quando não mais se conseguiu occultar a desarticulação do exercito polonez, falou-se, ao contrario, da formidavel supremacia de forças allemãs, como, em 19. 9., na proclamação do ex-presidente do Estado polonez Moscicki. Segundo os dados fornecidos pelo general e marechal de campo Goering, em 9. 9., posteriormente confirmados em outras publicações, a Alemanha empennhou a léste quasi 70 divisões; isto é, pouco mais de 1 milhão de homens. Em 15. 9., uma autoridade competente allemã calculou

(Continua na 2.a pagina.)

Der Lügenkrieg

Unser schwarzes Brett

VI.

kt. — Es scheint, als ob die altbewährte Gebrauchsanweisung „Verleumde nur tüchtig, etwas bleibt hängen“ sich in gewissen internationalen Kreisen einer noch immer steigenden Wertschätzung erfreut, denn wir sind in der vergangenen Woche Zeugen ganz grosser Verleumdungen geworden. Es ist auch nicht anzunehmen, dass es in Zukunft besser wird, weil es stets Menschen geben wird, die nach ihrer charakterlichen Veranlagung nicht anders handeln können, und Menschen, die auf Verdrehung und Entstellung angewiesen sind, um Taten und Ziele zu verdecken, durch die sie sonst der allgemeinen Verachtung und dem Strafgesetz verfallen würden. Man kann ihnen das Handwerk durch noch so viele Richtstellungen nicht legen, denn sie sind, zum Teil namenlos, über alle Welt verbreitet. Aber man kann in vielen Fällen die von ihnen gestiftete Verwirrung beseitigen und den Hass, den sie unbestimmt zwischen die Völker säen, im Keime ersticken. Feindschaft und Zwiethracht der Völker untereinander ist ihr Lebenselement. Das auf den Schlachtfeldern vergossene Blut bringt ihnen materiellen Gewinn. Sie selbst aber bleiben immer weit vom Schuss.

Für jeden, der bestrebt ist, sich frei von diesem Einfluss ein eigenes Bild von der Lage und den massgeblichen Persönlichkeiten in den kriegführenden Staaten zu machen, sind die grossen offiziellen Reden von Wichtigkeit. Da hierzulande der Wortlaut solcher Reden ohne die geringste Einschränkung veröffentlicht werden darf, stehen sie überall zur Verfügung. Von den Reden der letzten Zeit sind besonders die Hitlers vom 6. 10. und die Chamberlains vom 12. 10. zu erwähnen. Ein Vergleich dieser beiden Dokumente ermöglicht einen tiefen Einblick in die Geistesverfassung der beiden Gegner, einen tieferen, als die Lektüre von mancher Seite voller Telegramme und anderer Tagesmeldungen, die wir damit nicht als entbehrlich bezeichnen wollen. Sie enthalten auch viele Streitfragen, auf die wir wegen Raum-mangels in den folgenden Darlegungen nicht eingehen können.

Giftgase!

Der Krieg mit Giftgasen gehört zu den Möglichkeiten, die alle europäischen Regierungen in Rechnung stellen. Denken wir nur an die zahlreichen Photographien, die den englischen Ministerpräsidenten Chamberlain mit der Gasmaske darstellen. Von deutscher Seite ist seit Beginn des Krieges wiederholt und in feierlicher Form, selbst von Hitler persönlich, versichert worden, dass Deutschland den Gaskrieg verabscheue und kein Gas verwenden werde, falls die anderen es ebenfalls unterlassen. Wenn den Deutschen trotzdem in zahlreichen Fällen verschleiert und offen der Vorwurf gemacht wurde, sie wendeten Gas an oder wollten es anwenden, sobald die Gasbomben eingetroffen seien (vor Warschau, Havastelegramm vom 23. 9.), so hat sich das inzwischen als Lüge herausgestellt. Bedauerlicherweise haben jedoch die Polen Giftgas benutzt, und zwar das berüchtigte Senfgas. Den Beweis haben die eingehenden deutschen Verlautbarungen vom 11. und 16. 10. einwandfrei erbracht. Danach explodierte am 8. 9. eine von den Polen gelegte Senfgasmine bei Jaslo. Mehrere deutsche Soldaten starben unter schrecklichen Leiden an Verbrennung der Atmungsorgane, andere erkrankten schwer. Zwei amerikanische, ein schwedischer und ein schweizer Berichterstatter überzeugten sich an Ort und Stelle von dem Tatbestand, und der schweizer Professor A. Stäehelin gab am 21. 9. ein fachder überlebenden Soldaten an Senfgas festmännisches Urteil ab, das die Erkrankung stellt. Bei Gotenhafen (Gdingen) fand man ein Lager von einigen Tausend Senfgasminen, in einem Depot bei Mlawa mehrere Tausend Minen, bei Blonza eine grosse Menge von Krügen mit je 10 bis 15 Kilo Senfgas, bei Blonie und Ostrowieze je ein Lager und 20 km westlich von Mlawa einen vergifteten Getreidespeicher. An mehreren

Stellen sind deutsche Soldaten der Gaswirkung zum Opfer gefallen.

Die Zahl der polnischen Soldaten

Ueber die Zahl der polnischen Soldaten liegen sehr weit voneinander abweichende Mitteilungen vor. Am 23. 8. wurde sie von nichtdeutscher Seite mit insgesamt sechs Millionen angegeben, einen Tag später von Havas mit 1,5 Millionen Mann, die unter Waffen stünden. Wiederholt erfolgten dann Hinweise auf die grosse Masse des polnischen Heeres und die für Deutschland daraus erwachsende Bedrängnis. Als der Zusammenbruch des polnischen Heeres nicht mehr zu verschweigen war, wurde umgekehrt von der gewaltigen zahlenmässigen Ueberlegenheit der Deutschen berichtet, so am 19. 9. in dem Aufruf des ehemaligen polnischen Staatspräsidenten Moscicki. Nach den Angaben von Generalfeldmarschall Göring vom 9. 9., die später durch andere Veröffentlichungen bestätigt wurden, hat Deutschland im Osten fast 70 Divisionen, das heisst etwas über eine Million Mann eingesetzt. Am 15. 9. gibt eine zuständige deutsche Stelle die Gesamtzahl der mobilisierten polnischen Soldaten mit etwa zwei Millionen Mann an. Von diesen fielen über 700.000 Mann in deutsche und an 200.000 Mann in russische Gefangenschaft, und viele flüchteten nach Rumänien und Litauen. Von einer zahlenmässigen Ueberlegenheit der Deutschen in diesem Feldzug kann hiernach nicht die Rede sein. In diesem Sinne äussert sich u. a. auch am 1. 10. der schweizer Hauptmann Lecomte, der militärische Mitarbeiter des „Suisse“. Genaue offizielle Angaben sind naturgemäss erst nach Abschluss des Krieges zu erwarten.

Der Tod des Generals von Fritsch

Der Tod des Generalobersten Freiherrn von Fritsch vor Warschau am 22. September hat den an dieser Stelle schon wiederholt behandelten amerikanischen Journalisten Knickerbocker zu einem Artikel veranlasst, der von dem „International News Service“ verbreitet und in einer grossen Tageszeitung an hervorragender Stelle abgedruckt wurde. Knickerbocker gibt als seine Gewährsmänner deutsche Emigranten in Paris an und behauptet, dass von Fritsch durch die Gestapo ermordet worden sei. Die Einzelheiten des Berichtes sind derart, dass man sie entweder als niedrigste Verleumdungen bewertet oder aber die deutschen Behörden bis in die höchsten Ämter hinauf als einen Herd der schlimmsten Korruption und der gemeinsten Verbrechen betrachten muss, wie wir sie in keinem Lande der Welt für wahrscheinlich halten. Eine andere Möglichkeit lässt der Artikel nicht zu. Die deutschen Behörden haben ihrerseits eine genaue Darstellung des Soldatentodes von General von Fritsch gegeben, und von deutscher Seite wurde uns gesagt, im deutschen Heere sei es eine einfache Selbstverständlichkeit, dass auch die hohen militärischen Befehlshaber die Anstrengungen, Entbehrungen und Gefahren des Krieges auf sich nehmen, die sie vom einfachen Soldaten verlangen.

Memel wieder an Litauen?

Die Nachrichten, dass Litauen mit Unterstützung Russlands die Rückgabe des Memellandes verlangt und darüber hinaus noch andere Forderungen an Deutschland gestellt habe, wurden am 13. 10. von der litauischen Regierung amtlich zurückgewiesen. Sie entbehrten jeder Grundlage.

Ueberschwemmung deutscher Befestigungen?

Seit Jahr und Tag lesen und hören wir immer wieder von der Ueberschwemmung deutscher Bunker und anderer Befestigungen am Rhein. U. a. meldete Havas am 11. und 12. 10. ein derartiges Unglück: Die Deutschen müssten ihre „Blockhäuser“ in der „Siegfriedlinie“ verlassen, insbesondere gegenüber Strassburg, und dadurch seien Hitlers Pläne, der gerade hier eine „Blitzoffensive“ einleiten wollte buchstäblich zu Wasser geworden. Wir kennen den Westwall nicht aus eigener Anschauung, aber die Rheinebene, und erachten es nicht für ausgeschlossen, dass die eine oder die andere Anlage mit Absicht im Ueberschwemmungsgebiet gebaut wurde. Im übrigen halten wir es mit der westschweizer Zeitung „Tribune de Genève“, deren militärischer Mitarbeiter diese nur zu durchsichtigen Meldungen am 12. 10. mit beissender Ironie übergiess. Hält man die deutschen Techniker für sooo dumm? — Selbst das deutsche Oberkommando scheint die Sache mit feinem und überlegenem Humor zu behandeln. Es geht sonst nicht auf Einzelheiten ein, berichtet aber am 16. 10.: „Am Ufer des Rheins südwestlich von Rastatt sahen sich die Franzosen wegen des Anstieges des Flusses gezwungen, eine Panzerfestung zu verlassen.“ Und nun, Havas?

Bilder vom Kriege

Am 11. 10. erschien ein von der „Wide World“ vermitteltes Bild, das einen Bombenrichter vor einem Gebäude und zahlreiche Zuschauer darstellte, mit der Unterschrift: „Unbekannte Flugzeuge lassen Bomben über neutralen Ländern fallen.“ Aus dem Begleittext erfährt der Leser weiterhin, dass es sich um eine kleine Stadt in Dänemark handelt, um einen Bombenabwurf, bei dem eine Person getötet und mehrere verletzt wurden, und nochmals, dass der Schaden von einem unbekannten Flugzeug herrühre. Sollte es der „Wide World“ wirklich um den 10. 10. noch unbekannt gewesen sein, dass

dieses Bild aus der kleinen dänischen Stadt Esbjerg stammt, die von englischen Fliegern bombardiert worden ist? Die Engländer hatten ihre Beteiligung an diesem Unternehmen zwar „dementiert“, aber bereits am 15. 9. entschuldigte sich der englische Gesandte in Kopenhagen, als ihm die Dänen das Beweismaterial vorlegten, wegen des „Irrtums britischer Flieger“ und versprach, die Regierung seiner Majestät werde Schadenersatz leisten, was inzwischen sicherlich geschehen ist.

(Continuação da 1.a pagina.)

o numero total dos soldados polonezes mobilizados em cerca de 2 milhões de homens. Destes, mais de 700.000 homens foram aprisionados pelos alemães e 200.000 pelos russos, refugiando-se ainda grande numero na Rumania e na Lithuania. Não se pôde, por conseguinte, falar numa supremacia de forças do lado dos alemães, na campanha poloneza. Neste sentido exteriorizou-se, além de outros, também o capitão Lecomte, do Exército Suíço, redactor militar do jornal „Suisse“, em 1. 10. Só depois que terminar a guerra é que se obterão naturalmente dados officiaes exactos.

A morte do general von Fritsch

A morte do coronel-general barão von Fritsch, deante de Varsovia, em 22 de setembro, deu azo a que o jornalista norte-americano Knickerbocker, de quem já se tratou varias vezes nesta columna, escrevesse um artigo divulgado pelo „International News Service“, o qual foi reproduzido, em logar de destaque, por um grande diario. Knickerbocker indica como informantes certos emigrados alemães em Paris, e afirma que von Fritsch teria sido assassinado pela Gestapo. Os detalhes da informação são taes, que se deve ou consideralos os como a mais abjecta das calumnias ou então ver nas autoridades teutas, até aos postos mais destacados, um foco da pior corrupção e dos delictos mais infames, como não os considerariamos provaveis em nenhum paiz do mundo. O artigo não admite outra interpretação. De sua parte, as autoridades alemãs descreveram exactamente a morte que teve o general von Fritsch, como bom soldado, accentuando ainda essas autoridades, que no Exército Alemão é a cousa mais natural, que os altos commandantes militares não fujam aos esforços, ás privações e aos risos da guerra, que elles exigem do simples soldado.

Memel de novo para a Lithuania?

O governo lithuano desmentiu, officialmente, em 13. 10., as noticias que diziam, que a Lithuania exigiria, com o apoio da Russia, a restituição do territorio do Memel, apresentando, além disso, ainda outras exigen-

cias á Alemanha. Careceriam de base, pois, taes noticias.

Inundação das fortificações alemãs?

Ha muito tempo já, que se lê e ouve falar, incessantemente, da inundação de casamatas e outras fortificações alemãs ao longo do Rheno. Entre outras, a Havas divulgou em 11. e 12. 10., um desastre dessa natureza: Os alemães teriam de abandonar as „Blockhäuser“ na „linha Siegfried“, notadamente em frente a Strassburgo, e, em consequencia disso, os planos de Hitler, que pretendia iniciar, precisamente naquele momento, a „offensiva fulminante“, foram textualmente por agua abaixo. Ainda não vimos a molc occidental de perto, conhecemos, entretanto, a planície do Rheno, tanto que não consideramos excluida a hypothese de uma ou outra obra ter sido construida, intencionalmente, na zona sujita a inundações. Quanto ao mais, estamos de accordo com o jornal suíço „Tribune de Genève“, cujo redactor militar se occupa dessas noticias por demais transparentes, em 12. 10., com uma ironia mordaz. Julgam-se então os technicos alemães tão estupidos?! — Mesmo o Alto Commando Alemão parece tratar o assumpto com um humor fino e superior. Habitualmente, não entra em minucias, communica, porém, em 16. 10.: „Nas margens do Rheno, a sudoeste de Rastatt, os francezes se viram forçados a evacuar, em virtude do crescimento das aguas do rio, uma fortificação blindada.“ Como é então, Havas?

Photographias da guerra

Em 11. 10., appareceu uma photographia fornecida pela „Wide World“, representando a escavação produzida por uma bomba aérea, em frente a um predio, e carcada de numerosos espectadores, com a legenda: „Aviões desconhecidos derrubam bombas sobre paizes neutros.“ Do texto que acompanha a illustração, o leitor fica sabendo, a seguir, tratar-se de uma cidadezinha da Dinamarca e da queda de uma bomba, em que foi morta uma pessoa e feridas varias outras, e, novamente, que os damnos são oriundos de um avião desconhecido. Será que a „Wide World“ ainda ignorava, de facto, em 10. 10., que a referida photographia foi tirada na cidadezinha de Esbjerg que fôra bombardeada por aviadores inglezes? Verdade é que os inglezes haviam „desmentido“ sua participação nessa empresa, mas, já em 15. 9., o embaixador inglez em Copenhague apresentava desculpas, ao lhe serem exhibidas as provas pelos dinamarquezes, pelo „equivoco dos aviadores britannicos“, prometendo, que o governo de Sua Magestade havia de indemnizar as victimas, o que, entrementes, com certeza já se verificou.

Die deutschen Erfolge im Kampf gegen England

Die unabstreitbaren Ergebnisse der deutschen U-Boot- und Luftstreitkräfte bei den letzten kühnen Angriffen auf die englische Flotte haben in aller Welt grösste Beachtung gefunden. Allgemein kommt in den Pressestimmen die Bewunderung des deutschen Wagemutes zum Ausdruck. Die Torpedierung der Schlachtschiffe „Royal Oak“ und „Repulse“ in Scapa Flow, der Sturzbomberflug gegen die im sichersten britischen Kriegshafen Firth of Forth an der Ostküste Schottlands liegenden Geschwader der Heimatflotte werden dabei als bisher in der Geschichte einzig dastehend bezeichnet. Deutschen Söhne, so heisst es, die zum Kampf herausgefordert wurden, haben den Löwen in seiner Höhle aufgesucht und ihn furchtbare Schläge beigebracht. Während die englischen und französischen Nachrichtenagenturen „Reuter“ und „Havas“ angesichts der unglaublichen Verluste der Engländer mit ihrer Berichterstattung in eine erhebliche Verlegenheit gerieten, haben die Mitarbeiter der amerikanischen Nachrichtenkonzerne sehr schnell und ziemlich offenerherzig über die Versenkung der „Royal Oak“ und den Angriff auf Firth

of Forth geplaudert. „United Press“ gab als erste Stelle bekannt, dass die 29.000 Tonnen grosse schwer gepanzerte „Royal Oak“ durch einen einzigen furchterlichen Torpedo auf den Meeresgrund befördert wurde. „Associated Press“ schildert den deutschen Sturzbomberangriff auf den Kriegshafen Firth of Forth, beschreibt die ungeheuerliche Schnelligkeit der deutschen Maschinen, die wie ein Blitz aus heiterem Himmel auf die Panzerschiffe und Kreuzer herabstürzten und sich dann noch mit englischen Jagdflugzeugen in einen derartig lebhaften Luftkampf einliessen, dass die Bevölkerung sich mit Ferngläsern bewaffnete, weil sie ein hervorragendes Manöver vermutete. Wir bringen anschliessend noch einige „Transocean“-Telegramme, die durchaus glaubwürdig und aufschlussreich sind, und genau wie die Meldungen der übrigen Nachrichtenbüros in einem ansehnlichen Widerspruch zur ersten Mitteilung der britischen Admiralität stehen, wonach die einzigen Opfer im Firth of Forth eine zerbrochene Fensterscheibe und ein toter Hund gewesen seien.

Was von England selbst zugegeben wird

Amsterdam, 16. (T.-O. — Agencia Allema) Ein am Montag um Mitternacht ausgegebenes amtliches englisches Kommuniqué über einen Luftangriff auf die britische Flottenbasis Rosyth gibt zu, dass ein englischer Kreuzer und ein Zerstörer hierbei schwer beschädigt wurden. Der Kreuzer „Southampton“, das Flaggschiff des zweiten Kreuzergeschwaders, wurde am Vorderschiff von einer Bombe getroffen und schwer in Mitleidenschaft gezogen. Die Opfer unter der Besatzung werden mit drei Mann angegeben. Ausserdem wurde das Admiralsboot und ein anderes Boot, die sich an Bord desselben befanden, versenkt. Auf dem Kreuzer „Edinburgh“ von 10.000 t, ein im Jahre 1938 von Stapel gelassenes und kürzlich in Dienst gestelltes Schiff, wurden,

dem amtlichen Kommuniqué zufolge, sieben Mann getötet. Ernstlich mitgenommen scheint auch der Zerstörer „Mohawk“ vom Typ der grossen 2400-Tonner zu sein, auf dem 25 Mann getötet wurden, wengleich die britische Admiralität auch hinzufügt, dass alle drei Schiffe in der Lage seien, weiterhin Dienst zu tun. Die Zahl der angreifenden deutschen Apparate wird mit 12 bis 14 angegeben. Bei den Luftkämpfen, die sich teils über der Insel May, teils über dem Grenzgebiet zwischen Edinburgh und Dalkeith wie auch über der Küste von Fifeshire nördlich von Forth abspielten, beobachtete die Bevölkerung von Edinburgh diese mit solchem Interesse, dass sie nicht daran dachte, die Luftschutzräume aufzusuchen.

Bericht des Kapitänleutnant Prien

Berlin, 17. (T.-O. — Agencia Allema) Das deutsche U-Boot unter dem Kommando von Kapitänleutnant Prien, das in der Bucht von Scapa Flow die britischen Schlachtschiffe „Ro-

yal Oak“ und „Repulse“ torpediert hat, traf, wie bereits gemeldet, am Dienstagmittag in einem deutschen Hafen ein. Bei seinem Einlaufen wurde es von den auf der Platt-

form am Molenkopf angetretenen Offizieren begrüsst, an der Spitze vom Oberbefehlshaber der Kriegsmarine, Grossadmiral Räder.

Nachdem das U-Boot festgemacht hatte, nahm Grossadmiral Räder die genaue Meldung des Kommandanten entgegen, wie die Versenkung des Schlachtschiffes „Royal Oak“ vor sich ging und wie die schwere Beschädigung und Kampfunfähigkeit des Schlachtschiffes „Repulse“ erzielt worden war. Der Grossadmiral dankte darauf dem U-Boot-Kommandanten und der Besatzung für ihren heldenmütigen Einsatz und überbrachte zugleich den Dank des Führers an die Kriegsmarine und des ganzen deutschen Volkes an die heldenmütigen Männer. Kapitänleutnant Prien gab dann folgende packende Schilderung von der Versenkung der „Royal Oak“:

„Zunächst kamen wir an und sahen da eine Sperre liegen. Wir haben uns durchgemogelt. Als ich drin war, war mein erster Gedanke: jetzt tust du etwas für den Mann, der damals die deutsche Flotte gerettet hat — für Admiral von Reuter. Ich nahm einen Rundblick, sah vor mir im Norden zwei grosse Schlachtschiffe liegen, hielt auf dieselben zu, löste meine Torpedos und war klar zum Ablauf, um wieder rauszukommen. Wir wollten ja nicht den ganzen Krieg über in englischer Gefangenschaft verbringen, wir wollten im Kriege auch noch etwas anderes tun. Als wir schon am Ablaufkurs lagen, hörten wir ein Krachen; wir drehten um und sahen hinter uns eine Wassersäule, und zwar auf dem nördlich, also weiter von uns entfernt liegenden Schlachtschiff — eine Wassersäule, der kurz darauf eine Feuersäule folgte. Einige Sekunden später gab es ein weiteres Krachen auf dem südlich liegenden Schlachtschiff. Eine ungeheure Wassersäule stieg empor, eine zweite, eine dritte blau, rote, grüne — ein unheimliches Feuerwerk. Bruchstücke von Schiffen flogen durch die Luft — Masten, Schornsteine, Brückenteile. Es war so, dass wir sagten, dieses Schiff, das wir eben getroffen haben, ist vernichtet. Kurz danach sahen wir nur noch schwarzen Qualm, und als er sich verzog, konnte ich erkennen, dass hinter dem Schiff, das früher einmal da lag, ein anderes Schiff lag, das mit dem Vorderteil nach vorne weggesunken war. Dieses Schiff hatte zwei Schornsteine, konnte also nicht die „Royal Oak“ gewesen sein. Das andere Schiff mit einem Schornstein und zwei Masten war weg, es war vernichtet und nicht mehr zu sehen.“

Wir haben uns dann sofort mit grosser Fahrt auf Auslaufkurs begeben und uns wieder durch die Sperre hindurchgemogelt. Im Hafen begann eine ungeheure Aufregung. Erst wurde hier und da gemorst, dann erschienen Scheinwerfer. Als wir bereits draussen waren, hörten wir verschiedene Töne, nach denen ich annehmen musste, dass im Hafen noch Wasserbomben geworfen wurden. Der Engländer wird angenommen haben, dass wir noch drin waren. Als ich durch die Sperre hindurch war und meiner Besatzung sagte, ein Schlachtschiff ist versenkt, ein Schlachtschiff beschädigt und wir sind durch, da ist ein Hurra durch das Boot gegangen. Die Besatzung wusste, wir haben jetzt dem Deutschen Reich und der deutschen Kriegsmarine einen Erfolg gebracht, wie er schöner für ein kleines Boot gegenüber grossen Schlachtschiffen gar nicht denkbar ist. Ich kann persönlich nur sagen, der Erfolg war nur möglich mit einer Besatzung, die so hundertprozentig hinter mir stand, wie die Besatzung meines Bootes.“

Zuversichtliche Stimmung im Reich

Berlin, 17. (T.-O. — Agencia Allema) Man spricht in Berlin überhaupt schon nicht mehr von Friedensvermittlungen, sondern die Gespräche drehen sich um das einzige Thema: die Vernichtung der englischen Seemacht. Dem allgemeinen Gefühl nach hat jetzt die dritte Phase des Krieges begonnen. Die erste war der Polenfeldzug, die zweite das Friedensangebot des Führers an die ganze Welt, und die dritte ist das gegenwärtige Duell zwischen Deutschland und England. Als Symptom für diesen Geist und die Ueberzeugung kann man es betrachten, dass der deutsche Rundfunksender seine Sendungen seit dem 1. Oktober nicht mehr mit dem Marsch der Deutschen in Polen beginnt, sondern mit dem Gesang aus dem 19. Jahrhundert: „Wir marschieren gegen England“, dessen Autor Hermann Löns war.

Die neue militärische Aktion nimmt die gesamte Aufmerksamkeit der politischen wie nichtpolitischen Kreise gefangen. Niemand spricht mehr von Verhandlungen, wenn natürlich die Reichsregierung auch mit den Regierungen der UdSSR und Italiens in Kontakt steht. Bedeutsam hierfür ist, dass eine deutsche Persönlichkeit am Dienstag auf Befragen ausländischer Pressevertreter, ob die Friedensvorschläge der Führerrede in Deutschland als Verhandlungsbasis betrachtet würden, die Antwort erteilte, dass bisher keinerlei Symptom dafür vorhanden wäre, dass sich Frankreich, England oder die neutralen Länder dieser Vorschläge bedienen wollten, um zu Verhandlungen zu gelangen. London und Paris hätten die Vorschläge des Führers abgelehnt. Andere Vorschläge würden nicht mehr gemacht werden. Der Führer habe doch in seiner Rede schon gesagt, dass es heute keine Inseln mehr gäbe.

London, 16. (Reuter — Agencia ingleza) Die amtliche Sowjetagentur „Tass“ veröffentlicht heute eine Mitteilung, in welcher kategorisch alle in der ausländischen Presse verbreiteten Nachrichten dementiert werden, wonach grosse sowjetrussische Truppenansammlungen an den Grenzen Afghanistans und des Iran stattfinden.

Ein starkes Herz ist mehr wert, als ein grosses Maul

ep. — São Paulo, den 17. Okt. 1939.

Schon die grössten Philosophen aller Zeiten haben festgestellt, dass es keine absolute Objektivität gibt. Bereits bei den alten Griechen bestanden unter den Göttern Parteien. Der eine Gott hatte diesen Liebling und die andere Göttin jenen Stützling. Und in Götter oder Hass den Menschen gegenüber nahmen sie Partei, raufte einander die Haare und stritten bis zur Vernichtung. Warum sollen wir es gerade besser haben, als die olympischen Gestalten? Warum geben sich eigentlich lebenswürdige Zeitgenossen die Mühe, uns durchaus eine andere Meinung über irgendein Geschehen beizubringen, als wir sie selbst voll innerster Überzeugung in uns tragen? Dabei ist es doch ganz unmöglich, von jenen paraphrasierten Pädagogen Ratschläge anzunehmen, die mit einem Brett vor dem Kopf durch dieses schöne Erdenweid wallen und nichts anderes zu tun haben, als sich an jenen Wesen zu stossen, bei denen sie auch ein derartiges Brett vermuten. Nein, so geht es nicht! Schliesslich stehen wir doch einige Stufen über den Rindviechern und anderen behaarten Wesen aus Gottes grossem zoologischen Garten. Wir legen auch gar keinen Ehrgeiz darauf, mit stur vorgefassten Meinungen in einen Wettbewerb zu treten. Ein verantwortungsbewusster Mensch kennt in jedem Augenblick seine Pflicht. Er wird für jede Tat geradestehen, aber er wird sich nicht das Recht nehmen lassen, seiner ehrlichen, im Herzen verankerten Überzeugung Ausdruck zu geben. Er weiss dabei ganz genau, dass er seine saubere Gesinnung auch dem härtesten Widersacher gegenüber vortragen kann, wenn dessen Meinung ebenso einer klaren Einstellung zur Umwelt entspricht und nicht auf den schmutzigen Machenschaften eines kleinen Intriganten aufbaut. Wir haben an dieser Stelle in den vergangenen Jahren nicht umsonst immer wieder betont, wie sehr eine gerade charakterliche Haltung die innere Voraussetzung für die Stellung eines Menschen in einer nach gleichen Idealen ausgerichteten Gemeinschaft sein muss. Heute sind wir in der glücklichen und vorteilhaften Lage, diesen mahnenden Begriff bei den meisten unserer Freunde als gegeben zu betrachten. Und es ist gut, manchmal verstanden zu werden, wenn auch jene Worte fehlen, die aufrichtigen, heissen, das Herz bewegenden Gedanken das notwendige sprachliche Kleid geben sollten.

*

Von diesen allgemein menschlichen Feststellungen zu den eigentlich politischen ist nur ein ganz kleiner Schritt. Man kann diese politischen Tatsachen auch in dieser Woche nach dem Vorhergesagten wirklich ohne jeden Kommentar bringen. Um die zusammenfassende Beurteilung vorwegzunehmen: die grundsätzliche Entscheidung über die weitere Entwicklung der europäischen Spannung ist gefallen. Zwar in anderem Sinne, als vermutet wurde. Der englische Premier, Mr. Chamberlain, hat in seiner, mit verständlicher Spannung erwarteten Unterhausrede am vergangenen Donnerstag erklärt, dass die Londoner Regierung in des Führers Vorschlägen zur europäischen Neuordnung keine Verhandlungsgrundlage sehe und dass die Alliierten darum den Krieg „bis zum Ende“ fortführen würden. „Die Zeit der Worte ist vorbei, jetzt ist die Zeit der Taten gekommen“, so sagte Mr. Chamberlain wörtlich.

Der Widerhall auf die britische Erklärung war in der ganzen Welt recht uneinheitlich und pessimistisch. Besonders die neutralen Länder hatten die Bekanntgabe der englischen und französischen Kriegsziele erwartet, für welche nunmehr die Millionen des englischen, des französischen und des deutschen Volkes zum Kampf antreten sollen. In Deutschland selbst war die Reaktion auf die Chamberlainrede eiskalt und von einer stahlharten Schlussfolgerung: Britannien hat die Friedenshand des Führers zurückgestossen, es mag nun die Verantwortung für alle kommenden Ereignisse tragen, so war dort die Beurteilung, und diese Meinung übervog auch in den meisten europäischen Hauptstädten.

Eine unmittelbare Folge der genannten Unterhausrede ist der verschärfte deutsche U-Boot-Krieg gegen England. Noch niemals seit dem 1. September herrschte in England und bei seinen Freunden eine düsterere Stimmung als am 14. ds., da die britische Admiralität die Versenkung des 29.000-Tonnen-Schlachtschiffes „Royal Oak“ bekanntgab. Man fragte sich, wie ein derartiger Panzerkreuzer, welcher mit besonderen Torpedoschutzvorrichtungen versehen war, innerhalb weniger Minuten mit 800 bis 900 Mann seiner Besatzung untergehen konnte. Die gesamte Weltpresse erörterte den Fall der „Royal Oak“ bis ins kleinste und kam zu der Feststellung, dass die deutsche Marine wahrscheinlich über Spezialtorpedos verfüge, und dass die Unverwundbarkeit der britischen Flotte der Vergangenheit angehöre.

Und während dieser schmerzliche Verlust noch lebhaft crörtert wurde, traf bereits eine neue Hiobsbotschaft ein. Eines der grössten und modernsten britischen Schlachtschiffe, die 32.000 Tonnen grosse „Repulse“ wurde durch ein deutsches U-Boot bis zur Kampfunfähig- und Hilflosigkeit torpediert. Deutsche Sturzbomberstaffeln flogen an die Ostküste Schottlands und bombardierten im Firth of Forth ein britisches Kreuzergeschwader, das dort Schutz gesucht hatte. Deutscherseits wird eine ganze Liste der versenkten und schwer beschädigten britischen Marineeinheiten veröffentlicht. Darin werden u. a. auch der Flugzeugträger „Ark Royal“ und der Schlachtkreuzer „Hood“ genannt. Der Gesamtverlust an versenkten und kampfunfähig gemachten englischen Kriegsschiffen wird allein für die vergangene Woche auf 60.000 bis 80.000 Tonnen beziffert. Selbstverständlich werden diese Angaben englischerseits bestritten. Aber erfahrungsgemäss ist schon manches Dementi wenige Tage später durch den amtlichen Bericht deutscher U-Boot-Kommandanten oder deutscher Flugzeugführer richtiggestellt worden. Wir gehen gewiss in der Annahme nicht fehl, dass das Reich sich zunächst, ohne grössere Kampfverbände einzusetzen, dennoch mit klarer Entschiedenheit gegen England wendet, in welchem es allein seinen Gegner sieht.

An der Westfront zu Lande ist inzwischen der deutsche Aufmarsch beendet. Trotz aller Riesenmeldungen der deutsch-feindlichen Agenturen ist ein deutscher Angriff gegen die Maginot-Linie noch nicht erfolgt und erst recht nicht der Einmarsch deutscher Truppen in andere Länder, deren Neutralität vom Reich nachdrücklich anerkannt wurde.

In engem Zusammenhang mit dem militärischen Geschehen steht die diplomatische Arbeit des Reiches. Zweifellos werden in den nächsten Tagen neue Besprechungen zwischen Berlin und Moskau bezgl. der Fortsetzung des Krieges durch die Westmächte stattfinden. Italien, das seine volle Zustimmung zur Führerrede gegeben und umgekehrt die Chamberlain-Erklärung heftig kritisiert hatte, steht weiterhin in abwartender Haltung, um sich im passenden Augenblick im Sinne der Friedensfront einschalten zu können. In Moskau weilt immer noch der türkische Aussenminister

Saracoglu. Seit seiner ersten Unterredung mit Stalin und Molotow sind drei Wochen vergangen. Nunmehr sollen bei einer weiteren Zusammenkunft die Besprechungen abgeschlossen werden. Dabei soll seitens der Sowjetunion an die Türkei die glatte Forderung gestellt worden sein, sich von den Alliierten zu trennen und im Ernstfall die Dardanellen gegen jeden „feindlichen Versuch“ zu sperren, ins Schwarze Meer vorzudringen.

Die russisch-finnländische Spannung hält vorübergehend an, aber allgemein wird eine friedliche Lösung aller schwebenden Probleme erwartet.

Deutschland hat mit Bulgarien und Jugoslawien neue Wirtschaftsabkommen unterzeichnet.

Ueberhaupt wird die wirtschaftliche Stellung Deutschlands neuerdings auch in Nordamerika als sehr stark bezeichnet und die geringen Aussichten der Westmächte besonders hervorgehoben, die diese selbst im Falle eines mehrjährigen Krieges gegen das Reich haben.

Besonderes Aufsehen erregte in Nordamerika die Erklärung des bekannten Fliegeroberst Charles Lindbergh, der sich in ganz unmissverständlicher Weise für die Aufrechterhaltung der USA-Neutralität aussprach und auf die Gefahren hinwies, welche der amerikanische Erdteil läuft, falls er sich vor den Kriegswagen der Engländer und der Franzosen spannen lässt.

In allen amerikanischen Ländern hat die englische Weigerung hinsichtlich der Anerkennung einer besonderen Sicherheitszone längs der atlantischen Küste eine ziemliche Verstimmung ausgelöst.

In Europa wiederum sind die neutralen Länder über den britischen Eingriff in ihren Handel sehr erbost und machen von ihrer unfreundlichen Einstellung gegen die englischen Methoden gar keinen Hehl.

Zu einem der gegenwärtig beachtlichsten Kapitel der europäischen Entwicklung gehört die Umsiedlung der deutschen Volksgruppen aus den baltischen Ländern nach den vom Reich zurückeroberten Ostprovinzen des Reiches. Was diese Umsiedlung bedeutet, können wir im Augenblick nur schwach ahnen. Welche schicksalhaften Fragen sie nicht nur für die Bevölkerung im Reich, sondern für das gesamte Auslandsdeutschtum aufwerfen, wird man nach Beendigung dieses Krieges feststellen. Und dass dieser Krieg nicht so lange dauert, wie die Briten wünschen, dafür bürgt auch das Wort des Führers. Die besten Helfer des Führers sind aber nicht die lauten Schreier, sondern alle aufrichtigen charakterfesten Kämpfer mit starken Herzen!

(Aus dem Transocean-Dienst)
(Agencia Alemã)

Das Wichtigste der Woche vom 12. bis 18. Oktober

Nach amtlichen deutschen Mitteilungen haben vereinigte deutsche See- und Luftstreitkräfte in der Nordsee mehrere Kontrollmassnahmen durchgeführt und dabei englische Flottenverbände in die Flucht geschlagen. Die Säuberungsmassnahmen sollen die Einfuhr von gewissen unter die Bannware fallende Handelswaren aus den nordischen Ländern nach Britannien verhindern. Die deutsche Luftwaffe ist über der ganzen Nordsee Herr der Lage.

Das Kraft-durch-Freude-Schiff „Wilhelm Gustloff“ ist als Lazarettsschiff für Verwundete aus dem polnischen Feldzug in Dienst gestellt worden. Der grosse KdF-Dampfer hat die Rote-Kreuz-Flagge gesetzt, fährt aber mit seiner alten Besatzung.

Die englischen Landstreitkräfte in Frankreich unterstehen dem französischen Oberbefehl. Im Zweifelsfalle, so erklärte Kriegsminister Hore Belisha vor dem Unterhaus, kann das britische Kabinett um eine Entscheidung angehalten werden.

Wie aus Berlin amtlich mitgeteilt wird, haben einwandfreie Untersuchungen des deutschen Oberkommandos ergeben, dass die Polen im Krieg Giftgas verwendet haben. Diese Giftgasmunition wurde von England geliefert. Das amtliche deutsche Gatachten veröffentlicht u. a. den Bericht des schweizer Professors Stachelin (Basel), der mehrere schwerverletzte Pioniere untersuchte. Die deutschen Soldaten waren infolge der Explosion von Senfgasminen zum Teil sofort gestorben und in der Mehrzahl lebensgefährlich vergiftet. Der neutrale Gelehrte stellte als Symptom der Todesursache Lungenverfärbung fest. Eingehende deutsche Untersuchungen haben dann zur Entdeckung eines Giftgaslagers in Oxhöft, unweit von Gdingen, geführt. Die Giftgasminen waren kurz vor Ausbruch des Krieges aus England angekommen. Ihre Ausladung war nach den Aussagen polnischer Arbeiter des Nachts erfolgt.

Im englischen Unterhaus wurden heftige Anklagen über die Propaganda- und Zensurmethode der Regierung laut. Die Angriffe der Opposition richteten sich besonders gegen das sogenannte Informationsministerium.

Der englische Aussenminister Lord Halifax lehnte es ab, die englischen Akten über die von England mit Sowjetrussland seit August 1938 geführten Verhandlungen zu veröffentlichen.

Meldungen aus London zufolge sucht man dem Mangel an Militärbekleidung dadurch zu steuern, dass gebrauchte Mäntel von Omnibusschaffnern angekauft werden. Man sieht bereits viele Soldaten mit diesen Mänteln,

gyptens und des Irak von der englischen Herrschaft, kurz die Befreiung aller arabischen Gebiete, interessiert uns. Wir warten auf den Augenblick der Freiheit, der schon nahe ist.

Im Protektorat Böhmen und Mähren ist die Arbeitslosigkeit praktisch beseitigt. Das Ministerium für soziale Hilfe und öffentliche Gesundheit führt in der Statistik für Ende September nur noch rund 9000 Mann als nicht beschäftigt an. Es dürfte sich um nicht einsatzfähige Kräfte handeln.

In Schweden ist die bisher nur als Sport betriebene Elchjagd im Hinblick auf die Versorgung der Bevölkerung mit Fleisch systematisch eröffnet worden. Man rechnet mit einer Fleischanlieferung von über 2 Millionen Kilo. Im vergangenen Jahr wurden 80.000 Elche getötet.

Wieoer wurde ein französischer Flieger, der über deutschem Gebiet im Luftkampf abgeschossen wurde, mit allen militärischen Ehren beigesetzt. Es handelt sich um den Fliegersergeanten Morris Aubert, der wie eine Anzahl seiner Kameraden in der Luftverteidigungszone des deutschen Westwalls den Soldatentod fand.

Das Opernhaus in Posen begann seinen Spielplan nach dem Krieg mit Schillers „Wilhelm Tell“. Damit ist der erste Schritt zur kulturellen Wiederaufbauarbeit in der erneut ins Reich eingegliederten Provinz Posen getan. — Das Krakauer Theater öffnete seine Pforten mit der Aufführung eines volkstümlichen polnischen Werkes. Das grosse Blatt „Illustrierte Krakauer Post“ dankt den deutschen Behörden für das Verständnis, das sie durch die Wiedereröffnung des Theaters bewiesen hätten. In dem gesamten von den Deutschen besetzten Gebiet herrschen wieder normale Zustände. Im ehemaligen westpreussischen Korridorgebiet sind die Strassen bereits soweit ausgebessert, dass der Verkehr zwischen Danzig und Bromberg wieder aufgenommen werden konnte. Desgleichen vollzieht sich die Schifffahrt auf der Unterweichsel im gewohnten Ausmass. An die polnische Schreckensherrschaft erinnern indessen immer noch die langen Listen mit Namen verschwundener Volksdeutscher, die zweifellos zu den vielen meuchlings Ermordeten gehören.

Italienischen Blättermeldungen zufolge haben Mitglieder der früheren polnischen Regierung, die in Rumänien interniert wurden, eine Sitzung abgehalten und beschlossen, die in Paris gebildete polnische Emigrantenregierung als „illegal“ zu bezeichnen.

Eine halbamtliche Verlautbarung aus London geht dahin, dass die englische Regierung die auf der Panamerikanischen Konferenz festgelegte Sicherheitszone nicht anerkennt. England hat eine derartige eigenmächtige Ausdehnung einer Hoheitsgrenze auf dem Meer immer als illegal erachtet.

Unter Vorsitz Lloyd Georges hat sich in London eine sogenannte Friedenskommission gebildet, welche von der gegenwärtigen britischen Regierung eine genaue Erklärung über ihre Kriegsziele wünscht.

Die spanische Zeitung „Aleazar“ beschäftigt sich mit der Chamberlainischen Redewendung, dass „Raub und Gewalt verderbliche Expansionsmittel“ seien und schreibt, England solle die Regierungen Spaniens, Italiens, Ägyptens, Argentiniens und Vertreter der arabischen und indischen Völker einberufen, um ihnen feierlich Gibraltar, Malta, Suez, die Falklandinseln, Mesopotamien, Palästina und die indischen Halbinseln zurückzugeben. Erst dann könnte man von der moralischen Berechtigung der englischen Forderungen an Deutschland sprechen.

In Buenos Aires hat man eine „Verticung zur Rückgliederung der Falklandinseln“ gebildet, der eine Reihe massgeblicher Persönlichkeiten aus allen Berufen angehören.

Der bekannte amerikanische Flieger, Oberst Lindbergh, hat über 133 amerikanische Sender eine aufsehenerregende Rede zur Neutralität der USA gehalten. Er sprach sich darin in unmissverständlichster Weise gegen die von Präsident Roosevelt geforderte Aufhebung des Waffenembargos aus. Amerika müsse sich aus dem europäischen Krieg fernhalten. Es dürfe keine Kredite an die ehemaligen Weltkriegs-Alliierten gewährt werden. Die gegenwärtige europäische Auseinandersetzung werde nicht zur Rettung der Demokratie geführt, sondern stelle einen Machtkampf der europäischen Grossmächte dar. Die Aufhebung des Waffenausfuhrverbots bedeute einen Schritt in Richtung auf den Krieg. Der nächste Schritt würde die finanzielle Unterstützung der Alliierten und der letzte der Einsatz amerikanischer Truppen auf den europäischen Schlachtfeldern sein. Man erwartet von Lindberghs Erklärung weitreichende Auswirkungen auf die Kongressdebatten über die USA-Neutralität.

Nach Mitteilungen der englischen Admiralität wurde das 29.000 Tonnen grosse Schlachtschiff „Royal Oak“ von einem deutschen U-Boot torpediert. Der schwer gepanzerte britische Schlachtkreuzer sank innerhalb weniger Minuten und riss etwa 1000 Mann seiner über 1400 Köpfe zählenden Besatzung auf den Meeresgrund.

Das Oberkommando des deutschen Heeres teilt mit, dass der englische Panzerkreuzer „Repulse“ (32.000 Tonnen) bei einem Torpedangriff schwer beschädigt wurde. Dieses Schlachtschiff war erst vor wenigen Monaten völlig modernisiert und mit neuen Maschinen versehen worden. — Der 9200 Tonnen grosse englische Frachtdampfer „North Haven“ wurde im Atlantik von einem deutschen U-Boot mit vollem Erfolg torpediert.

Die ersten deutschen Umsiedler aus Lettland haben am vergangenen Sonntagabend per Schiff den Rigaer Hafen in Richtung auf Gotenhafen (Gdingen) verlassen. Dieser erste Transport umfasst 480 deutsche Auswanderer. Insgesamt werden 60.000 Deutsche aus Lettland in die Ostprovinzen des Reiches gebracht.

Die erfolgreichen Angriffe deutscher U-Boote und Sturzbomberstaffeln auf die britische Heimatflotte wird von deutscher Seite als die rechte Antwort auf die herausfordernde Rede Chamberlains bezeichnet. So schreibt das „Hamburger Fremdenblatt“, dass der Seekrieg überhaupt kaum begonnen habe und dass aus vielfachen Gründen das Reich die ihm zur Verfügung stehenden Waffen noch gar nicht mit ihrer vollen Kraft eingesetzt habe. Der Verlust der grossen Einheiten wie „Courageous“, „Ark Royal“, „Royal Oak“, „Hood“, „Repulse“ und anderer Schiffe habe die Macht der Home Fleet in der Nordsee auf eine klare Verteidigungsstellung beschränkt.

Der schwedische Forscher Sven Hedin wurde am Montag vom Führer in der Reichskanzlei empfangen.

Nach amtlicher deutscher Mitteilung sind alle britischen Propagandamethoden zwecks Nachweis der schwachen deutschen Wirtschaft besonders hinsichtlich der Versorgung mit flüssigen Brennstoffen eitle Wunschträume. Das Reich verfügt sowohl über eine erhebliche künstliche Herstellung von Benzin und Schmierölen aus Kohle sowie über grosse in den vergangenen Jahren eingeführte Reserven an Brennstoffen. Gewaltige Benzinlager sind den Deutschen auch bei ihrem schnellen Vormarsch in Polen in die Hände gefallen.

Am ersten Sonntag im Kriegswinterhilfswerk 1939/40 wurden im Reich 890.000 Mark gesammelt.

Amtliche deutsche Stellen wenden sich scharf gegen das Zweizeilen-Dementi des britischen Informationsministeriums, wonach England niemals Giftgas nach Polen geschickt habe.

Nach amtlicher deutscher Mitteilung wird Chamberlain nicht nur als ein skrupelloser Kriegstreiber, sondern als ein eben solcher Verbreiter von Unwahrheiten bezeichnet. So hat der englische Premier in seiner letzten Rede erklärt, dass der Führer die Friedensvorschlüsse Mussolinis am 2. September abgelehnt habe. Hierzu wird deutscherseits mit aller Schärfe festgestellt, dass die Vermittlungsvorschläge des Duce sowohl von Frankreich wie von Deutschland angenommen wurden, aber von England zurückgewiesen, das darüber hinaus Frankreich unter Drohung gleichfalls zur Ablehnung zwang.

Zur Internationalen Oktobermesse in Wien, die einen überraschend starken Besuch aufweisen hat, haben sich viele in- und ausländische Käufer eingefunden, letztere vor allem aus den südosteuropäischen Staaten.

In Danzig-Neufahrwasser wurde ein gros-

ses Durchgangslager für die bevorstehende Rückwanderung der Deutschen aus dem Baltikum geschaffen. Ebenso wurde in Gotenhafen eine Zentralstelle für die Volksdeutschen aus Lettland, Estland usw. errichtet.

Immer noch werden bei den Aufräumarbeiten in Polen zahllose ermordete Volksdeutsche aufgefunden, die von den Polen nur dürftig in grossen Massengräbern verscharrt wurden. Die ermordeten Deutschen standen im Alter von 10 bis 75 Jahren.

Der französische Bürger Theodore Stiquet aus der Stadt Charité wurde zu drei Monaten Gefängnis verurteilt, weil er erklärt hatte, dass er den Zweck des Krieges nicht begreife.

„Gazzetta del Popolo“ berichtet aus London von zahlreichen Versammlungen, in welchen der bekannte Politiker Oswald Mosley die Haltung der Chamberlain-Regierung ausserordentlich scharf kritisierte. Er sagte wörtlich: „Wir wollen eine Regierung, die nicht ohne weiteres bestimmen darf, dass das Leben einer Million oder noch mehr junger Engländer dem Zufall preisgegeben ist. Dies ist keine Regierung, denn nur das Volk allein darf über Krieg und Frieden entscheiden. Es ist irrig zu sagen, wenn wir heute mit Hitler verhandeln, dann bedeute dies ein Prestigeverlust. Es wäre ja nicht das britische Volk, das niemals befragt wurde, welches sein Prestige verlieren würde, sondern die wenigen Berufspolitiker und Exponenten eines korrupten Systems.“ Der Krieg werde nicht für die Demokratie, sondern zugunsten der Finanzen geführt.

In Quebec (Kanada) gerieten Teilnehmer einer Wahlversammlung bei der Debatte über die Beteiligung des Landes an dem europäischen Krieg in ein Handgemenge. Die Kanadier französischer Abstammung behielten, dem Telegramm aus New York zufolge, über ihre englandfreundlichen Landsleute die Oberhand.

Dem Heeresbericht des deutschen Oberkommandos zufolge haben die Franzosen den wenige Kilometer breiten Gebietsstreifen in der Umgebung von Saarbrücken wieder geräumt und sich über die Grenze zurückgezogen.

Während die grosse Umsiedlungsaktion der 80.000 Deutschen aus Lettland sowie der 16.000 Deutschen aus Estland bereits begonnen hat, und ihren reibungslosen Ablauf nimmt, ist in Moskau eine deutsche Abordnung eingetroffen, um mit den zuständigen Stellen über die Umsiedlung 150.000 deutscher Bauern, die bisher in Ostpolen ansässig gewesen sind und heute Russland unterstehen, die notwendigen Abmachungen zu treffen. Alle deutschen Bauern aus Ostgalizien, Wolhynien sowie dem Bezirk Bialystok sollen in Posen und Westpreussen angesiedelt werden, von wo die Polen seit 1918 mehr als 1 Million Deutsche vertrieben haben.

nition. So stehen zahlreiche Batterien dieser kleinen gefährlichen Dinger rings um die Weite des Platzes, jedes getarnt und gut gedeckt gegen Splitterwirkung. Soweit die Bedienungsmannschaften nicht gerade Zielübungen machen oder blitzschnellen Rohrwechsel üben, was in wenigen Sekunden geschieht, liegen sie in Ruhestellung. Sie plaudern, essen, trinken und schlafen und stürzen sich gierig auf jedes neue Zeitungsblatt. Wenn wir doch jetzt mit in Polen dabei sein könnten! So denken Offizier und Mann. Sie trösten nur der eine Gedanke, dass sie hier ebenso wichtig sind.

Wir verabschieden uns von der leichten Flak, mit der auch Dächer und Türme bestückt sind, und besuchen einmal die schweren Kaliber, die kilometerweit von dem Platz mitten in freiem Gelände stehen. Ein kleiner Birkenwald ist hier auf einem Kartoffelacker innerhalb weniger Tage gewachsen. Bäumchen steht neben Bäumchen und deckt nicht nur die schweren Geschütze, deren emporgereckte Rohre mit Reisig umwunden sind und nun sturmzerzausten Baumresten gleichen, sondern auch die Kommandogeräte, Entfernungsmesser und Hilfsgeräte, die nun einmal zu solcher Feuerstellung gehören. Auch hier Umarmungen von Munition. Nur drei Granaten fasst jeder Korb. Griffbereit liegen die ersten unmittelbar an den Geschützen. Die anderen lagern in tiefen Gräben, gesichert gegen feindliche Bomben, wenngleich dies

nicht sehr wahrscheinlich ist, dass der Feind sich hier dicht heranwagt. Und gegen etwaigen Tieffliegerangriff schützen noch zwei Schnellfeuerkanonen in nächster Nähe. Wir wissen nicht, was wir mehr bewundern sollen, die Kompliziertheit der Apparate, die mit geradezu unheimlicher Genauigkeit blitzschnell nur von Hand und Auge gelenkt schwierigste Rechenaufgaben lösen, deren tastende Zeiger auf den Meter genau Höhen und Entfernungen zeigen, die sie dann den Geschützen zusenden, oder die Männer, die diese Apparate bedienen, ruhig und sicher, ohne Aufregung und Hast, als wenn sie im Leben nie etwas anderes getan hätten. Dabei sind die Mehrzahl Reservisten seit wenigen Tagen erst zu den Fahnen gerufen. „Wie gefällt es euch hier, Kameraden?“ Der Frage hätte es nicht bedurft, denn die Antwort geben schon ihre strahlenden Gesichter. Sie fühlen sich wohl hier draussen und warten nur auf den Feind, denn dazu sind sie ja hergekommen.

So warten die Männer von der leichten und schweren Flak ab, was kommt. Jetzt braten sie Hühnchen, die ihnen die Bauern schenken, über offenem Feuer, machen sich neben der Feldküchenverpflegung Bratkartoffeln und Spiegelei und sind nicht nur dabei rechte Soldaten, sondern auch in Geist und Haltung. Das haben uns nicht nur die Offiziere bestätigt, das haben wir bei unserem Besuch selbst gesehen und selbst erlebt.

Wochenschau hierzulande

Das Nationale Propagandaamt bereitet bereits jetzt mit einer Reihe von Vorträgen im Rahmen der „Hora do Brasil“ die brasilianische Bevölkerung auf die Feier des 50. Jahrestages der Erklärung der Republik am 15. November vor.

Der landwirtschaftliche Bundesdienst teilt mit, dass die Agentur der dänischen Reederei J. Lauritzen von Kopenhagen in Rio eine Flotte von Handelsdampfern, die mit Kühlräumen ausgestattet sind, für den Fruchttransport auf der Strecke Rio—Buenos Aires in die Wege geleitet hat.

Während im August ds. Js. aus dem Hafen von Santos 325 Schiffe mit einer Gesamttonnage von 998.439 Bruttoregistertonnen ausgefahren sind, betrug dieser Schiffsverkehr im September nur 245 Schiffe mit 614.351 Tonnen. Inzwischen haben allerdings die italienischen Dampfer den regelmässigen Verkehr wieder aufgenommen.

Wie der Kapitän des am 10. ds. Mts. in Rio eingetroffenen britischen Ueberseedampfers „Highland Brigade“ einem Zeitungsvertreter mitteilte, ist seine Reise ohne Zwischenfall verlaufen. Der Dampfer hat sogar zwei Tage lang im Atlantik Übungsschüssen auf improvisierte Ziele veranstaltet.

Der Leiter des brasilianischen Informationsbüros in New York hat dem Direktor des Nationalen Amtes für Industrie und Handel in Rio eine Anzahl Artikel bezeichnet, welche die Importeure in den Vereinigten Staaten und in Kanada im Falle gebührender Qualität jetzt aus Brasilien statt wie bislang aus Europa und Asien zu beziehen wünschen. Darunter befinden sich folgende Produkte: Glaswaren, kleine Aschenbecher, Papierwaren, Schmuckvasen, kleine Servierteller und Nadelkissen, Holzwaren, Neuheiten aller Art, Intenfassbehälter, Sohlen für Sandalen, Besen- und Bürstentiele, sowie an Lebensmitteln Teigwaren, Gemüsekonserven, Käse, Gefrierfleisch, Fleischkonserven, Kompotte u. a.

Mehrere nationale Dampfer haben in den letzten Tagen aus Rio Grande do Sul erhebliche Mengen Kohle für die Zentralbahn nach Rio gebracht.

Auf Anfrage eines Industriebetriebes in Minas wegen Durchführung der Sonntagsarbeit wurde vom Arbeitsminister unter Hinweis auf Artikel 5 des Bundesdekret Nr. 21.364 erklärt, dass industrielle Fabriken ohne Unterbrechung arbeiten können, wenn ein Ablösungssystem der Arbeitergruppen besteht, wonach jedem Arbeiter und Angestellten das

Recht auf einen Ruhetag in der Woche gewahrt bleibt.

Der Pressedienst des Aussenministeriums gibt bekannt: „Als der Itamaraty die Nachricht von der Errichtung der polnischen Regierung in Paris erhielt, gab er dem Minister Brasiliens in Warschau Anweisung, sich nach Frankreich zu begeben, um weiterhin seine Funktion bei der polnischen Regierung auszuüben. Herr Joaquim Eulalio do Nascimento e Silva reiste, nachdem er den ihm zustehenden Urlaub in Athen verbracht hatte, nach der französischen Hauptstadt, um seinen Posten zu übernehmen.“

Der italienische Ueberseedampfer „Neptunia“ war mit nahezu 2.000 Reisenden am Sonnabend in Rio eingetroffen. Unter ihnen befand sich auch der Marineattaché der Deutschen Botschaft in der Bundeshauptstadt, Kapitän Adelmann. Die „Neptunia“ hatte trotz einer Fahrpreiserhöhung von 75 v.H. so viel Passagiere für die 1. Klasse, dass diese dort keineswegs ganz untergebracht werden konnten und in der Einheitsklasse reisen mussten. In Gibraltar wurde das Schiff von einem englischen Torpedoboot angehalten und sämtliche Pässe der Passagiere sowie die Ladung des Schiffes kontrolliert.

Laut Dekret des Bundespräsidenten wurden alle im Lande bestehenden Fliegerorganisationen dem Aeroclub do Brasil unterstellt. Der Aeroclub hat das Recht, die Arbeit der übrigen Fliegergemeinschaften zu überprüfen und über ihr Weiterbestehen zu entscheiden.

Ein päulstaner Nachmittagsblatt erhielt von seinem Rio-Vertreter die Mitteilung, dass die Gründung der sogenannten Zentral-Emissionsbank zunächst zurückgestellt wurde. Diese Institution sollte bekanntlich aufgrund des von dem Aussenminister, Herrn Oswaldo Aranha, während seines Besuches in den Vereinigten Staaten geführten Verhandelns einen Kredit von 50 Millionen Dollar von dem nordamerikanischen Staatsschatzamt erhalten. Mit Finanzsekretär Morgenthau war bereits eine schriftliche Vereinbarung erfolgt. Jedoch ist die brasilianische Regierung jetzt der Meinung, dass sich durch den europäischen Krieg die internationale Lage und die allgemeinen wirtschaftlichen Verhältnisse so geändert haben, dass es bis auf weiteres nicht ratsam ist, Verpflichtungen in dieser Höhe zu übernehmen. Dennoch wird in Finanzkreisen der Bundeshauptstadt betont, dass der Gedanke an die Gründung des Banco Central de Emissão nicht aufgegeben werden dürfte, da diese Einrichtung zwecks Stabilisierung des Milreis notwendig sei.

Die Volksdeutschen in der Sowjetunion

Der Nichtangriffspakt des Reiches mit der Sowjetunion lenkt unsere Blicke hinüber zu den Hunderttausenden von Volksdeutschen, die in dem grossen, weiten Reich der Sowjetunion auch heute noch leben. Ihre Zahl ist seit der Vorkriegszeit aus vielen Ursachen erheblich zurückgegangen. 1926 betrug sie nach der amtlichen Zählung noch 1.238.000. Davon waren rund fünf Sechstel, nämlich 1.053.780 Bauern. Gerade diese deutschen Bauern haben sich, allen Zeitstürmen zum Trotz, behauptet. Ihre Vorfahren hatten im harten, verwegenen Kampf gegen Steppe und Urwald ihr Dasein einer widrigen Natur abgetrotzt. War es ein Wunder, dass ihre Nachfahren mit der gleichen Zähigkeit ihrer Scholle verhaftet blieben.

Im südlichen Russland sind die deutschen Siedlungsgebiete sehr zahlreich. Es ist eine grosse Kette von Siedlungen, die sich von der Pontischen Steppe über das Kaukasus- und Dagestanie bis zur Wolga hinzieht. Aber selbst da findet sie noch keinen Abschluss. Erst im Ural und in Westsibirien verläuft sie sich.

Die Geschichte aller dieser Siedlungen beginnt mit dem Vordringen des Zarismus nach Süden am Ende des 18. Jahrhunderts. Man hatte weite, menschenleere Steppen erobert, aber wer sollte sie besiedeln? Man brauchte Menschen, die tüchtig genug waren, Bauern und Krieger gleichzeitig zu sein. So wurden deutsche Bauern von der Zarin Katharina II. unter grossen Versprechungen ins Land geholt. Zunächst waren es 15.000, die in 104 Dörfern von 1764 bis 1773 bei Saratow an beiden Ufern der unteren Wolga angesiedelt wurden. Man gab ihnen freie Landwahl, zehnjährige Steuerbefreiung, Befreiung vom Militärdienst und freie Religionsübung.

Fast gleichzeitig entstanden wolgaabwärts die Kolonien um Sarepta bei Zarizyn. Die Aufbauarbeit war nicht leicht, war sie doch immer wieder Störungen durch nomadische Turkvölker unterworfen. Eine geordnete Feld-

arbeit war nur möglich, wenn sich grössere Gemeinschaften zusammenfanden; denn nur dann konnten räuberische Ueberfälle mit Erfolg abgewehrt werden. Verschieden war auch das Land an der Wolga. Man unterschied die Bergseite, das rechte Wolgaufer und die Wiesenseite mit den waldlosen Ebenen.

Um die gleiche Zeit siedelten sich 423 Bauernfamilien aus der Danziger Niederung in 18 Dörfern am Dnjepr an. Das war der Anfang der Besiedlung der Schwarzmeeressteppe. Westlich von Odessa begründeten Elsässer und Badenser neue Siedlungen. Auch in der Krim förderten deutsche Bauern den Anbau von Weinstöcken und Maulbeerbäumen. In den Notjahren 1816—17, kurz nach den napoleonischen Kriegen, zogen wiederum 6000 Deutsche donauabwärts nach dem Osten. Sie kamen der russischen Regierung mehr als gelegen, wieder dienten sie als Vortruppe erster Kultur. In der Umgebung von Tiflis, an der Senke des Steppenflusses Kura, gründeten sie erste fünf Dörfer. Unter den Händen dieser schwäbischen Bauern entstanden bald Musterwirtschaften, die sich hauptsächlich dem Weinbau und der Viehzucht widmeten. In solchen Kolonien entstand aus der Zwangslage der Arbeit heraus der bekannte Spruch: Der Erste arbeitet sich tot, der Zweite leidet not, der Dritte erst hat Brot. Erst die Enkel erreichten aus der fruchtbaren Schwarzerde eine gute Ernte.

Verwaltungsmässig ähnelten sich die verschiedenen deutschen Kolonisationsbezirke sehr. Dem Kontor für Ansiedler der „Tuterkanzlei“ waren Kreise unterstellt, die ihrerseits wieder aus einer Anzahl von Dorfgemeinschaften mit Selbstverwaltung bestanden. Eine Gemeindeversammlung und ein Ortsgericht nach Art des Schulzenwesens bildeten die Selbstverwaltung. Dem russischen Prinzip der Landumteilung an jeden männlichen Erben setzten die deutschen Siedler so lange wie möglich Widerstand entgegen.

Flak: Stets bereit zum Feuerüberfall

Motoren brummen und heulen. Flieger und Monteur gehen in grösster Ruhe zu den Maschinen, um sie noch einmal zu überprüfen. Jede Minute können feindliche Flieger auftauchen, besser gesagt sie könnten es, wenn die Flak nicht wäre, die Männer mit den roten Spiegeln und mit ihren vorzüglichen Waffen. Sie schützen selbst den gefährlichsten Flugplatz gegen die schnellsten und gefährlichsten Gegner.

„Können Sie schon die Geschütze sehen?“ fragt der Major hart am Rande des Flugfeldes und beschreibt mit dem Arm einen weiten Kreis. Viel ist es nicht, was ich erblicke, oder besser noch, was ich da errate. So gut getarnt ist jedes Geschütz. Kaum 20 Meter vor uns steht eine 2-Zentimeter-Kanone sorgfältig mit Zelten und Planen gedeckt. Dicht daneben ein Unterstand und mit Rasenlaschen gesicherte Lager für die Mu-

D. T. D.
Deutscher Sportclub Canindé - Turnerschaft von 1890
Verein „Donau“

Morgen und übermorgen findet das

Grosse Volksfest

zugunsten unserer nofleidenden Volksgenossen

unter dem Schutz des deutschen Generalkonsuls Dr. Molly
auf unserem Sportplatz in Canindé statt

Das grosse Fest der deutschen Kolonie in São Paulo

Ainda não está perdida a Polonia!

kt. — A secular „questão poloneza” deu de novo motivo para numerosas apreciações de valores, que, em silêncio, fomos registando durante dous mezes. Entretanto, depois que a questão chegou a uma solução, ao menos provisória, mercê do convenio entre a Alemanha e a Rússia, e dado que o caminho para um definitivo expurgo dos antagonismos, pelo principio do respeito em face da nacionalidade constituída e dos seus direitos vitais naturais, se delinea em contornos cada vez mais nitidos, não queremos participar da polemica, sim, porém, analysar, rapidamente, as afirmações mais frequentemente repetidas.

Abstemo-nos de nos occupar, neste particular, da disputa em torno da questão da culpa. Quem competente já tratou, com toda a precisão desejada, da questão por que a guerra entre a Alemanha e a Polonia se tornou inevitável; e quem hoje ainda não conhece os homens responsáveis, terá de suajar-se ás fadigas de ler alguns Livros Brancos, bem como varios discursos dos estadistas interessados, confrontando suas explanações.

Os motivos da contenda sangrenta são muito mais profundos que a causa em que não podemos ver nada mais que o resultado do jogo diplomatico dos Estados europeus e de alguns grandes grupos de interesses. Esses motivos têm, antes de tudo, correlação com a situação geographica da Polonia.

A Polonia — chamamos assim o territorio cerrado de população poloneza e não o Estado polonez, cuja extensão se viu sujeita a multipas transformações, no transcurso da historia — a Polonia é, mais ainda que a Alemanha, um paiz central. Suas fronteiras são de difficil definição e só se acham nitidamente accentuadas e protegidas ao sul pela cordilheira dos Carpathos, precisamente no ponto em que o territorio carece o menos de uma protecção natural. A oeste, as fronteiras se perdem na planicie nordestina alemã, a leste, na amplitude do espaço russo. Ao norte, attingem o mar, numa nesga estreita, apenas através de recentes nucleos de idioma em zona cachuba e alemã, mar esse, cujas sahidas para o oceano aberto o adversario consegue fechar facilmente em tempo de guerra. A oeste e a leste, acham-se domiciliados grandes povos, alemães e russos, que circundam quasi toda a região em que se fala o polonez e que conseguem defender poderosamente seus proprios interesses. As demais fronteiras com os tchecos, slovacos e lithuanos são, em verdade, insignificantes quanto á sua extensão, devem, entretanto, ser defendidas na continua luta pela lingua, desempenhando, porisso, também um papel politico.

De uma tal situação geographica resultam, forçosamente, complicações com os vizinhos, caso os limites do Estado se estendam além das fronteiras ethnicas, caso os povos estranhos ou partes destes no conjunto estatal vejam limitados os seus direitos, e, finalmente, caso o povo do Estado seja, politica e economicamente, incapaz de manter a ordem em sua propria casa.

Que ha a dizer acerca destas condições? Antes de mais nada: Desde que se conhecem polonezes, estes têm sido conquistadores e imperialistas, para qualificarmos a coisa mediante uma expressão frequentemente mal empregada hoje em dia. Toda vez que se lhes offerecia oportunidade, sahiam do espaço do seu domicilio, em busca de conquistas. Na idade média, pertenceu-lhes, temporariamente, a Pomerania. Todavia, na Pomerania achavam-se fixados slavos e, mais tarde, alemães; não, porém, polonezes. Quando a Ordem alemã perdeu a Ermlandia de hoje, Dantzig e a região do corredor, a Polonia estendeu seu poderio, durante seculos, sobre alemães e cachubos. A Prussia Oriental, que durante muito tempo se vira convertida em feudo polonez, jamais foi habitada por polonezes, porém pelos prussianos, que têm afinidades com os lithuanos, e por alemães. No seculo 17, na época de sua maior extensão, o imperio polonez abrangia varias vezes tanto quanto representava a Polonia propriamente dita. A fronteira seguia em direcção norte da ilha de Oesel para o lago de Peipus; para o lado sudeste, até ás cabeceiras do Ugra; ao sul, estendia-se até ao baixo Dnieper; a seguir, rumava para oeste, até ao sul de Cracovia, a partir de onde ella coincidia, até ao Mar Baltico, aproximadamente com os limites de 1919. Pelas regiões dependentes, o Estado polonez chegou a attingir, passageiramente, o Mar Negro. Naquelle imperio, as „minorias”: lettos, lithuanos, russos brancos, ucranianos, judeus e alemães representavam a grande maioria. As tres celebres partilhas da „Polonia”, em 1772, 1793 e 1795, entre a Russia, a Prussia e a Austria, significavam, portanto, em primeira linha, a desarticulação de um Estado de nacionalidades sem vitalidade. O proprio desmembramento do territorio polonez era mais um phenomeno secundario, provocado por circunstancias de que um polonez brioso não gosta de se lembrar.

Ao resurgir o Estado polonez, depois de mais de um seculo — foi isso na guerra mundial, em 1916, respectivamente, 1918 — elle

deveu sua resurreição tão somente ás armas alemãs e, depois do desmoronamento da Alemanha, ao auxilio inglez e francez. Dos 35 milhões de habitantes do Estado polonez, cerca de 21 milhões eram polonezes e 14 milhões ucranianos, russos brancos, judeus, alemães e demais minorias. A 100 habitantes correspondiam 64 polonezes e 36 individuos de outras nacionalidades. No Reich grão-alemão, inclusive o Protectorado da Bohemia e Moravia, a proporção é de 90 alemães para 10 não-alemães. São isto algarismos que deveriam dar que pensar ao adversario jornalístico do supposto „imperialismo alemão”. Havia na Europa, depois de Versalhes, apenas um Estado em que o povo do Estado era numericamente menor, isto é, a Tchecoslovaquia.

Na extensão em que se puder acompanhar, de éas remotas até hoje, o evoluir dos Estados, notar-se-á, que sempre houve povos que dominavam os outros, e para o futuro isso não será diferente. Os persas representavam uma minoria no imperio persa; os romanos, no imperio romano; os inglezes dominam hoje sobre o decuplo em povos estranhos; e dos 100 milhões de „francezes” do actual imperio gaulez, mal 40 milhões são francezes nacionaes, o que sobra são berberes, arabes, negros, asiáticos, indianos e outros. Longe de nós, applicar a esse phenomeno outra escala que não seja a da historia. Esta ensina, contudo, que o direito ao dominio só cabe ao povo que fôr capaz de processar a fusão dos individuos de tronco ethnico estranho, através da influencia pacifica de uma cultura sobrepujante, ou que lhes conceda um direito ao livre desdobramento do seu facies proprio dentro do quadro do systema estatal ao qual se acham subordinados. No antigo imperio polonez, bem como na Republica poloneza, após a guerra, não occorria nem uma coisa nem outra. Em parte, os polonezes eram culturalmente inferiores ás suas minorias, e em parte não se mostravam, em todo caso, superiores a ellas. Partindo da noção desta fraqueza, elles se empenharam numa polonização por meio de processos violentos, applicando nisto os meios inadequados. A consequencia foi, porém, também, a alegria com que as tropas alemãs e russas foram saudadas por mais de 10 milhões de seres que os receberam entre expansões de jubilo, como libertadores. O esphacelamento surpreendentemente rapido da Republica poloneza, cuja sorte estava decidida logo uma semana depois de iniciada a luta, deve-se attribuir, ao lado da capacidade dos soldados alemães, também á conducta dos polonezes para com seus concidadãos não-polonezes. Quem hoje falar em telegrammas e em longas séries de artigos, até á exhaustão, do „martyrio polonez” e da „luta heroica contra a barbaria alemã” não consegue reportar-se á verdade historica. Honremos a quem honra merece. Não nos esqueçamos do heroe polonez e do defensor de sua terra. Mas, honra também ao soldado que, empenhando-se decisivamente, libertou milhões de seres humanos, cruelmente oprimidos, da servidão, tornando sua vida de novo digna de ser vivida.

Com isto tocamos rapidamente nas condições intra-politicas no antigo Estado polonez e na Republica versalhana. Se, entretanto, quizermos comprehender inteiramente a dissolução do Estado no seculo 18 e o actual rapido desmoronamento, não devemos esquecer, que os polonezes sempre se mostraram incompetentes para dirigir o seu Estado e sua economia. Ao lado da tyrannia para com os elementos de outras nacionalidades, desenvolveu-se um liberalismo que aberrava de toda a razão e que encontrava sua expressão eloquente no „liberum veto” da antiga dieta poloneza, que consistia no principio de que as decisões dependiam da unanimidade de votos. O „adocimento” provocado por liberdade em demasia” foi a causa mortis do velho Estado. Tudo servia o interesse individual, nada o interesse colectivo. Obrigou-se a um dos reis, Jan Casimiro, a se casar com a viúva do seu irmão, afim de poupar ao reino as despesas da manutenção de duas rainhas. Aquelles que trahiam o paiz por dinheiro, e, por fim, mesmo os proprios reis, eram uns e outras, a principio, e, depois, partidos inteiros. Existem relatorios elucidativos de diplomatas estrangeiros da época das partilhas, os quaes descrevem esse estado de cousas; paga a pena ler, sobretudo, as

exposições dos embaixadores inglezes e francezes.

A situação politica correspondia a situação economica. Desde o seculo 16 que se accumulam as queixas contra a desordem progressiva. A slachta, a nobreza da provincia, numericamente forte, levava, no seu inicio, uma vida a custa dos camponeses; mais tarde, ella propria empobreceu e embruteceu. O rei Estanislau Leszczynski, que falleceu em 1766, sogro de Luiz XV da França, qualificava seu reino de „unico paiz em que a massa do povo se acha privada de todos os direitos da humanidade”. Uma phrase poloneza corrente na época da dissolução dizia: „A Polonia mantem-se pelo desleixo”. A expressão alemã da „desordem poloneza” também não é nenhuma invenção da pura phantasia.

Frederico, o Grande, teve seu juizo a respeito do seu „Canadá” de „semi-selvagens”, ao adquirir e tomar sob sua protecção, em 1772, a Prussia Occidental, dizendo que considerava o Canadá tão moralizado quanto essa Polonia que não se podia comparar com nenhum outro paiz europeu. Lemos nos documentos daquelles dias: „Nenhuma ordem, tudo fora dos eixos. Culm, por exemplo, figurava como tendo 800 casas, e nem sequer existiam cem.” A cidade de Bromberg, contava 600 habitantes. A respeito da região do affluente Netze sabemos: „As terras desertas e abandonadas; as raças de gado pessimias e degeneradas; os instrumentos agricolas nuni imperfeitos; com excepção da relha, tudo na churrua é desprovido de ferro; os campos exgotados, invadidos pela herva daninha e cheios de pedrouços.” As casas de morada estavam, em geral, „em condições precarissimas, parecendo-se mais com estabulos.” Os camponeses das possessões viviam na escravidão, situação esta da qual os libertou immediatamente Frederico, o Grande. Não existiam nem uma hurguezia poloneza, nem um artesanato polonez. Foi esse o resultado de trezentos annos de dominio polonez.

O paiz floresceu, no decorrer de quasi 150 annos, tornando-se um celeiro da Europa, depois que, em 1772 e 1793, veio de novo parar debaixo da administração alemã; em cidades ricas movimentava-se uma burguezia soberba. Entretanto, 25 annos depois de Versalhes bastaram para destruir o paiz em sua estrutura economica e cultural, instigando

odio sangrento entre os cidadãos e convertendo-o em um dos focos de conflagração da Europa.

Esta exposição tornou-se necessaria, afim de banir um quadro unilateral e falso que serve fins politicos que nada de common têm com a sorte da Polonia. O que é certo é que o povo polonez tomou sobre si boa somma de culpa. Não raramente deixou mão livre aos elementos mais perniciosos, assim, por exemplo, na oppressão das minorias. Andou, mais que outros povos, ao eneaço de illusões perniciosas. Não encontrou energias para enxotar uma camada de conductores incompetentes e inconscientes, convertendo-se assim em joguete dos interesses de uma politica alheia.

Enfim, não se pôde fugir á realidade historica de que o povo polonez existe e ali está. Só que a cousa não gira hoje em torno da questão sobre si se deve estabelecer para esses supostos pioneiros da civilização, da humanidade e de instituições politicas libertadoras, através de um sacrificio de homens de proporções inimaginaveis, as fronteiras do seu Estado de nacionalidades versalhano ou dilatando-as ainda além da Prussia Oriental e até ao rio Oder, afim de ampliar ainda mais o foco de conflagração. Hoje só se trata de saber, como é que se pôde transformar esse foco de perturbações, o mais depressa e o melhor possivel, de novo em um foco de cultura e de tranquillidade. Só se deve pensar actualmente de como fazer evoluir do odio a comprehensão e o respeito pelo direito do proximo, de como converter a oppressão em paridade de direito vital para todos que, afinal de contas, se vêem obrigados a viver, lado a lado, no mesmo espaço.

A Polonia sempre fracassou, quando se viu senhora do seu destino e também do dos seus vizinhos. Ella se arrastou, constantemente, de um embaraço a outro, de uma difficuldade a outra difficuldade ainda maior. O povo polonez será, entretanto, como todos os povos, em boa parte, aquilo que o seu governo fizer delle. Vae elle provar agora, restringido ao espaço do seu domicilio nacional, sob melhor orientação, se aprendeu algo de sua propria historia, se conseguirá converter sua desgraça em energia e se está disposto a dar, apoiado ao seu vizinho maior, sua contribuição para a implantação de uma nova e melhor ordem na Europa, ordem esta que, firmada na justiça e no respeito reciproco, assegure uma paz salutar e solida.

Assim, a Polonia ainda não estará perdida e a Europa ver-se-á enriquecida de mais uma bençã.

Amerika will kein Kanonenfutter sein

Und ist entschlossen, seine Rechte und seine Interessen mit aller Kraft zu verteidigen

In oer in São Paulo erscheinenden Nachmittagszeitung „A Gazeta” fanden wir unvermutet am 16. Oktober den nachstehenden bemerkenswerten Aufsatz:

„Die britische Presse hat den Gedanken der Einrichtung einer amerikanischen Sicherheitszone, so wie sie auf der Panama-Konferenz vorgeschlagen wurde, missgünstig aufgenommen. Unsere Länder sind bekanntlich übereingekommen, dass innerhalb einer bestimmten Grenze zu beiden Seiten der Küste keine Handlungen irgendwelcher kriegführenden europäischen Mächte geduldet werden sollen. Sie haben gleichfalls beschlossen, Nahrungsmittel nicht als Kriegskonterbande zu betrachten. Die Londoner Blätter halten derartige Massnahmen für durchaus geeignet, „die Gesetze, welche die Meere regieren”, und „die traditionelle Stellung Englands als Seemacht” ernstlich zu erschüttern. Britanien beherrscht die Wogen...”

Hier liegt indessen ein erhebliches Missverständnis vor. Erstens hat die „Sicherheitszone” Amerikas einen ausgesprochen defensiven und nicht offensiven Charakter. Zweitens hat die Erfahrung aus dem Jahre 1914 die absolute Notwendigkeit dieser Zone erwiesen. Drittens ist sie selbstverständlich eine Bedingung „sine qua non” unserer Neutralität, die nicht über eine blosse Geste hinausginge, wenn sie sich nicht strenger Anordnungen bedienen würde, welche auch wirklich diese Neutralität beschirmen können. Viertens hat der Begriff von der „Freiheit der Meere” seit langem als Monopol oder imperialistisches Vorrecht aufgehört zu bestehen — eine Komödie also —, um heute allen Völkern ein gleiches Recht zu bieten. Wenn die einen damit ihren Krieg verteidigen, verteidigen die andern damit, wie z. B. auch wir, von menschlichen und edelmütigen Absichten gelenkt — und das ist gut so —, ihren Frieden. Was die Einbeziehung von Nahrungsmitteln in die Kriegskonterbandliste betrifft, so besteht kein Zweifel, dass

die amerikanischen Länder, besonders jene Süd- und Mittelamerikas, die Erzeuger von Kaffee, Fleisch, Getreide usw., sich in keiner Beziehung nach einem diesbezüglichen „Diktat” richten können. Neutralität bedeutet nicht Gleichgültigkeit, erklärte der brasilianische Delegierte in Panama, d. h. sie bedeutet keine Gleichgültigkeit gegenüber den eigenen Interessen der Neutralen.

Diese Interessen, die wesentlich friedlich bestimmt sind, stehen achtunggebietend vor uns und sind folglich aller Aufmerksamkeit wert, genau wie die Interessen der kriegführenden Nationen, welche für die Unruhe verantwortlich gemacht werden müssen, in welcher die Welt sich befindet, ebenso wie für das Blut, welches von den Imperialisten beim Zusammenprall ihrer ehrgeizigen Bestrebungen vergossen wird. Ernst und ruhig steht Amerika da. Es bedroht niemanden. Es will nichts, fordert nichts und erbittet nichts für sich, was sich nicht mit den Grundsätzen der Gerechtigkeit und der unbedingten Gleichheit verträgt, welche die Beziehungen zwischen den Staaten und den Völkern regeln soll, oder wenigstens beeinflussen sollte. Amerika ist fest entschlossen, sich fern von dem Konflikt zu halten, der Europa auseinanderreisst. Durch bewährte unumgängliche Mittel will es seine gebietsmässige Unantastbarkeit und politische Oberhoheit sichern und verteidigen. Die „Slogans” der Kriegpropaganda hinterlassen hier keinen sonderlichen Eindruck. Amerika weiss sehr wohl, dass dieser Krieg ebenso „ein Feldzug der Ideologen” sein könnte, wie der des Jahres 1914 ein Feldzug „für die Zivilisation und für die Kultur” gewesen ist und dass er sehr gut mit einem zweiten Versailles abschliessen kann, wenn nicht ein neues München seinen blutigen Gang unterbricht, vereinbart auf Kosten der Kleinen und der Schwachen hinter den verhörten Kulissen der Geheimdiplomatie. Amerika erinnert sich an den gestrigen Untergang der Tschechoslowakei, welche undankbar auf dem Altar einer falschen Demokratie geopfert wurde, welche wiederum die kollektive Sicherheit zerstörte und noch heute mit gekreuzten Armen angesichts des Einfalls in China dasteht. In diesen vergangenen Jahren hat diese falsche Demokratie nur das Lachen der Angreifer auf sich vereint, indem sie ihnen freies Spiel liess, sich unterwürfig bogte, wenn nur aus deren Türen flüchtig gewinkt wurde. In dieser melancholischen Zeit, die wir augenblicklich durchleben, ist jedes Misstrauen berechtigt. Darum wird Amerika handeln, wie es bereits klug, bedachtsam und vorsichtig handelt, was indessen nicht ausschliesst, dass es mit aller Energie seinen Rechten, gegen wen es auch sein mag, Geltung verschafft. Es wäre gut, wenn die Imperialisten beider Seiten Kenntnis nähmen.”



RADIO TELEFUNKEN



VERTRETER IN ALLEN STAATEN BRASILIENS

SIEMENS-SCHUCKERT S. A.

RIO DE JANEIRO
RUA GENERAL CAMARA, 87

SÃO PAULO
RUA FLOR. DE ABREU, 43

Eine Mahnung in dieser Zeit

Besinnung auf sich selbst

An der Grenze seiner Existenz stösst der Mensch auf die Frage, was er ohne die Welt und die Welt ohne ihn zu sein vermag. Die Religion verweist ihn auf das „ewige Leben“, aber das ist etwas, das gar nicht seine Existenz betrifft. Ohnehin verbirgt sich das Leben hinter einer Anzahl an ihm feststellbaren Eigenschaften wie Stoffwechsel, Wachstum, Fortpflanzung, deren Wegfall in der Ewigkeit jede vertraute Vorstellung aufhebt. Die Existenz aber ist das im Dabeisein Miterlebte, zu ihr gehört daher alles, was der Mensch im Leben vorfindet. Das Existieren ist ein Aufstehen. Der zum Leben auferstandene Mensch existiert als solcher nur in der Welt, in der er steht und geht.

Zum Existieren gehört also wesentlich der Grund und Boden, auf dem der Lebenslauf sich abspielt, gehört jenes konkrete Ganze natürlicher und geschichtlicher Tatsachen, dem der Lebende in der Welt begegnet. In der stumpfen Hinnahme und Gewohnheit des Sichselberhabens schreitet der Mensch wie im Schlafwandel auf der Linie seines Eigenlebens und ahnt nichts von seiner Existenz und den Bedingungen, die ihr gestellt sind. Erst wenn er durch drohende Lebensgefahr wachgerüttelt ist und sich an die Grenze seiner Existenz geworfen sieht, offenbart sich ihm sein Dasein als ein Dabeisein bei einer Veranstaltung, welche dadurch zustande kommt, dass der Lebende nicht nur aus sich heraus, sondern in sie hineinlebt. Angesichts des Todes erblickt er mit einem Schlage das andere, womit sein Leben im Bunde steht, um eine Existenz auszumachen. Jetzt weiss er, dass Existieren weit mehr bedeutet als atmen, denken, tun und treiben, dass es ein Schicksal ist, zu dem er in die Welt geschickt wurde. Er ahnt, dass das, was ihm das Leben kostet, gerade das ist, dessen er zu seiner Existenz bedarf, die Umstände, die Mitwelt, der Erdenweg, auf dem sein Leben sich bewegte. Ohne die Gefangenschaft in diesem anderen, auf dem seine Existenz beruht, wäre sein Leben an und für sich unerschütterlich, unkörperlich, unsterblich. Verletzbar und verlierbar ist es allein dadurch, dass es an die Welt hingegeben ist, in der es zur Existenz wird. So gewiss der Tod das ewige Leben, die ewige Seligkeit übrig lässt, so zerstört er doch die Existenz, die an die Welt verdingen ist und hier das Leben mit dem Inhalt erfüllt, den der Lebende auszuschöpfen hat. In dem Augenblick, wo der Tod diesem Schöpfungsgang Halt gebieten will, wird der Mensch seiner Existenz im vollen Umfange inne und behauptet sie in bewusster Verteidigung dessen, was seine Welt ist.

Krieg und Tod

Vornehmlich ist es der Krieg, der dem Menschen die Existenzfrage aufdrängt, indem er den Tod zu einer öffentlichen Angelegenheit macht. Zu anderen Zeiten, wenn er sich nach den physischen Bedingungen der Gesundheit richtet, erfolgt der Tod als ein privates Ereignis im Namen der Natur. Das Nachlassen und Erlöschen der physischen Kräfte entfernt aus der Nähe des Sterbenden mehr oder weniger allmählich alles bis auf das blosse Leben, das nun durch den Tod in die Ewigkeit und Unanfänglichkeit eingehen soll. Die Natur nimmt das Leben in ihre Obhut zurück, nachdem sie es vorsichtig aus seiner Weltansässigkeit abgelöst hat. Der Tod auf dem Schlachtfeld hingegen erfolgt im Namen der Geschichte und ereilt das Leben in der Vollkraft seiner Weltinteressen. Anstatt der Dämmerung der Altersgrenze ist es hier die Grenze seiner Existenz, die am hellen, lichten Tage für den aus seinem Privatleben zur Verteidigung seiner Daseinswelt aufgerufenen Menschen sichtbar wird. Mit der Waffe in der Hand stellt er sein Leben auf Gefahr des Todes schirmend und stürmend vor seine Existenz, die ein Sich-in-der-Welt-Befinden ist und mit diesem Weltinteresse steht und fällt. Jetzt weiss er, dass das Existieren die Entschlossenheit zur Welt und dem in der Welt begangenen Schicksal bedeutet.

In einem weitverbreiteten Zustande ahnungslosen Dahinlebens überraschte den Europäer der Krieg, der als Weltkrieg den in der Welt vorhandenen Lebensinhalt auf die Feuerprobe stellte. Die Illusion des Lebens schwand, auch wenn sie nicht in der Einbildung bestanden hatte, Europa sei ein Garten zum Lustwandeln. Die Vorherrschaft der Ökonomie entsprach der Neigung, den Lebensinhalt in der Anstrengung für den Lebensunterhalt aufgehen zu lassen. Die geistigen Strömungen des Darwinismus, Marxismus, Naturalismus wetteiferten miteinander, aus dem Menschen ein absolutes Lebewesen zu machen, das nach unverrückbaren Grundsätzen auf sein höchstes Wohlergehen hinarbeitet. Das Leben war eingetaucht in Naturwissenschaft, deren weltferner und abseitiger Zweig, die Biologie, die nackten Lebensstatsachen zur Krone der Wissenschaft erhob. Ausleben war das verdächtige Schlagwort einer Epoche, die sich ihrer Existenzsorgen zu entschlagen wünschte, um ungestört ihren Lebensdurst am Quell der Natur zu stillen. Die Weltanschauung wurde zur Lebensphilosophie, indem sie unbekümmert die Welt verleugnete, wenngleich nicht mehr wie die Theologie zugunsten Gottes, sondern im Sinne der Physiologie und Biologie zugunsten der Natur. Sie begeisterte sich für das Phantom eines ungetrübten, ungeborenen, das heisst weltlosen Lebens, ent-

deckte den Beruf ihrer Zeit zur Verkündigung von Lebensgesetzen (biogenetisches Grundgesetz) und schwelgte in der Idee einer organischen Seinsordnung, bis der höchst unorganische Zwischenfall des Weltkrieges den erschrockenen Blick wieder auf diese ausser acht gelassene Welt zurücklenkte.

Gewiss hatte man nicht vergessen, dass es so etwas wie eine europäische Lage gab, an deren zweifelhaftem Gleichgewicht die Zeitungen unermüdlich herumraketeten. Aber das Misstrauen wegen der Unsicherheit Europas war nur eine flüchtige Seitenbemerkung, ein koketter Stosseufzer aus der vom Selbstgefühl des Lebens hochmütig geschwellten Brust. Daher hatte der Ausbruch der Katastrophe eine geistige Panik zur Folge. Man war wie aus den Wolken gefallen und suchte fassungslos nach dem Störenfried, der diesen ganz ungeheuren, ganz unnatürlichen Angriff auf den allgemeinen Lebenszustand verschuldet hatte. Die Erhebung der Schuldfrage ist der beste Beweis, inwieweit man sich bereits zu der Ueberzeugung verstiegen hatte, ein Lebensrecht als Europäer zu besitzen. Von den Ereignissen überrumpelt, an das Vorhandene in der Welt nicht gewöhnt, sträubte man sich, den Hintergrund des europäischen Zusammenlebens als den vergrösserten Widerschein der eigenen Lebenslage zu erkennen. Man hatte sich wohl fühlen wollen, darum „glaubte“ man an das „Leben“.

Persönliches Leben und Vaterland

Der Zusammenbruch des Friedens brachte statt dessen die Existenz in ihrer auf die Welt gegründeten Verfassung ans Licht. Nicht die Macht des Lebens mit ihrer Unvergänglichkeit, sondern die Mächte, die Träger der Weltpolitik und des vergänglichen Völkerglücks erwiesen sich als die entscheidungsberechtigte Instanz im Daseinsprozess. Zum Kriegsdienst einberufen, sah der Mensch die Grenzen seiner Existenz übereinstimmen mit den Grenzen seines Vaterlandes, zu dessen Verteidigung er die Waffen ergriff. Er erfuhr seine Existenz als ein Dabeisein in geschichtlichen Umständen, die vor ihm entstanden und unter ihm ausgebreitet waren als Schauplatz seines unentrinnbaren Schicksals. Diese an ihn geklammerte Welt, sein Vaterland, seine Nation, seine Regierung mit ihren Feindschaften, Bündnissen und ihrem verwickelten geschichtlichen Zustand, das politische Gefilde, über dem sein Leben ahnungslos geschwebt hatte, war auf einmal die wichtigere Hälfte seiner Existenz, und diese Welt als eine mögliche Lebensbühne zu erhalten, war jetzt selbst unter Preisgabe des Lebens das einzig verfochtene Ziel.

Für eine Generation, die die Erfahrung gemacht hat, dass das werdende Leben nur in der gewordenen Welt sich abspielen kann und hier als ein nationaler Existenzkampf ausgetragen wird, muss Philosophie die Gestalt der Existenzphilosophie annehmen, muss Welt-, nicht Lebensanschauung sein. Echte Existenzphilosophie, die das Wesen unseres Menschseins aus seiner Verstrickung in den Weltlauf begreifen will, hat den Charakter einer Vorarbeit für das Verständnis der schicksalsgemässen Daseinshaltung, das heisst der nationalen Existenz. Eine Philosophie, die nichts dazu beiträgt, den Weltkrieg zu verstehen und ihn in ihrem Weltbild zur existenziellen Geltung zu bringen, hätte völlig ihre Aufgabe verfehlt und würde niemals auf die Spur des Friedens leiten, den Europa heute von seinen Nationen so sehnlich erwartet.

Krieg ist tragische Existenzerhellung. Er bringt den verborgenen Widerspruch zwischen Welt und Leben zum Vorschein und überprüft das Aufstehen in der Welt, das die Existenz ist, an der Aufrichtigkeit der zur Welt eingenommenen Haltung. Es erfolgt eine radikale Berichtigung der eingelebten Vorstellungen, die sich dem Anprall der Tatsachen nicht gewachsen zeigen. Die internationale Auseinandersetzung auf Leben und Tod macht es offenkundig, dass die menschliche Existenz nicht im Sichelberhaben des Lebenden besteht, sondern in der Hafthaftmachung durch die Umstände erfahren wird. In ihrer Gebundenheit an Standort und Zeitstufe ist sie die freiwillige Uebernahme eines Schicksals, das der Lebende weder herbeizuführen noch abzuwenden imstande ist und zu dem er durch ein entschlossenes Verhalten durch eine bestimmte Daseinshaltung Stellung zu nehmen hat.

Wir orientieren uns an den Gefahren

Es war ein Unglück für die Völker Europas, ein Unglück, grösser als der Weltkrieg selbst, dass die Staatsmänner, denen bei Kriegsende die Aufgabe der Neuordnung unseres Kontinents zufiel, sich auf die Ideologie einer europäischen Gemeinschaft, ja, einer Weltgemeinschaft aller Völker verstiegen und eine Verteidigung aller Europäer auf den geheiligten Namen der Demokratie für das unfehlbare Mittel hielten, um einen ewigen Frieden zu stiften. Mit einer innerpolitischen Angleichung der verschiedenen Staaten im Sinne demokratischer Regierungsformen gedachte man, die Ausgleichung der ausserpolitischen Gegensätze wie durch den Automatismus eines wahrhaft „grenzenlosen“ Entgegenkommens herbeizuführen. Aber das

alles waren nur Gedachtheiten, Vorspiegelungen einer selbstgefälligen Ideologie, vielleicht auch nur Worte. Die Tatsachen der Nachkriegspolitik bewiesen jedenfalls, dass der Frieden, wie man ihn handhabte, nur eine Fortsetzung des Krieges mit anderen Mitteln war. Während man sich den Anschein gab, in derjenigen Idealwelt zu leben, für die man vier Jahre lang auf den Schlachtfeldern gekämpft zu haben vorgab, entschied sich in Wirklichkeit ferner alles nur nach der nackten, ideenlosen Gewalt, nach dem Uebergewicht der Kräfte.

Es entstand von neuem der zweideutige Zustand, in welchem Denk- und Daseinsformen unüberbrückbar auseinanderklafften. Die europäische Existenz verding sich in der Lebenslüge einer von seinen Friedenshütern kühn behaupteten Solidarität der Interessen, sie versank in den Friedenstraum, bis die erwachten Jungvölker sich im Bad der nationalen Wiedergeburt von dem ideologischen Faul-

fieber befreiten und sich den falschen Aspekt aus den Augen rieben. Jetzt sehen wir die Dinge, wie sie sind, nicht wie sie uns scheinen sollen.

Der einzige Gewinn, den trotz aller Verluste der Weltkrieg uns eingebracht hatte, nämlich die Aufklärung über unsere nationale Existenz als Kampf um Sein oder Nichtsein, drohte uns in der Verlogenheit des Versailler Systems abhanden zu kommen. Jetzt haben wir ihn zurücklerlangt, da wir unsere Existenz auf dem Bewusstsein unserer wahren Lage neu aufgebaut haben.

Man muss sich bewusst bleiben, dass der Friedensschluss kein Kriegsschluss, sondern eine Kriegsfortsetzung war, die das, was die Kanone durch Eisen nicht zerstören konnte — unsere nationale Existenz —, durch den Kanon einer papiernen Weltordnung niederzwingen wollte. Inmitten einer Welt, in der von Frieden nur die Rede, von Krieg aber die Tat ist, kann unsere Existenz nur im nationalen Widerstand gelebt werden. Zu dieser harten Probe, auf die wir gestellt sind, gehört eine ebenso harte Daseinshaltung, die sich nicht allein auf den Frieden verlässt, sich nicht nur auf Verständigung stützt, sondern auch an den Gefahren orientiert, immer auf das Aeusserste gefasst.

Klaus Schrempf

Die brasilianische Einfuhr und der europäische Krieg

Unter diesem Titel schrieb unlängst „Diario de São Paulo“:

„Der Kriegszustand in Europa hat, wie natürlich und allgemein verständlich, zu einer vollständigen Umkehr unseres internationalen Handels geführt. Jedermann weiss, dass in den Zeitabschnitten der wirtschaftlichen und politischen Ruhe England, Deutschland und Frankreich die Länder der Alten Welt gewesen sind, aus denen die meisten Ausfuhr Güter nach Brasilien kamen. Gerade aus diesen drei Ländern wurden viele Fertigwaren Artikel eingeführt, auf die wir nicht verzichten können, wie andererseits auch gewisse Rohstoffe, welche wir für unsere eigene Warenherstellung benötigen. In der Tat müssen wir infolge der Blockierung der Meere inzwischen die Verkäufe deutscher Produkte an Brasilien als praktisch nicht bestehend ansehen. Dasselbe betrifft auch den Gesamtumfang der britischen und französischen Exporte nach unserem Land, die sich in dem Masse verringern, wie die gegenwärtige Lage in Europa fortbesteht. Darum wendet sich auch die brasilianische Einfuhrwirtschaft wieder einmal in diesem Jahrhundert mit Vorzug den Produktionsstätten der Vereinigten Staaten zu. Diese sind von jetzt an das grosse Zentrum, aus welchem wir Maschinen und eine Unzahl von Industriewaren beziehen. Zum besseren Verständnis der Veränderungen, die sich in unserem Einfuhrverkehr vollziehen, bedienen wir uns der nachfolgenden Aufstellung, in welcher der prozentuale Anteil jedes jener Länder verzeichnet ist, und zwar bezüglich des brasilianischen Imports im Jahre 1937 und 1938.

	1937	1938
Vereinigte Staaten	23,1	24,2
Deutschland	23,9	25,0
Grossbritannien	12,1	10,4

Beim Ueberprüfen dieser Zahlen erweist sich, dass in den vergangenen beiden Jahren zwischen Deutschland und den Vereinigten Staaten ein schroffer Handelswettbewerb bezüglich des Verbrauchermarktes in Brasilien be-

stand. Aber schon im vergangenen Jahr hat das Dritte Reich dank des Handels auf dem Verrechnungswege und kraft seiner Clearingabkommen im Rahmen unserer Einfuhr eine viel umfassendere Stellung eingenommen als die USA, trotzdem gerade diese, wie man wohl weiss, die grössten Käufe in Brasilien tätigten, dafür in Gold bezahlten und obgleich dieses Land jener ausländische Kunde ist, der uns die grösste Erleichterung im kommerziellen Zahlungsverkehr gewährte. Wir glauben, dass bei der zumindest vorübergehenden Aufhebung des deutschen Handels die Vereinigten Staaten genügend Mittel zur Verfügung haben, um ihre Verkäufe in Brasilien zu steigern und damit ein Zeitabschnitt der vertieften Handelsbeziehungen zwischen unseren beiden Völkern beginnt zum Nutzen des einen wie zum Vorteil des anderen Volkes. Wir dürfen aber einen anderen Sachverhalt nicht vergessen. Während des Krieges 1914—18 hat Brasilien hinsichtlich des Programms seines industriellen Aufbaus eine erhebliche Wertsteigerung erfahren. Brasilianische Wirtschaftler versichern, dass unsere werktechnische Entwicklung, die tatsächlich mit der Ausrufung der Republik begann, während des grossen Völkerbrandes ausserordentlich wuchs. Das kann auch jetzt nicht anders sein, wenn wir plötzlich jener Staaten beraubt werden, die uns traditionell mit Fertigwaren versorgten. Der Krieg zwingt uns zur Festigung und Vermehrung verschiedener Verbrauchsideustrien, die seit 1918 in unserer Mitte aufkommen sind. Jetzt glauben wir, dass Brasilien unbedingt lernen muss, seinen eigenen Stahl zu erzeugen und vor allem seine eigenen Maschinen, die wir so sehr benötigen und die das Land jenseits seiner Grenzen zu Goldpreisen erwerben muss. Wenn wir aus dem gegenwärtigen europäischen Streit mit einer verstärkten nationalen Industrie, mit einer wirklich festverankerten Schwerindustrie hervorgehen, dann können wir sagen, dass für uns endgültig die Stunde der wahrhaften wirtschaftlichen Befreiung und Entwicklung geschlagen hat.

Meilensteine zwischen Berlin und Moskau

Vielleicht wäre die verwirrte und erregte Bestürzung in den westeuropäischen Einkreisungszentralen aus Anlass der Meldungen über den Abschluss eines Nichtangriffspaktes zwischen Deutschland und Sowjetrussland nicht ganz so hemmungslos zutage getreten, wenn man dort etwas besser in der europäischen Geschichte Bescheid gewusst hätte.

Schliesslich reicht ja die Geschichte deutsch-russischer Abmachungen bis in das Jahr 1762, also in das letzte Jahr des siebenjährigen Krieges zurück, als Peter III. unmittelbar nach seiner Thronbesteigung nicht nur mit Friedrich dem Grossen Frieden schloss, sondern ihm auch 15.000 Mann als Hilfstruppe zur Verfügung stellte. Knapp 51 Jahre später, am 27. Februar 1813, kam dann das deutsch-russische Bündnis gegen den Korsen zustande, das die siegreiche Völkerschlacht bei Leipzig zur Folge hatte. Mit Recht verweist jetzt ein bekanntes englisches Blatt auf die Ähnlichkeit der Lage zwischen 1939 und 1887. In diesem letztgenannten Jahre schloss Bismarck am 18. Juni jenes Abkommen mit Russland, das als Rückversicherungsvertrag in die Geschichte eingegangen ist. In diesem Vertrage sicherten sich die beiden Partner wohlwollende Neutralität für den Fall eines unverschiedenen Angriffes durch Dritte zu. Trotz russischer Bereitwilligkeit wurde der Vertrag von Bismarcks Nachfolger, Caprivi, nicht wieder erneuert. So wurde Frankreichs Annäherung an Russland ermöglicht; es war der Grundstein der späteren Entente.

Im Zusammenhang mit der Konferenz von Genua 1922, auf der die Entente 28 Staaten versammelt hatte, schloss Deutschland dann am 16. April mit Sowjetrussland den Vertrag von Rapallo. Auch hier zeigt sich wieder eine interessante Parallele zur Gegenwart. Denn erstens hatte sich der damalige englische Ministerpräsident Lloyd George gegen die Bemühungen Deutschlands, sich mit ihm zu einigen, ablehnend verhalten, und zweitens hatte die Entente die wichtigste Frage der Konferenz, die Zahlung der russischen Vorkriegsschulden, für Sonderverhandlungen unter Ausschluss Deutschlands vorbehalten. Als die Entente alle etwaigen Entschädigungsansprüche, die Moskau als Kriegsschädigung im Zusammenhang mit Versailles vielleicht hätte stellen können, auf Deutschland abwälzen wollte, schloss dieses den genannten Vertrag, in dem die beiden Partner auf Ersatz der beiderseitigen Kriegskosten verzichteten. Die Entente tohte vor Wut, weil sie weder gefragt worden war noch etwas geahnt hatte. Die englische Regierung Lloyd George wurde im Zusammenhang mit Rapallo gestürzt. Der Vertrag existiert noch.

Am 24. April 1926 wurde dann schliesslich der sogenannte Berliner Vertrag unterzeichnet; die beiden Partner sicherten sich darin Neutralität im Fall eines feindlichen Angriffes auf einen von ihnen zu und verzichteten auf Beteiligung an einem etwaigen finanziellen oder wirtschaftlichen Boykott.

Zu den Mahlzeiten...



nehme man ein schmackhaftes und angenehmes Getränk, das zur Förderung der Verdauung aller Speisen unschätzbare Dienste leistet.

Diesen Anforderungen entspricht in hohem Grade das

Malzbier da Brahma

mit geringem Alkoholgehalt, welches aus feinstem bayrischen Malz gebraut wird und reich an Vitaminen ist.

THEODOR WILLE & CIA. LTDA.

IMPORT - EXPORT - VERTRETUNGEN

LARGO DO OUVIDOR 2

SÃO PAULO

Baumaterial

Salz — „BRILHANTE“ und „THEWICO“

Glatter Draht und Stacheldraht — „THEWICO“

Sämtliche Düngemittel — besonders „RHENANIA-PHOSPHAT“

Maschinen für sämtlichen Bedarf

Hydraulische Widder — „JORDÃO“

Waagen aller Art — „THEWICO“

Eisenbahnersatzteile — „RUHRSTAHL“

Lokomotiv-Drehscheiben usw. — „VOEGELE“

Lokomotiven, Strassenwalzen usw. „HENSCHER“

Turbinen und Maschinen für Papierfabrikation — „VOITH“

Feuerlösch-Geräte — „FLADER“, „METZ“, „WINTRICH“ usw.

Landwirtschaftliche Maschinen und Traktoren „CASE“

Schmieröle und Fette — „GARGOYLE-MOBILOEL“

Drahtlose Stationen — „LORENZ“

Gefrieranlagen — „FREUNDLICH“

Nähmaschinen „PFAFF“

Flugzeuge aller Typen

Kräne — „ARDELT“

Schiffe jeder Art — „HOWALDT“

Schiffsmotore — „DIESEL“ — „DWK“

Autoreifen und Schläuche „CONTINENTAL“

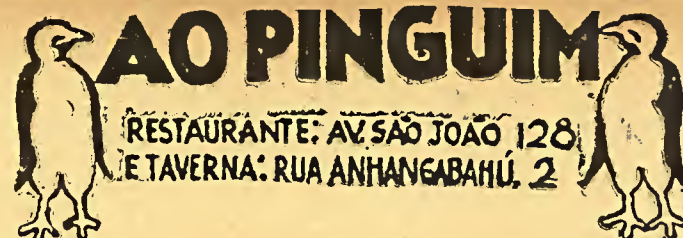
Mühlen für Reis und Mandioka — „STRECKEL & SCHRADER“

Generalagenten der

**Hamburg - Südamerikanischen
Dampfschiffahrts-Gesellschaft**

und der

Cia. Internacional de Seguros



H. Hillebrecht

São Paulo

Telefon:

Bar 4-5507

Gruta 4-2626

Ausgezeichnete Küche Jeden Sonnabend: Feijoada completa
Allabendlich Künstlerkonzert, 7-1 Uhr; Sonn- u. Feiertags: Frühkonzert

Die Feuerprobe

Novelle von Werner Bergengruen / Verlag Philipp Reclam jun. Leipzig

(Fortsetzung.)

Schwenkhusen sass bei seiner Mutter, liess sich streicheln und hatte Mühe, ihr zu wehren, dass sie alle seine Lieblingsgerichte zugleich kochen liess. Häufig von ihrem Schluchzen zu Unterbrechungen genötigt, erzählte er sein Erlebtes, nicht mehr zum ersten Male.

„Sie wollten mir die Rüstung nehmen, dabei erkannten sie, dass ich noch Leben hatte. Sie schleppten mich in ein Bauernhaus und später auf ein Schiff. Sie wussten wohl, wieviel ein Schwarzhäupterbruder wert ist, sie waren in Angst, um ihr Lösegeld zu kommen, wenn ich stürbe; darum pflegten sie mich besser als ihre eigenen Verwandten. Stirbt von denen einer, so ist das kein grosser Schade für sie, es laufen ihnen Leute genug zu. Sogar Messen haben sie lesen lassen und baumdicke Kerzen gelobt für meine Genesung. Ich war aber lange nicht bei mir vor Wundfieber und Schwäche, darum konnten sie nicht wegen der Auslösung mit mir handeln.“

Das Schiff, so berichtete er, habe davonsegeln müssen, denn es seien rigische und lübsche Fahrzeuge gemeldet worden. Von denen wurden sie verfolgt; was nicht fechten konnte, musste von Bord. So brachten sie ihn zu Fischersleuten, die es mit ihnen hielten, in den Schären vor Abo, wo es die tausend Inseln gibt und sie manchen Schlupfwinkel hatten. Hier lag er lange, gepflegt und bewacht; mit noch unverheilten Wunden machte er sich eines Nachts davon, in Lumpen gekleidet, kam in Seenot, verlor Mast und Ruder.

Er schüttelte sich vor Grauen, als er von diesen Tagen im gestohlenen Fischerboot, zwischen Klippen und Schären, erzählte. Der

Mutter tropften die Tränen zwischen den vorgehaltenen Fingern hindurch. Sie konnte es nicht glauben, dass dieser Mann, der doch ihr kleines Kind gewesen war, je wieder sollte Tänze anführen und Feste ausrichten können; bei solchen Anlässen nämlich hatte er viel Bewunderung genossen, die hatte ihr Herz mit gesättigt.

Am Morgen nach seiner Ankunft hatte Schwenkhusen bei der Frühmahlzeit seine Mutter gefragt, was sich derweil in Riga ereignet hätte. Sie berichtete umschweifig

Seeräubern und Fischern gelebt, da lache ich bisweilen zur Unzeit.“

Schwenkhusen kümmerte sich um seinen Handel, seine Pferde und seine Jagdhunde. Er machte Besuche und gab Gastmähler im Hause der Schwarzhäupterkompanie. Er erhielt mehr Einladungen, als er annehmen konnte. Sein Haus wurde nicht leer von glückwünschenden Besuchern, namentlich aus den Jüngeren, die in Schwenkhusen ihren Anführer gesehen hatten. Frauen und Mädchen drängten sich um seine Mutter, küssten ihr die Hand und baten sie, von den Erlebnissen ihres Sohnes zu erzählen. Sie tat es bereitwilliger als er. Ohne Ermüdung berichtete sie immer wieder von dem Umhertreiben des Fischerbootes, das zuletzt auf wunderbare Weise das feste Land gewann,

sem Tage nicht mehr; sie hatte sich ein abgesondertes Zimmer hergerichtet, und oft liess sie sich auch die Mahlzeiten hierherbringen.

In der Frühe des nächsten Morgens liess der Ratsherr sich bei Schwenkhusen melden, der ihn in seinem Geschäftszimmer empfing. Schwenkhusen sah ihm überrascht ins Gesicht, denn Gripen hatte sich seinen breiten, rötlichen Bart abnehmen lassen; die Leute erzählten, vor dem Spiegel sei der zitternde Kerzenschein auf den Bart gefallen, da habe sich Gripen erschreckt, denn er meinte ein Glimmen erblickt zu haben wie Kohlenglut.

Gripen verneigte sich und fragte, ob Schwenkhusen wisse, in welchem Verdacht er ihn gehabt habe. Schwenkhusen machte eine wehrende Bewegung, um die Sache als eine abgetane Nichtigkeit zu kennzeichnen.

Gripen sagte: „Nein, damit ist es nicht gut. Ich bin gekommen, um deine Verzeihung zu erbitten. Willst du, so werde ich es öffentlich tun.“

„Lieber! Um Christi willen!“ rief Schwenkhusen mit einem kleinen und nicht ganz deutlichen Lachen. „Bin ich deswegen den Seeräubern und den finnischen Einöden entkommen, um in Riga an Beschämung zu sterben? Lasse es gut sein, und behüte uns Gott vor Peinlichkeiten!“

Darauf erzählte er von seinen Abenteuern und bedankte sich lächelnd für die gestiftete Seelenmesse; der Stifter werde wohl so gut sein, sie aus einer Verstorbenen in eine Lebendenmesse umwandeln zu lassen.

Gripen wartete, bis er Barbara im Hause begegnete. Denn in ihr Zimmer wagte er nur zu gehen, wenn sie ihn hatte rufen lassen. Er wollte ihr Schwenkhusens Rückkehr auf eine behutsame Art zur Kenntnis geben; allein sie unterbrach ihn anteilslos mit den Worten: „Ist es das? Damit erzählst du mir nichts Neues, ich habe ihn gestern vom Fenster über die Strasse gehen sehen.“

Der Mann berichtete von seinem Besuch. Er habe Schwenkhusen auch gebeten, er möge wie früher in das Gripenische Haus kommen.

Confeitaria

Aeltestes und
vornehmstes Haus

Tel. 4-9230 - RUA BARÃO DE ITAPETININGA 239 - S. Paulo



Biennense

Nachm. und abends
gutes Konzert

dieses und jenes und überlegte dabei, ob sie ihm von der Feuerprobe erzählen sollte. Endlich tat sie es, er hätte es sonst von anderen erfahren müssen. Schwenkhusen hörte ihr sehr ernst zu und schien der Mutter erschrocken. Allein als sie geendet hatte, da begann er zu lachen, laut, hart und lange, wie wohl Bauern und Seeleute lachen, und die alte Frau meinte, dass ihr Sohn früher anders gelacht habe. Zugleich aber fühlte sie eine Betroffenheit darüber, dass er aus Anlass dieser Erzählung zu lachen vermocht hatte.

Er küsste ihr zerstreut die Hand und sagte: „Wundere dich nicht, ich habe unter

von Schwenkhusens Bettelleben in den finnischen Wäldern, unter Wildnisbauern, deren Sprache er nicht verstand, von Krankheit und Hunger, Irrgang und Schneestürmen und Klosterspitälern; endlich war er zu Handelsfreunden nach Reval gelangt, die sorgten für ihn und streckten ihm Geld vor, dass er sich einkleiden und mit einem Diener im Schlitten die Heimreise vornehmen konnte. Fünf Vierteljahre war er fort gewesen.

Gripen hatte sich nach jener Begegnung mit dem alten Warendorp ohne Verzug zu Schwenkhusen aufgemacht. Allein das Kommen und Gehen der vielen Besucher scheuchte ihn nach Hause. Barbara sah er an die-

Vor Annahme falschen Geldes

schützt der bargeldlose Zahlungsverkehr

Eröffnen Sie ein Konto beim

Banco Allemão Transatlântico

RUA 15 NOVEMBRO 268

und zahlen Sie Ihre Rechnungen

per Scheck!

Zu jeder gewünschten Zeit erhalten Sie von uns einen Auszug ihrer Rechnung, um Ihnen die Kontrolle über Ihre Zahlungen zu erleichtern.

Aços Roechling

Der gute deutsche Stahl!



Qualitätswerkzeuge!



Eigene Härtestube

mit modernsten Einrichtungen zur Verfügung unserer Kundschaft!

Aços Roechling Buderus do Brasil Ltda.

São Paulo

Rua Augusto de Queiroz 71-103

Rio de Janeiro

Rua General Camara 136

Porto Alegre

Avenida Julho de Castilho 265

Vertretungen in Brasilien:

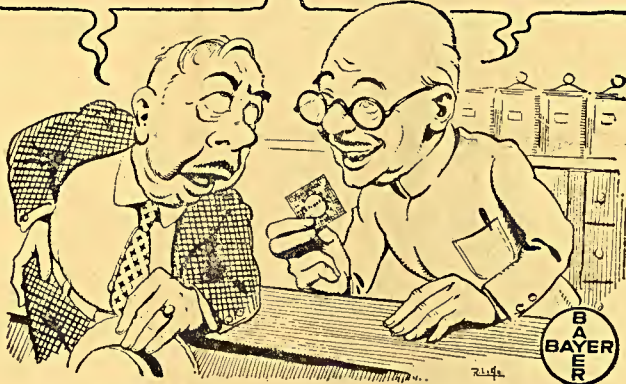
Curitiba - Belém do Pará - Belo Horizonte
Bahia

In anderen südamerikanischen Ländern:

Buenos Aires Montevideo
Santiago de Chile

DER HEXENSCHUSS
IST NICHT MEHR
ZU ERTRAGEN

CAFIASPIRINA
WIRD DEN
SCHMERZ VERJAGEN



Bestehen Sie auf Cafiaspirina Tabletten in der schützenden Cellophan Packung.

• Um die furchterlichen Schmerzen, durch "Hexenschuss" verursacht, zu beheben, nehmen Sie Cafiaspirina; denn es bringt Ihnen nicht nur schnell Erleichterung sondern stellt Ihr Wohlbefinden wieder her. Cafiaspirina ist ein Bayer Präparat... und Sie wissen, es ja schon: "Wenn es Bayer ist, so ist es gut."

• Beugen Sie vor: Haben Sie stets Cafiaspirina zur Hand!

CAFIASPIRINA

gegen Schmerzen

Jorge Dammann

Deutsche Damen- u. Herrenschneiderei. Große Auswahl in nat. u. ausländ. Stoffen. R. Ypiranga 193, Tel. 4-2320

Josef Güls

Erstklassige Schneiderei. — Mäßige Preise. — Rua Dom José de Barros 266, sobr., São Paulo, Telefon 4-4725

João Knapp

Klempnerei, Installation. Reg. Rep. de Aguas und Esg. — Rua Mont. Passalacqua 6. Telefon 7-2211.

Hugo Lichtenthäler

Rua Aurora Nr. 135

Altstes deutsches Möbelhaus

Grosse Auswahl in kompl. Zimmern u. Einzelmöbeln. Auch TAUSCH und KAUF von gebrauchten Möbelstücken

Deutsche Schuhmacherei

Rua Sta. Ephigenia 225
Ausführung aller ins Fach schlagenden Arbeiten
Hermann Radelsberger
(früher Heinrich Lutz)

Die besten Schuhe bekommen Sie nur im bekannten

Casa Brasil

Damenschuhe
bis zur Nr. 40

Wash Louis XV., japanische Form 40\$000, 45\$000 Das Haus, welches bestes bedient und reelle Preise hat.

Rua Santa Ephigenia 285

nahe der Rua Aurora

Wer sein Geld stets in der Tasche trägt, gibt es aus.

Legen Sie jeden Monat nur einen kleinen Betrag auf

Sparkonto

an, so erleichtern Sie sich das Sparen, und das zurückgelegte erhöht sich um Zins- und Zinseszinsgewinn.

Banco Germanico

da America do Sul

São Paulo

R. Alvares Penteado 121 (Ecke Rua Quitanda)
Rio de Janeiro, Rua da Alfandega 5
Santos, Rua 15 de Novembro 114

„Zum Hirschen“ Hotel und Restaurant

Rua Victoria 186 — Tel. 4-4561
São Paulo Inh.: Emil Russig

Alfaietoria Henrique

Av. S. João 345 — Tel. 4-3196 — App. 2

Deutsche Schneiderei

Für fachmännische Ia. Ausführung garantiert der technische Leiter Henrique Dietrich.

VIGOR-MILCH

Die beste Milch in São Paulo

S. A.

Fabrica de Productos Alimenticios "VIGOR"

Rua Joaquim Carlos 178

Tel.: 9-2161, 9-2162, 9-2163

„Das hättest du nicht tun sollen, Tide-mann“, sagte Barbara kalt. „Ich mag ihn nicht mehr sehen.“

„Vergib mir, aber ich habe ja nicht nur an dir Unrecht getan, sondern auch an ihm“, antwortete er. „Darum glaubte ich, ich schulde ihm vor den Leuten eine solche Genugtuung; nämlich, dass er die Freiheit habe, eine Einladung auszusprechen.“

Dies war das erstmal, dass er ihr in einer Sache widersprach.

Es war aber nicht sein Einspruch, was sie endlich zum Nachgeben bewog, sondern es war die Nacht, die dieser Unterredung vorangegangen war, und die Nacht, die ihr folgte. Sie hatte Schwenkhusen die Strasse hinuntergehen sehen, einem Bettler eine Münze schenken, einem Gassenjungen zunicke, einem Krämer, der vor seinem Laden stand, auf die Schulter klopfen; er begegnete einem Stadtknecht, der mit auf jener Stossreise gewesen sein mochte, und ging plaudernd mit ihm weiter, wobei er seinen Arm unbefangen in den des Knechtes schob. Dies waren seine Bewegungen, dies war sein Geben. Ein berauscher Schrecken stürzte in die Frau am Fenster wie ein Strom weissen Lichts, blendete sie und brachte Wirrniss in die Gedanken, in denen sie gelebt hatte seit dem Tage ihrer grossen und wunderbaren Prüfung.

In der Nacht hatte sie ihre Gedanken wieder in die Richte gebracht, freilich auf einem sonderbaren Wege: nämlich indem sie sich selber die Meinung anbefahl, es gehe nicht an, dass Schwenkhusen als ein Schuldiger und unentsühnter Mensch je in ihre Nähe komme als in die einer Gerechtfertigten, ja über menschliches Wesensmass Erhobenen. Hieraus gewann sie die Kraft, ihrem Manne

zu sagen: „Ich mag ihn nicht sehen.“ Kaum jedoch hatte Gripen sie verlassen, als sie abermals jenem berauschernden Erschrecken anheimfiel, denn nun war ja die Begegnung mit Schwenkhusen ganz nahe vor sie hingeworfen worden, ja, fast war sie ein Gegenwärtiges. Sie begriff, dass es sie nur ein Wort kostete, und das war ein Wort nachgebender Gewährung an ihren bittenden Mann.

Barbara hatte den kräftigen und klaren Schlaf früherer Jahre seit langem nicht mehr. Auch viele Stunden der folgenden Nacht blieb sie eine Gefangene ihrer zwiespältigen Herzensqual. Am Morgen aber ging sie zu Gripen und sagte: „Ich will dir nichts in den Weg legen; wenn du magst, lasse die Einladung ausgehen.“

IV.

Schwenkhusen schlug eine Aufforderung des Ordenskomiturs aus, um die der Gripens annehmen zu können. Es war das erstmal, dass sie wieder Gäste hatten. Sie sassen zu viert am Tische, die Eheleute, Schwenkhusen und seine Mutter. Sie sprachen miteinander befangen und höflich. Wie immer, wurde Schwenkhusen befragt und musste erzählen; er tat es diesmal ohne jene Geringschätzung seiner Erlebnisse, zu der das häufige Berichtenmüssen ihn gebracht hatte.

Beim Nachtschlaf wurde Gripen abgerufen. Es ist möglich, dass er diesen Abruf vorbereitete oder doch herbeigewünscht hat: in seiner selbstfeindlichen Erniedrigung mochte er glauben, er dürfe den Platz an diesem Tisch nicht länger behaupten, als es um der Schicklichkeit willen sein musste.

Schwenkhusens Mutter schlief ein. Er sah Barbara eindringlich an und wusste nicht, ob sein Herz von Feuer gekühlt oder von Eis versenkt wurde. Seit langem trug sie keine bunten und hellen Kleider mehr, auch wenig Schmuck. Sie ging nonnenhaft dunkel, dies gab dem sparsamen Schmuck eine mächtige, fast eine drohende Wirkung. Schwenkhusen empfand Verführung und Grauen, wie er Grauen und Verführung empfunden hatte vor der Unendlichkeit der finnischen Waldwüste-nen, in denen noch die alten Heidengötter

Ukko und Akka angerufen wurden. Im ersten Augenblick des Alleinseins, so hatte er sich vorgenommen, wollte er ihr die Frage stellen, die als einzige zu stellen war; und diese Frage hatte ihn unabtrennbar gedünkt von einem Lachen augenzwinkerischer, spiessgesellschaftlicher Vertraulichkeit. Jetzt aber griff er nur nach ihrer Hand, die keinen Schmuck trug als den goldenen Reifen um das Gelenk, schaute in die makellos gebliebene Innenfläche und küsste sie. Voll Scheu, ohne den Blick zu Barbaras Gesicht zu heben, flüsterte er: „Erzähle mir jetzt. Wie ist es zugegangen?“ Und eine unerklärbare Scham drückte ihn, als er, fast wider Willen, hinzusetzte: „Was für eine Kunst hast du gebraucht? Wer gab dir die Salbe?“

Barbara sah gross über ihn fort, an diese Art des Blickes konnte er sich von früher nicht erinnern. Eine Weile schwieg sie noch. Im Kamin schnob ein gefangener Wind. Die alte Frau röchelte gleichmässig in ihrem Schlaf. Von draussen kam gedämpftes Stundengläut, eine Turmglocke begann nach der andern, jede mit ihrer besonderen Stimme, und die letzten Schläge der verstummenden banden sich mit den ersten der verspätet anhebenden zu einer rätselhaften Vielfalt. Die Tischkerzen brannten still über den blanken Weinkannen, Fruchtschüsseln und Konfekt-schalen.

Barbara redet, als spräche sie zu sich selbst. Schwenkhusen kann nicht alles verstehen. Ihre geraunten Worte werden hastiger, manchmal haben sie den dunklen Klang von Beschwörungen, dazwischen schreit sie einen Satz hin, und es ist unheimlich, dass auch dieses Schreien im Flüsterton verbleibt. Ihr Gesicht schien bleich, es rötet sich, sie hat etwas zum Fürchten, und es schaudert ihn, aber was begehren wir denn stärker, als was uns fürchten macht?

Barbara spricht von den Verzweiflungen jener Zeit, ihre Stimme zittert, und dies Zittern teilt sich Schwenkhusens Herzen mit, und sein Herz gibt es weiter an Lippen, Hände und Nasenflügel. Barbara aber hat sich bereits dem Jammer ihrer Bedrängnis entzogen, ihre Augen flackern wild und triumphhaft, denn nun spricht sie von dem

grossen Geheimnis ihres Glaubens.

Schwenkhusen ist es gewohnt gewesen, in Damast und Pelzwerk im Schwarzhäupterge-stühl der Kirche zu sitzen und mit anständigem Ernst den Verrichtungen der sechs Priester zu folgen, welche die Kompanie allein für ihre Glieder in St. Peter besoldet. Gewissenhaft hat er Wachskerzen aufgestellt für den Ritter Mauritius, welcher den Schwarzen Häuptern zu Schutz und Fürbitte verbunden ist. Schwenkhusens Glaube ist ein höflicher Glaube gewesen. Aber Barbaras Glaube ist der Glaube der starken und kühnen Seelen gewesen, der die Himmelsgeheimnisse zu stürmen vermag.

Es ist gesagt, dass Reue und Vorsatz, Beicht und Losspruch die Sünde hinwegnehmen. Barbara hat Reue und Leid erweckt, sie hat Vorsatz gemacht, ernsthaft und mit allem Willen, sie hat gebeichtet und Lossprechung empfangen und die Busse verrichtet. Darum ist keine Sünde mehr an ihr gewesen, als sie zur Probe ging. Gott hatte sie von ihr nehmen müssen um seiner eigenen Wahrheit und Verheissung willen, und er ist ja ein Herr nicht nur über das Künftige und Gegenwärtige, sondern auch über das Vergangene. Und weil sie diesen Glauben hatte, der Berge verrücken, der das Blutrote schnee-weiss machen kann, das Kalte glühend und das Glühende kalt, darum hat sie sich nicht gefürchtet und ist rein und schuldlos erlunden worden: rein und schuldlos nach dem Recht, denn das Sakrament der Busse hatte sie rein gemacht. Sie hat Gott gezwungen in seinem eigenen Gesetz. Sei getrost, Tochter, dein Glaube hat dir geholfen.

Barbara verstummt, Schwenkhusen ist aufgestanden, totenbleich, und hält sich an der Lehne seines Sessels. Er fragt nichts, es ist, als scheue er sich, Barbara von neuem zum Reden zu bringen, denn was vermöchte ein Mensch noch zu sagen, der solche Dinge ausgesprochen hat?

Schwenkhusen hat ihr zugehört mit Entsetzen. Sein Glaube ist freilich kein höflicher Glaube mehr, wie er vor jenem Auszuge gewesen war, und Schwenkhusen hat in manchen Dingen andere Gedanken bekommen, das geschieht einem, wenn man länger als ein

„Sublime“

die beste Tafelbutter

Theodor Bergander

Al. Barão Limeira 117, Telefon 4-0620

TECHNISCHE ABTEILUNG:

BROMBERG & CIA.
SÃO PAULO
AV. TIRADENTES NR. 32
CAIXA POSTAL 756
TELEFON: 4-5151

Krupp-Stühle zur Herstellung von Federn, Matrizen jeder Art, Drehstühle, WIDIA-Metall, Qualitäts-Schneidwerkzeuge, Bohr- und Schneidmaschinen, Fräser, Gewindebohrer usw., Messwerkzeuge jeder Art, Schiebeline, Zirkel, Tournenzähler, Gewindemesser, Mikrometer, Dampf-Armaturen wie Kondensstöpfe, Stahlbürsten, Dampfpumpen, KLINGERIT Dichtungspalten, Zylinder-Schmier-Apparate, Tropföler, Manometer, Ventile, Wasserstandsgläser, Transmissionsgeräte, Lederriemen, Gummiritzen der bekannten Marken BULLDOG und O PODEROSO, Riemenverbinder, Lagermetalle, Riemenwachs, Holz- und Stahlriemen, Scheiben, Ringschmier-Lager, Kugellager, Glaserei-Artikel wie Schmelztiegel, Graphit, Stahlbürsten usw., Mechanische Werkstätten-Werkzeuge und Zubehörteile, Schmirgelscheiben Marke ALEGRITE, Schmirgel-Leinen und -Papier in Blättern und Rollen, Schweissapparate mit sämtl. Zubehör, Metallsägeblätter für Hand- und Maschinenbetrieb, Staufferbüchsen, Stahldraht-Seile, Drehbankfutter, usw., Galvanoplastik-Artikel wie Nickelanoden, Filzscheiben, usw., Holzindustrie-Zubehör, Kreis-, Band- und Gattersäge-Blätter Marke HUNDEKOPF, Schmirgelpapier Marke RUBINITE, Bohrer usw., Eisenwaren-Abteilung: Klein-Eisenwaren und Werkzeuge aller Art, Feilen Marke „TOTENKOPF“ und „KRIEGER“, Bau- und Möbelbeschläge, Haus- und Küchengeräte, sanitäre Artikel, Fittings, Röhren, Bleche, Drähte, Schädlingsbekämpfungsmittel, Arsenik, Bleiarzeniat Marke „BROMBERG“, Öl- und Trockenfarben, Zinkweiss, Leinöl usw., — **Elektrische Abteilung:** Drehstrommotoren und Dynamos in jeder Grösse, Isolierte Drähte und Kabel jeder Art für Hoch- und Niederspannung, Zählapparate, Voltmeter und Amperemeter, tragbar und für Schalttafeln, Elektrische Heiz- und Kochapparate, Bügeleisen und Lötcolben, Widerstandsdrahte für Heizapparate, Konstantan und Chromnickel, Material für Inneneinrichtungen und Freileitungen, Isolierrohre, Schalter in jeder Ausführung, Klingeln, Lampen, Leuchter, Sicherungen und Sicherungsdrahte aus Blei und Silber, Isolatoren, Blitzableiter und blanker Kupferdrähte, Anker-Isoliermaterialien, Presspan und Vulkanfaser in allen Stärken, Lacke, Lötpaste und Isolierband, Material zur Installation von Motoren, Sternendruck-Schalter, autom. Schalter und handbetätigte Schalter, Diazed-Sicherungen, — **Abteilung landwirtschaftl. Maschinen:** Traktoren „LANZ BULLDOG“, Schleppergeräte, Pflüge, Pferdehacken, Sämaschinen „RUD. SACK“, Mähmaschinen und Heuräken „KRUPP“, Milchzentrifugen „LANZ“, Ameisenlöcher, Pflanzenspritzen, Dreschmaschinen, Windfegen, Futterschneider, Pumpen und sonstige zur Landwirtschaft gehörenden Geräte und Maschinen, Marken „BROMBERG“, „O PODEROSO“ und „COLONO“, — **Öl-Abteilung:** Öle und Fette „SUNOCO“ der Sun Oil Company, Philadelphia (USA.) Öle für Automobile, Lastwagen und Traktoren, Öle für Dynamos, Motoren und Turbinen, Öle für allgemeine Maschinen-Schmierung, Öle für besondere Zwecke; Bohrer, Eismaschinen-Öl usw., Fette in allen Arten, — **Maschinen-Abteilung:** Maschinen für Eisen-, Blech- und Holzbearbeitung, komplette Einrichtungen für jede Industrie, — **Ingenieur-Abteilung:** Fried. Krupp A. G., Gussstahlfabrik, Essen; Fried. Krupp A. G., Friedrich-Alfred-Hütte, Rheinhausen; Fried. Krupp Germaniawerk A. G., Kiel; Bleichert, Transportanlagen G. m. b. H., Leipzig, Drahtseilbahnen, Transportanlagen usw.; Maschinenfabrik Buckau R. Wolf A. G., Magdeburg, Lokomobilen, Dieselmotoren; Bayerische Maschinenfabrik F. J. Schlageter, Regensburg, Gerberei-Maschinen.

KRANK?

Dann lassen Sie sich

homöopathisch

behandeln. — In dem

Dispensario Homöopathico São Paulo
Praça João Mendes 8, sobr.

stehen Ihnen von 9—18,30 Uhr die besten homöopathischen Aerzte São Paulos

unentgeltlich

zur Verfügung. Denken Sie daran, dass jede leichte Erkrankung in eine schwere Krankheit ausarten kann. Die Homöopathie heilt auch in schwersten Fällen auf eine milde Weise und mit recht geringen Spesen.

(Neben der homöopathischen Apotheke Dr. Willmar Schwabe Ltda.)

Deutsches Farbenhaus
Henrique Zuehlke & Cia.

S. Paulo, R. Christovam Colombol, Tel. 2-0671

Alleiniger Vertrieb der bekannten
TEMPEROL-FABRIKATE

(Lacke - Ölfarben - Lackfarben)

Reichhalt. Sortiment in: Pinseln, Buntfarben, Ölen, Schablonen und sonstigen Malerbedarfsartikeln.

Deutsche Automobile

Willi Hofang,
São Paulo

Caixa postal 3168 - Telef.: 4-2451 ou 4-3825

Farben-Lacke-Pinsel

und alle übrigen Bedarfsartikel
für Hausanstrich und Dekoration

Emilio Müller, R. José Bonifácio 114

Damen-Schönheits-Institut
„ELSE“

Dauerwellen (elektrisch u. nicht elektrisch), Ondulation u. Wasserwellen, Maniküre, Färben u. Massage

Rua Domingos de
Moraes Nr. 84-c
Telephon 7-5480

Jahr unter Seeräubern und zauberkundigen Heiden hat leben müssen und wandern in vieler Einsamkeit, Armut und Gefahr. Dennoch möchte er der Frau den Glauben versagen, allein er fühlt, dass sie seinen Glauben an sich reist.

Die Mutter hebt den Kopf, ihr Gesicht ist vom Schlummer gerötet. Sie blinzelt vor dem gelben Kerzenlicht und seinem metallischen Widerschein und sinkt mit einem Seufzer in ihren Schlaf zurück. Ein paar Kerzenflämmchen flackern noch ein wenig unter dem Anhauch dieses Seufzers, dann ist die alte Leblosigkeit wieder eingekehrt.

Schwenkhusen geht behutsam auf Barbara zu, ergreift abermals ihre Hand und küsst deren Innere. Es ist, als könnten seine Lippen sich nicht mehr von den Linien dieser Hand lösen. Barbara aber fühlt es nicht, dass Küsse in ihre Hand gelegt werden, wie sie es nicht gefühlt hat, dass ein heisses Eisen hineingelegt wurde.

Plötzlich richtet sie sich auf und weist Schwenkhusen auf seinen Sessel. Schwenkhusen gehorcht.

„Ich muss dir noch etwas sagen“, flüstert sie. „Ich habe auf diese Stunde eine grosse Begierde gehabt, seit ich dich über die Strasse gehen sah. Denn kannst du verstehen, was ein Leben bedeutet, wie es das meine ist seit dem Tage der Probe? Ich lebe in einem Geheimnis. Und ich lebe in der vollkommenen Einsamkeit dieses Geheimnisses. Ich habe zu niemandem sprechen können, verstehst du das, zu niemandem? Und ich weiss, dass ich auch allen anderen Menschen zu einem Geheimnis geworden bin, denn das vermag ja von all diesen Leuten niemand zu ahnen, wessen ich gewürdigt wurde. Als ich dich sah, da habe ich mich entsetzt. Nicht, dass ich gefürchtet hätte, versucht zu werden; ich kann nicht mehr mit dir versucht werden. Allein ich habe mich entsetzt vor dem Gedanken, dass sich mir nun eine Pforte auftun könnte, in die ich mein Geheimnis hineinschreiben darf! Eine Pforte, wie sie jeder Mensch auf der Welt hat, jeder Knecht, jedes Bettelkind, alle jene, die nichts zu verschliessen haben! Vor einem Menschen wenigstens — und vor dem, welchen es am engsten angeht! — will ich erkannt und offenbar sein, offenbar sein in dem, worin Gott mich gezeichnet hat, gezeichnet und ausgezeichnet vor allen anderen Menschen ...“

Sie senkte die Stimme gänzlich, so dass Schwenkhusen Mühe hatte, die folgenden Worte zu verstehen, obwohl ihr Kopf über den Tisch hinweg langsam auf ihn zukam.

Barbara flüsterte: „... als ein Gefäss der göttlichen Auserwählung, deren Strenge auf mich gelegt ist.“

Schwenkhusen sprang von seinem Sessel. Er sah wild und schön aus in diesem Augenblick der äussersten Erschütterung.

Barbara lehnte sich zurück, ihr Gesicht hatte seine strenge Unbewegtheit wieder angenommen. Mit der ein wenig ausgestreckten Rechten machte sie eine Bewegung, die auch der winzigsten Hoffnung keinen Raum mehr freigab.

„Ich habe die Kraft gehabt, Gott zu zwingen“, sagte Barbara. „Ich habe nicht die

grenze zu heben. „Ich werde dich nicht bei dem Glauben lassen, ich habe keinen Teil mehr an deinem Leben. Ich werde mich nicht abdrängen lassen, und ich werde dich nicht ...“

Barbara warf eins der Tischmesser gegen eine zinnerne Schüssel. Der Ton war voll und hell wie ein Glockenschlag. Schwenkhusens Mutter schrak auf und sah sich ängstlich und ohne Verständnis um.

„Kinder“, sagte sie, „ach, Kinder, es ist wohl spät? Ich bin ein alter Mensch.“

Schwenkhusen, der breitbeinig dagestanden war, liess den Kopf zwischen die Schultern



Kraft gehabt, es zu hindern, dass wir beide diese Stunde heute Abend miteinander gelebt haben. Ich habe dir das alles gesagt. Weiter werden wir nichts miteinander zu schaffen haben.“

Auf der Treppe vom Erdgeschoss her wurden Gripens Schritte laut. Er trat geräuschvoll auf, er räusperte sich und schlug mit den Türen, um seine Rückkehr vorzukündigen.

Schwenkhusen erkannte, dass ihm nur noch wenige Augenblicke zu Gebot standen.

„Du wirst mich anhören, Barbara“, schrie er, ohne doch seine Stimme über die Flüster-

sinken. Seine geballten Fäuste lösten sich, er kehrte auf seinen Platz zurück. Bald danach trat Gripen ein. Die alte Frau verlangte nach dem Diener, der sie und ihren Sohn, die lange, qualmende Fackel in der Hand, durch die dunklen Strassen nach Hause geleitete.

V.

Barbara war in der Frühmesse gewesen und hatte, zurückgekehrt, dem Gesinde einige Anweisungen gegeben. Danach sass sie am Fenster über der Goldstickerei eines Messgewandes. Für alle frauenhaften Verrichtun-

gen solcher Art hatte sie früher geringe Neigung gehabt. Erst seit sie jenes klausnerische und in sich selber gewandte Leben führte, fand sie Gefallen an derlei Arbeit, die ja eine Arbeit der Gedankenleeren oder aber der Grüelnden ist.

Draussen im aufsteigenden Strassennebel stand spreizbeinig vor seinem Laden jener Krämer, den Schwenkhusen auf die Schulter geklopft hatte.

War es die rechte oder die linke Schulter? dachte Barbara; unversehens begann sie jede Einzelheit aus ihrem Gedächtnis heraufzuzunögen. An jenem Prellstein, im bräunlichen, mürrischen Schnee, hatte der Strassenjunge gestanden. Vor jener Toreinfahrt, wo jetzt das barfüssige, schief gewachsene Mädchen den Pferdewagen zusammenkehrte, war Schwenkhusen dem Knecht begegnet. Der hochgestellte Pelzkragen seines Mantels hatte Silberstickerei gezeigt, Ranken und Blattwerk. Barbara meinte es damals nicht wahrgenommen zu haben, nun aber war es ihr so deutlich, dass sie die Linien in dem Messgewand hätte wiederholen mögen. Uebrigens hatten ihre Hände, ohne dass sie es bemerkte, längst von der Arbeit abgesehen und lagen, mit den Flächen aneinandergedrückt, zwischen den Knien.

Auf der Strasse erschien Tidemann, der soeben das Haus verlassen hatte, im Gehen den linken Handschuh überstreifend. Er wagte es nicht, zu Barbaras Fenster aufzuschauen. Sie sah ihm nach. Sein Gang hatte noch die herrliche Raschheit von früher her, nur dass sie jetzt in einem Unverhältnis stand zu der Krümmung seines Rückens, unterhalb des Nackenansatzes.

Dies war schwer zu ertragen gewesen seit der Probe; die Selbstverdemütigung dieses Mannes, fast war es eine hündische Preisgabe. Hundertmal war Barbara bedrängt worden von der Versuchung, hinstürzend seine Knie zu umfassen und das Bekenntnis, dass sie dem Beichtiger des Jungfernklosters getan hatte, auch ihm zuzuschreiben. Sie wich Tidemann aus in einer Scheu vor ihm, ja, in Furcht vor sich selber, er aber meinte darin ein entsetztes Zurückschaudern zu erkennen und nahm es auf sich als gebührende Strafe.

Es wäre Barbara vielleicht nicht möglich gewesen, sich in solcher Qual zu behaupten, hätte sie nicht, ausserhalb ihres Wissens, eine selbstschützerische Massnahme ihrer Natur ihr zur Hilfe aufgemacht; nämlich es war ja durch die Probe allen ihren Gedanken, allen ihren Empfindungen ein regierender Mittelpunkt von unvergleichlicher Strahlung gesetzt worden. Was vordem in Barbaras Leben seinen Raum einnahm, das hatte sein Recht



DIE NÄHMASCHINE FÜR JEDEN HAUSHALT

Agenten an allen Plätzen

THEODOR WILLE & CIA. LTDA.
AVENIDA RIO BRANCO 79/81 RIO DE JANEIRO



Rua Itapirú 385 - RIO

VORANZEIGE

Sonnabend, den 4. November

Musikalischer Unterhaltungs- Abend

unter freundlicher Mitwirkung des Orchesters
des „Bund der schaffenden Reichsdeutschen“

Gesamtleitung:

Georg-Hering-Marçal

Rio- Besucher

befucht

DANUBIO AZUL

Avenida Mem de Sá 34

Telefon 22-1354

Prima Küche

Täglich Konzert
Im ersten Stock Tanz

Übersetzungen

Dr. Bruno Zander

Berechtigter Übersetzer

Rua 13 de Maio 37, 1. St.

Tel. 42-4668 - Rio.

Therezopolis - Varzea

Verkaufe ein schön gelegenes Grundstück; hat
144 Meter Front. Informationen in der Pa-
daria Santo Antonio bei Herrn Antonio
Galvão in Therezopolis-Varzea

Preiswert **Rölnisch Wasser** Erfrischend

das beliebte Qualitätsprodukt der

Deutschen Apotheke - Rio de Janeiro

Rua da Alfandega 74 - Tel. 23-4771

Bar und Restaurant VICTORIA

Rua 1.0 de Março 33 - Tel. 23-4347

Besitzerin: Wwe. WILLY HARDT

MITTAG- UND ABENDESSEN

1. a Küche Brahma-Chopp

Verkehrslokal des Kythäuser-Bundes

Deutsches Heim, Rio de Janeiro

Rua 7 de Setembro 140 - 1. Stock

Tel. 42-3601

Mittag- und Abendtisch auch nach der Karte
Stets frischer Schoppen — Reichhaltige Getränke

Pension Hamburgo

RIO DE JANEIRO

Altrenommierte Familienpension im Zen-
trum der Stadt. — Wunderschöne Lage.
Grosser Garten. — Mässige Preise.

Rua Cand. Mendes 84 (Gloria) Tel. 42-3098

Inh. N. Neubert

Gaut- und Geschlechtskrankheiten

Dr. Paul Cardozo-Legene

in Deutschland ausgebildeter und approbierter Arzt

Rua Alcindo Guanabara 15, 4. Stock

Telephon 22-0912

Sprechstunden: 9—12 und 3—6

Samstag: 9—11 und 12—3 Uhr

Dr. Fridel-Tschöpke

Säuglings- und Kinderarzt. Moderne Be-
handlung der Ernährungsstörungen (Brech-
durchfall, Blutarmut, Tuberkulose und Haut-
krankheiten, Ultraviolet-Strahlen).

Consultorio: Rua Miguel Couto Nr. 5

von 2—5 Uhr. Tel. 22-0713. — Wohnung:

Tel. 22-9930

BAR UND RESTAURANT CIDADE HEIDELBERG

GUTE BRASILIAN. UND DEUTSCHE KÜCHE

Sonntags geschlossen

Feiertags geöffnet bis 3 Uhr nachmittag

Rua Miguel Couto 65 (früher Oliveira), RIO

Tel. 23-0658

Bar und Restaurant FISCHERKLAUSE

Rua Th. Ottoni 126

RIO - Tel. 43-5178

Deutsche Küche — Brahma-Chopp

Inhaber: Fritz Schade

Hotel

„Lutecia“

Inhaber: Jakob Christ

Modern eingerichtete und vollständig separate Appar-
tements mit Saal, Schlafzimmer, Bad und Telefon.

Rio de Janeiro, Rua das Laranjeiras Nr. 486

Telefon: 25-3322



Unfere
Vertretung
in

Rio de Janeiro

befindet sich

Rua dos Andradas 84

2. Stock, App. 23

Telefon 23-4977

Franz Kurlin

verwirrt. An ihr war ein Gnadenwunder ge-
schehen, von seinem Licht musste jede wei-
tere Stunde ihres Daseins getränkt werden.
Es war aber die Art dieses Wunders nicht
eine solche, dass es sie in eine gläubige
Gemeinsamkeit mit den Menschen geführt
hätte, sondern es war ein Wunder, das sie
abschloss in eine unerbittliche Einsamkeit.

Mit diesem Wunder lebte sie wie mit einem
insgeheim gebornen Kinde. Aus seiner in-
nigen, unablässigen Betrachtung erwuchs
langsam ein einsiedlerischer Stolz, Gottes
Mitwisserschaft umflutete sie mit eisigem
Licht. Ja, war es denn nicht gerecht, dass
Tidemann sich vor ihr neigte, unterwürfig
wie ein Verurteilter, dass er ihre Hand nicht
zu ergreifen, ihren Blick nicht zu suchen
wagte? Ein Mensch war er wie jeder. Sie
aber hatte Gewalt geübt über Gott.

Das war es, was Schwenkhusen an jenem
Abend hatte schaudern machen. Auf dem
Heimweg führte er die Mutter, die Fackel
flamnte rötlich vor ihnen her; sie gingen in
der Mitte des Fahrdammes, denn immer wie-
der polterten Schneemassen, die der warme
Tanwind locker gemacht hatte, von den spit-
zen, vorgeneigten Dächern.

Plötzlich geschah es, dass sich in Schwenk-
husen ein Zorn erhob, so sehr, dass er den
Arm der Mutter presste, ihn dann unverse-
hens losliess und stehenblieb.

„Was ist?“ fragte sie in schläfriger Ver-
wunderung.

Er gab keine Antwort, ergriff wieder ih-
ren Arm und führte sie schweigend weiter.
Sie bemerkte es nicht, dass sein Unterarm,
auf dem ihre pelzbekleidete Hand lag, von
einem Zittern bewegt wurde.

Jeder Zorn bewirkt ja in dem Menschen,
der von ihm befallen wird, dass er sich für
gerecht hält und für einen Vogt Gottes, in
dessen Namen er verpflichtet sei, irgend et-
was Ungebührliches zu ahnden und damit die
Ordnung, die Gott der Welt gegeben hat, wie-
der heil zu machen. Schwenkhusen empfand
mit einer masslosen Erbitterung, dass ein
Mensch — mochte ihm, was es auch sei, ge-
schehen sein — aus den Verwirrungen seines
einsiedlerischen Glaubenswesens den Anspruch
auf eine übermenschliche Würde erhob. Ihn
erbitterte plötzlich Tidemann Gripens Ernie-
drigung, ihn erbitterte die eigene, die er an
diesem Abend hatte erfahren müssen.

Der Zorn verliess ihn auch während der
folgenden Tage nicht gänzlich, in denen er
voller Sorgfalt und Vorsicht das Gripensehe
Haus beobachtete. Denn er war mit Heftig-
keit entschlossen, Barbara zu begegnen. Bin-
nen kurzem hatte er Kenntnis von ihren
Kirchgängen.

Als Schwenkhusen in der winterlichen Mor-
gendämmerung sein Haus verliess, in einem
bäuerlichen Schafspelz, dessen aufgerichteter
Kragen sein Gesicht bis an die Augen ver-
hüllte, da war der Zorn zwar immer noch

in ihm, doch konnte er keinen Bestand haben
für sich allein; denn Bestand hatte in Schwenk-
husen einzig die gehäufte Leidenschaft, die
sich in Barbara ihr Ziel suchte, und es gibt
ja ein Unmass der Leidenschaft, da sie nicht
weiss, ob sie von ihrem Gegenstande im
Guten oder im Bösen hingezogen wird. So
hatte in Schwenkhusens Leidenschaft auch je-
ner Zorn seine Stätte, dazu jedoch war es
das Herzensbrönnen von einst, aber nun ver-
klärt eine wilde Erhabenheit, es war eine

geschrien hatte wie die armen Seelen im
Fegefeuer und geblasen, als wolle er alle
Flammen der Hölle anfachen, damit sie end-
lich die tödliche Winternot fortschmelzen.

In der Kirche brannten einige Altarkerzen,
das niedrig gewölbte Schiff lag im Dunkel.
Es roch säuerlich und schwer. Kein Weih-
rauch war so stark wie dieser Dunst der Be-
lasteten und Armen. Bauern und alte Wei-
ber schoben sich vor in die Helligkeit. Bar-
bara hatte ihren gewohnten Platz eingenom-

turgie. Sie pflegte sie halblaut mitzuspre-
chen.

Der Priester hatte geendet und kehrte an
die Mitte des Altars zurück.

„Barbara!“

Schwenkhusens Stimme klang hinter ihr,
sein Mund musste unweit ihres Ohres sein,
und es war abermals jenes Schreien im Flü-
sterton.

Sie fühlte, wie es ihr kalt um das Herz
wurde.

„Barbara!“

Weit vor sich, im Kerzenlicht, sah sie den
Priester, der, zum Altar geneigt, mit den
gefalteten Händen die gestickte Decke be-
rührte und unhörbar betete. Sie gewahrte
Nacken und Haaransatz, darunter die starr
abstehende Stola und das flammende grosse
Goldkreuz auf dem Rücken der Kasel. Es
schien ihr in jenen Augenblicken schwer, zu
glauben, dass dieses Gehäuse einen Men-
schen umschliessen sollte.

„Barbara!“

Sie machte eine jähe Bewegung, als wollte
sie ihren Platz verlassen und in den Kerzen-
schein flüchten, in die Altarnähe, unter die
Menschen, von denen verworren ein bäuer-
liches Aechzen und Murmeln ausging.

„Barbara!“

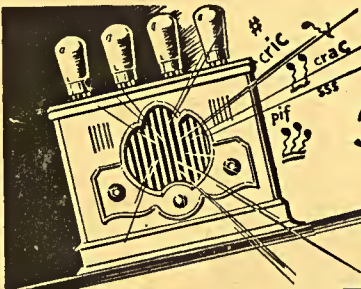
Sie blieb stehen, rücklings an den Pfeiler
gelehnt. Sie wandte den Kopf nicht, ihr Ge-
sicht blieb ohne Regung dem Altar zuge-
kehrt.

Schwenkhusen schien sich an dem Aus-
sprechen dieses Namens sättigen zu müssen,
ehe er zu reden begann.

Er hatte bitten wollen, bitten und fordern.
Aber wer fordert, der gibt ja damit die
Möglichkeit zu, seine Forderung könne abge-
lehnt werden. Schwenkhusen bat nicht,
Schwenkhusen forderte nicht, Schwenkhusen
wusste, plötzlich erleuchtet: es kann ja keine
Scheidung geben zwischen Barbara und mir,
dies ist ein Sachbestand, unwiderruflich und
unanzweifelbar wie Atem, Morgenkälte, Pfei-
lerdunkel. Nichts habe ich zu tun, als diesen
Sachbestand in Barbaras Bewusstsein aufzu-
richten.

Aus der Erkenntnis dieser Unumstösslich-
keit kam die Ruhe, die hinter seinen Worten
stand, zugleich aber auch die eindringliche,
ja, beschwörende Heftigkeit, mit der er seine
Worte laut werden liess. Er war in der
Lage eines Menschen, der bemüht ist, seinem
geliebten, aber hartnäckig missverstehenden
Kinde klarzumachen, dass vier mal fünf gleich
zwanzig ist. Er ist sich der Unumstösslich-
keit seiner Behauptung ebenso gewiss wie
des bevorstehenden Augenblickes, da das Kind
sie begreifen und aufnehmen wird — aber
wie ist es denn möglich, fragt er sich, dass
dies Kind, mein Kind, das Kind, das ich
liebhabte, sich dieser Einsicht auch nur minu-
tenlang verschliessen kann?

(Schluss folgt.)



Der
Radioapparat
funktioniert
nicht mehr!

... denn seine Töne sind
nicht mehr rein und klar. Auch
ihre Harnwege können nicht
mehr gut funktionieren, wenn
sie nicht rein gehalten werden.

Machen Sie deshalb von Zeit
zu Zeit eine innere Desinfek-
tion mit HELMITOL-Tabletten.
Ihr Arzt wird Ihnen die Rich-
tigkeit dieses Rates bestätigen.
Denken Sie daran, daß man
Gesundheit und Kraft durch
eine Desinfektion der Harn-
wege mit HELMITOL-Tabletten
leicht wiedergewinnen kann.



Gier des Teilhabenwollens an dem düsteren
Schicksalsganz der geliebten Menschen, die
Gier nach einer Vereinigung, die ihr vollkom-
menes Siegel von einem überweltlichen Ge-
heimnis erhalten hatte. Solchergestalt griff
Schwenkhusen nach dem alten Besitz seines
Herzens und Leibes, der nun erhöht war, um-
blitzt und umdunkelt von Schauern und Er-
schütterungen einer neuen Art. Und auf eine
wunderbare Weise meinte er Barbara nicht
sondern zu können von all den Schrecknissen
und Gewalten, denen er preisgegeben war
bei den Heiden, in ihren Urwäldern und
Sümpfen und auf den Schären, wo der Wind

men, abseits, in der Düsternis der Pfeiler-
bündel.

Der Priester betete bei der Handwaschung:
„Unter den Unschuldigen wasche ich meine
Hände ... Lasse, Gott, meine Seele nicht zu-
grunde gehen mit den Unfrommen, noch
mein Leben mit den Blutbefleckten, in deren
Händen Missetaten sind und unrechtes Gut
in ihrer rechten Hand...“

Die Bewandnis dieser Worte war Barbara
zum ersten Male in die Seele gedrungen bei
jenem Hochamt in St. Peter, ehe sie in die
Sakristei ging. Von da an erschienen sie
ihr als mächtigstes Bestandstück der Messli-

Auf Expedition vom Krieg überrascht

Fritz Christian, Frankfurt am Main

Wir haben in unseren Herzen den Heimatswimpel gesetzt. Das äussert sich in Sing-sang und Fröhlichkeit. Er kann lustig flattern, denn wir können nach drei Monaten Wildnis erfolgreich heimkehren. Zweitausend Aufnahmen, darunter Seltenheiten in den Kassetten, Hirn und Tagebuch mit unzähligen Erlebnissen vollgepfropft.

Die Heimat steht übermächtig vor dem Steven und zieht und lockt wie zuvor die Wildnis.

Man will das Ergebnis seiner Arbeit sehen und an die Auswertung des Materials herangehen. Wir können uns nicht schnell genug in die Dunkelkammer vergraben.

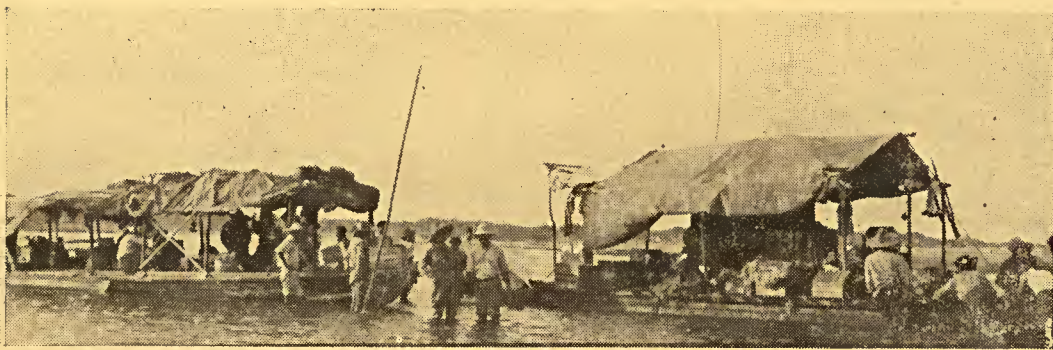
Die Boote fliegen den Rio das Mortes hinab. Die Herzen weit voraus; sie gehören schon nicht mehr dem schönen Sertão. Der Ypêbaum hat bereits ausgeblüht, seine grellgelben Blüten leuchten nicht mehr über der weiten Cerrado und den Uferbaracken. Die Brände im Kamp verglühn allmählich. Die Sonne strahlt verschwommen durch eine milchige Dunstschicht. Mitunter ballen sich drohende Wolkenberge. Dann jagen Regenböen heran und ein scharfer Wind treibt hohe Wogen vor sich her.

Wir prassen den Proviant und paddeln 70 Kilometer am Tag. 14 Tage brauchen wir im Anhang der motorgetriebenen „Maria Auxiliadora“ des Salisier-Padre Chavelon, für die 210 Kilometer flussauf von der Mündung

chudos, Pulvermoskiten und Schweissbienen stürzen sich mit einer wahren Lust auf die freien, tiefenden Körperstellen, sollte es einem einfallen, sich einige Zeit ausruhend treiben zu lassen. Man greift willig wieder zum Paddel. Der Fahrtenwind kühlt den Schweiss etwas und die Plagegeister kommen nicht heran.

Der Wind trägt plötzlich das Geknatter eines Heckmotors über den verbrannten Campo-Cerrado. Der Araguaya-Express kann es nicht sein, denn der hat einen Rohölmotor mit schwererem Schlag. Die Muskeln geben hier, was sie können, und als wir durch die Mündung trudeln, ist das knatternde Motorboot noch ein kleiner Punkt in der gewaltigen Wasserweite, wo Araguaya und Mortes sich treffen. Ein Punkt, der langsam flussauf auf uns zugeknattert kommt. Das kann nur Hauptmann Vanique mit seiner Mannschaft sein, die den Besuch des Bundespräsidenten in Santa Izabel vorbereitet haben. Ein anderes Motorboot existiert hier oben am Araguaya nicht. Wir haben Hauptmann Vanique schon einen Monat früher bei der Talfahrt getroffen und hatten die Ehre, einige Tage seine Gäste in Santa Izabel, 24 Kilometer von hier flussab, zu sein.

Er verspricht damals, uns mit hinauf nach Leopoldina zu nehmen, falls wir den Araguaya-Express nicht mehr fassen sollten. — Aber weshalb ist er jetzt schon — am 9.



Radiofloss und Batelão der Mannschaft des Capitão Vanique auf dem Araguaya bei São José. (Aufnahme Fr. Christian)

des Rio dos Mortes bis zum ersten Chavantes-Dorf bei der Ilha dos Chavantes. In drei Tagen haben wir dieselbe Strecke flussab mit Handarbeit bewältigt, und dabei noch unheimliche Flussarme befahren. Die Frage taucht auf, wie kommen wir am schnellsten die 600 Kilometer den Rio Araguaya bis Leopoldina hinauf? Wir rechnen mit 30 Tagen, wenn uns nicht der „Expresso de Araguaya“ überholt, falls er zufällig um dieselbe Zeit denselben Weg haben sollte. Oder wir müssten in Santa Izabel auf ihn warten. Vielleicht 1 Monat, vielleicht 2 Monate. Wer weiss, ob er nicht inzwischen schon bergwärts nach Leopoldina gefahren ist?

Die letzten 10 Kilometerchen bis zur Mündung in den Araguaya liegen vor uns. Die Brise ist schon lange eingeschlafen. Von Zeit zu Zeit taucht der Trinkbecher in die warme Brühe zu beiden Bootsseiten. Der Schweiss rinnt aus allen Hautlöchern und die Borra-

September — auf der Rückreise?

Das Batelão knattert heran. Vom Staatsoberhaupt ist nirgends etwas zu erblicken. Statt dessen brüllt uns Feldwebel Acary die wenig erfreuliche Botschaft herüber: „Euer Land ist im Krieg, gegen Polen, Frankreich und England.“ „Die deutsche Armee steht 40 Kilometer vor Warschau, Danzig und der Korridor ist bereits von euren Truppen besetzt.“ „Die französischen Soldaten sind im Saargebiet eingedrungen — die englische Flotte blockiert Deutschland.“ Heinz fungiert als Dolmetscher. Zum Glück sind wir inzwischen aus Sprechweite getrieben. — Das hat fürs erste mal gelautet. Die Hände krampfen sich um den Paddelschaft, doch die Vernunft mahnt — kaltes Blut.

Ich glaube, ich bin der einzige, der hier mitten in der Wildnis Wahrheiten und Unwahrheiten dieser Meldungen unterscheiden kann, weil ich gerade von „Drüben“ gekommen war. Ich habe das Gefühl, selbst Heinz glaubt unwillkürlich den Quatsch mit dem Franzoseneinfall, denn er ist schon 6 Jahre in diesem gesegneten Lande und kennt die deutsche Wehrmacht nicht.

Ich bedaure zum ersten Male — aber gründlich — die brasilianische Sprache nicht genügend zu beherrschen. Ich muss erst Heinz überzeugen.

Selbstverständlich ist Hauptmann Vanique bereit, sein Versprechen in die Tat umzusetzen und uns mit flussauf nach Leopoldina zu nehmen. Das Wichtigste für Heinz und mich im Augenblick ist, so schnell wie möglich nach São Paulo — Konsulat und so — und — weiter sehen, wie man nach „Drüben“ kommt.

Wir reisen in einer scheusslichen Ungewissheit. Das Radiofloss treffen wir erst in São José. Abends liegt man gesättigt im warmen Sand der grossen Praias, starrt in den flimmernden Nachthimmel und macht sich — unzufrieden bis in die Knochen — so seine Gedanken.

1914—1918 war einem die Mitwirkung versagt, weil man noch zu jung war. Jetzt, da man wehrfähig ist, verpasst man machlos, in 6000 Kilometer Entfernung, dieses zweifellos umwälzende Geschehen in Europa. Man wird irgendwann einmal nach Hause zurückkehren. Der beste Freund wird vielleicht nicht mehr sein, und weniger Freundschaft und wesentlich Jüngere werden auftrumpfen: „Denen haben wir es einmal gezeigt, aber da kannst du ja nicht mitreden, du warst ja um diese Zeit im sicheren ‚Ausland.‘“ — Einfach kotzerig ist's einem zuzumute.

Endlich nach sechs Tagen kommen die Gedanken wieder in ruhigere Bahnen. In São José wartet das Radiofloss. Hauptmann Vanique hat als Militär Verständnis für unsere Lage und lässt nach den amtlichen Funksendungen den Deutschlandsender einstellen. Ueber die weite nachtdunkle Praia hallt deutlich die Stimme des Sprechers der Heimat. Die deutschen Truppen haben Warschau umzingelt und sind weit ins Polenland vorgezogen. Im Westen geringe Spähtrupp-, Artillerie- und Fliegerstützen.

In Leopoldina wird uns nochmals eine Lü-



Churrasco beim Interventor des Staates Goyaz in Maya-Ponte bei Goiania. Dr. Pedro Ludovico Teixeira im weissen Anzug, Capitão F. Mattos Vanique in Uniform, Dr. Silva Rosa mit Brille, rechts der Polizeichef von Goiania; unser Berichterstatter Fr. Christian (links mit der Kamera)

ge vorgesetzt, die, man muss es offen gestehen, ihre beruhigende Wirkung auf uns nicht verfehlte. Saarbrücken sollte gefallen sein. Zwei Tage später in Goyaz — wir waren spät nachts angekommen — drangen wir noch bei einem bekannten Deutschen ins Haus, um den Deutschlandsender wieder einmal zu hören, der gerade dabei war, die Lüge vom gefallenen Saarbrücken anzunageln. Ausserdem vernahmen wir dort, dass Deutschland im Begriff ist, den Spieß mit der Seeblockade umzudrehen und ihn erfolgreich gegen England zu richten.

In Leopoldina, Goyaz und Goiania liegen deutsche Zeitungen aus São Paulo für uns. Da deren wichtigster Text in portugiesischer Sprache abgefasst ist, versäumen wir daher nicht, unserem gönnerhaften Hauptmann die Blätter vorzulegen, der auch die Danziger Hitlerrede eifrig zu Gemüte nimmt.

Die Gastfreundschaft des Herrn Vanique und seiner Leute übertraf alles in Brasilien Erwartete.

Es war nicht damit abgetan, dass er uns, wie versprochen, nur bis Leopoldina mitnahm. Die Lastwagen standen uns bis Anapolis zur Verfügung. In den drei Extrazügen von Anapolis werden uns Plätze in den Schlafwagen, Speise- und Salonwagen zur Verfügung gestellt. Jedemal in Araguay und Campinas wird unser Gepäck in den neuen Zug mit umgeladen sowie Plätze in den drei Son-

derzügen von Anapolis bis São Paulo angewiesen. Der Capitão selber wies uns ein Schlafwagenabteil, einen Platz im Speisewagen an und lud uns ein, in den Salonwagen zu kommen. Jedemal in Araguay oder Campinas, beim Zugwechsel, wurde unser reichliches Gepäck mit umgeladen.

Das war nicht etwa eine besondere Geste eines einflussreichen Mannes. Ich habe den kleinen und den grossen Brasilianer nur so kennengelernt. Selbst der einfachste Caboco mitten im Sertão, der nicht lesen und nicht schreiben kann, war von einer einfachen, natürlichen Freundlichkeit, Höflichkeit und Gastlichkeit, die in der Welt schwer wiederzufinden ist. Von Deutschenhass keine Spur — der fungiert nur in den Judenzeitungen der grossen Städte. Es wird dem Engländer im Zeitalter des Radio nicht mehr möglich sein, mit seinem Lügengesabbel die Weltmeinung auf seine Seite zu bringen.

Nirgends haben wir die Erfahrung machen können, dass ein Grund vorhanden wäre, sich gegenseitig zu hassen und zu bekämpfen.

Die Weltstadt hat uns wieder in ihren nervös zitternden Klauen und selbst hier sagt ein „Brasilianer“ wörtlich zu mir: „Solltest du in Not kommen durch eine lange Kriegsdauer, so kannst du bei mir schlafen und essen. Mein Haus steht dir zur Verfügung.“

Das ist die beste Kultur, die ein Land aufweisen kann. Man muss dieses Land nur begreifen und seine Menschen verstehen lernen.

FUNDADA EM 1885
Casa Alemã

Für die geschmackvolle Wohnung

DAS PASSENDE
zu finden ist nicht immer leicht!

DIE REICHHALTIGE AUSWAHL
unseres Lagers an

Teppichen aller Art
Läuferte — Dekorations- und Bezugsstoffen
Polstergruppen — Feinen Möbeln

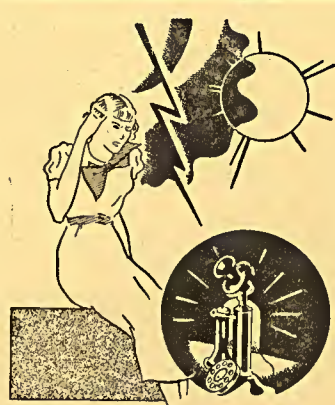
enthält auch für Sie das Richtige!

FÜHREND AUF IHREM GEBIET:

Abteilung: Innendekoration

SCHADLICH, OBERT & CO.

RUA DIREITA 162—190



WENN DIE TELEPHONGLOCKE WIE EIN DONNERSCHLAG ERSCHRECKT

dessen Nerven sind ueberanstrengt. Jede Nichtigkeit irritiert.

Was dann nottut ist Adalina, das vollkommen unschadliche Beruhigungsmittel erregter Nerven. Es traegt das Bayer-Kreuz als seine Garantie.

In Tuben mit 10 Tabletten zu 0,5 gr.

Neue Packung mit 6 Tabletten zu 0,25 gr.



Dr. Edgar Uth, Berlin

Wie ich nach Brasilien kam

Dom 13. August bis 11. September auf hoher See

Als ich am 20. Juli 1939 Berlin verliess, um über Brüssel und Paris nach Boulogne s. M. zu fahren, da ich am 13. August meine Studienreise nach Südamerika antreten wollte, lag die Welt noch im tiefsten Frieden.

Die Reichshauptstadt bot das gewohnte Bild mit ihrem brausenden Grosstadtbetrieb am Tage, und ihrem abendlichen Gewoge auf den grossen breiten Strassen im Westen. Alle Lokale überfüllt, selbst Kinos und Theater trotz des Hochsommers meist ausverkauft, obgleich viele Menschen wegen der grossen Ferien verreist waren, um teils an der See, teils im Gebirge Erholung und Entspannung zu finden. Wer aber nicht verreisen konnte, hemmte die warmen Sommerabende, um sich in der prächtigen Umgehung Berlins zu erholen, die zahlreichen Bäder waren überfüllt, die vielen Gartenlokale so besetzt, dass man oft lange suchen musste, um noch ein Plätzchen zu finden. Der nächtliche Corso der Automobile gab einen lehrhaften Widerhall des gewaltigen Aufschwungs, den Deutschland in den letzten Jahren erlebt hat. Durch den Ausbau der Reichsautobahnen, die Steuerfreiheit der Automobile, die Verbilligung in der Anschaffung und den wirtschaftlichen Auftrieb im Allgemeinen war ja auch in Deutschland der Besitz eines Kraftwagens nicht mehr das Vorrecht besonders bevorzugter Kreise, sondern in wahren Sinne Volksgut geworden. Kein Mensch dachte daran, dass vielleicht schon in wenigen Wochen alles anders sein könnte, sondern jeder war in Deutschland davon überzeugt, dass eine direkte Kriegsgefahr überhaupt nicht bestünde, und dass es auch sicherlich gelingen würde, die Danziger Frage in friedlicher Form zu lösen.

Bei meiner Ankunft in Brüssel, welches ich in diesem Jahre schon zum dritten Male besuchte, fand ich auch in der belgischen Metropole keinerlei Anzeichen einer Kriegsschuld mehr, wie ich sie bei meinen vorangegangenen Besuchen im Winter und Frühjahr hatte bemerken können. Auf der internationalen Wasserbau-Ausstellung in Lüttich war in friedlichem Wettstreit ganz Europa, natürlich auch Deutschland in erheblichem Umfange, vertreten.

Auch in Paris, wohin mich dann mein Weg führte, war keinerlei Kriegsgefahr zu spüren oder auch nur der Gedanke an eine baldige, blutige Auseinandersetzung bei den zahlreichen Besprechungen mit Franzosen, Belgiern, Schweizern und Holländern bemerkbar. Lediglich Herren aus England äusserten Bedenken, ob sie ihre geplante Reise nach Südfrankreich noch durchführen könnten, oder ob nicht wegen der drohenden Kriegsgefahr eine baldige Rückkehr nach England angezeigt wäre. Wir wunderten uns damals darüber, dass diese Ansicht gerade aus der Hauptstadt des englischen Imperiums kam, welche die Angehörigen aller anderen Nationen als völlig abwegig verwarfen.

Es war ja auch nicht der geringste Grund vorhanden, warum wieder alles das aufs Spiel gesetzt werden sollte, was nach Beendigung des letzten Krieges in mühevoller Arbeit wieder aufgebaut worden war. Alle vernünftigen Menschen waren sich darüber klar, dass seit der Beendigung der Wirren in Spanien und der Schaffung von Grossdeutschland keine der beiden grossen westlichen Länder daran interessiert sein konnte, den weiteren wirtschaftlichen Aufbau in Europa zu hemmen oder die Atmosphäre durch wilde Kriegsgeschwätz zu vergiften.

So fuhr ich denn am Sonntag, den 13. August, programmgemäss mit dem England-Express nach Boulogne s. M., um am gleichen Abend meine Reise über den Ozean nach Brasilien mit dem deutschen Dampfer „Antonio Delfino“ der Hamburg-Süd anzutreten. Noch wirbelten mir die unvergesslichen Eindrücke von Paris im Kopf, welches ich leider nur zu kurze Zeit in seiner ganzen, hochsommerlichen Schönheit hatte geniessen können. Die wundervollen Boulevards, die Champs Elysées, der Arc de Triomphe, die Place de la Concorde, der Louvre, Versailles in seiner unerreichten Schönheit, ein unvergessliches Bild bei Tag und feenhaft mit seinen Leuchtfontänen bei Nacht, der Eiffelturm, die vielen herrlichen Kirchen, alles das lag nun hinter mir, während der Express durch Nordfrankreich brauste, immer hart am Ufer der Marne entlang, bis er schon nach wenig mehr als zwei Stunden die Küste erreichte, welche von Paris fast 300 km. entfernt ist.

Unmittelbar an der Station Boulogne-Maritime sind auch schon die Kaianlagen. Der Tender erwartete uns bereits, der uns ans Schiff bringen sollte, da die grossen Ueberseedampfer hier nur auf Rheede gehen. Nach Verlassen des inneren Hafens erblickten wir auch schon unser Schiff, welches zwei Tage vorher aus Hamburg abgefahren war und nun den ersten ausserdeutschen Hafen anlief. Etwa zwanzig Passagiere bestiegen dieses zweitgrösste Schiff der Hamburg-Süd, welches mit 14 000 Br.-Reg.-Tons bei 160 Meter Länge und 6 000 PS. eine Geschwindigkeit

von ca. 14 Seemeilen pro Stunde entwickelt. Kaum zwanzig Minuten dauerte die Uebernahme der Passagiere und des Gepäcks, dann der übliche Abschiedsgruss beider Schiffe mittels der Dampfsirenen, ein lebhaftes Winken hin- und herüber, und unser Ozeanrieser setzte sich majestätisch wieder in Bewegung, um als nächstes Ziel drei Tage später Lissabon anzulaufen.

Da ich schon viel Seereisen gemacht habe, war mir das Leben auf diesem schwimmenden Hotel nichts Ungewohntes, und ich genoss wieder einmal in vollen Zügen die Schönheiten einer Seereise, welche in ihrer Gleichmässigkeit doch immer wieder abwechslungsreich und reizvoll, dabei aber eine wahre Erholung und ein ungetrübter Genuss ist. Immer wieder gibt es Neues zu sehen, zuerst die Delfine, welche schon in der Biskaya auftauchen, wie sie das Schiff umtanzeln oder die Schweinsfische, welche den Delfinen sehr ähnlich sind, später die fliegenden Fische, auch mal ab und zu ein Wal, der leicht an seinem hohen Wasserstrahl zu erkennen ist, den er von Zeit zu Zeit ausstösst, nur Haie habe ich nicht gesehen, deren es aber auf der Fahrt auch mehrere zu sehen gegeben haben soll. Dann wird natürlich jedes begegnende Schiff beobachtet, welche Nationalität es hat, ob Frachter oder Passagierdampfer, so gibt es immer wieder neue Abwechslung für das hungrige Auge oder die griffbereitste Kamera. Durch plötzlichen Nebel im Golf von Biskaya, der fast einen ganzen Tag anhielt, musste die Fahrt stark verlangsamt werden, sodass wir in Lissabon mit einem Tage Verspätung, d. h. erst am 17. August morgens vor Anker gehen konnten. Da die Abfahrt auf 1 Uhr festgesetzt wurde, war Gelegenheit gegeben, auf einer Autofahrt die Stadt, die portugiesische Reviere, Cintra, das Penha-Schloss, den Zufluchtsort des letzten portugiesischen Königs Manuel, ein herrliches Monument maurischen Baustils, und die berühmte Kirche und Kloster Belém kennen zu lernen. Pünktlich erfolgte die Abfahrt, und wir verliessen nun endgültig den festen Boden Europas mit dem letzten Eindruck der herrlichen Ausfahrt durch die Tejomündung, die mit zu den reizvollsten Reiseerinnerungen des europäischen Kontinents zählt.

Zwei Tage später, also am 19. August, liefen wir Madeira an, welches in seiner malerischen, subtropischen Schönheit und Farbenpracht den Reisenden immer wieder fes-



Hamburg-Süd-Dampfer „Antonio Delfino“

selt. Auch hier war ein Aufenthalt von wenigen Stunden vorgesehen, welcher aber genügte, wenigstens einen flüchtigen Eindruck der bezwingenden Lieblichkeit dieser „glücklichen Insel“, wie sie oft genannt wird, zu geniessen. Madeira ist zwar portugiesischer Besitz, wird aber völlig von seinem englischen Fremdenverkehr beherrscht, der hier absolut dominiert. Dies drückte sich sogar uns gegenüber insofern aus, als die Lufttemperatur in dem eleganten Reid's Hotel, einem der auf der Welt wohl am schönsten gelegenen Hotels, um erhebliche Grade sank, als wir dort zu kurzem Aufenthalt rasteten und damit unfreiwillig die einsame Ruhe der vornehmen Feudal-Engländer störten.

Nun begann eine Reihe von programmgemäss einer Woche, welche uns bei immer höher steigenden Temperaturen über den Äquator bis an die Küste Brasiliens führte.

Ein besonderes Erlebnis war für viele Neu-linge die Äquatortaufe, welche am 24. August beim Ueberschreiten dieser wichtigen Linie mit aller Feierlichkeit, Lustigkeit und Mummenschanz vor sich ging. Der sich hieran anschliessende Äquatorball war aber auch das letzte erfreuliche Ereignis an Bord.

Der politische Horizont verdunkelte sich in den nächsten Tagen in so beängstigender Weise, dass wir täglich die Radiomeldungen mit fieberhafter Erwartung abhörten, welche uns die Geschehnisse in Europa vermittelten, welche wir zuerst kaum zu glauben vermochten, weil sie uns allen so überraschend kamen. Die Tannenbergsfeier, der Reichsparteitag wur-

den abgesagt, trotzdem bereits die ersten Eisenbahnzüge mit den Besuchern schon angerollt waren und alle Vorbereitungen darauf hatten schliessen lassen, dass diese Veranstaltungen auch durchgeführt wurden.

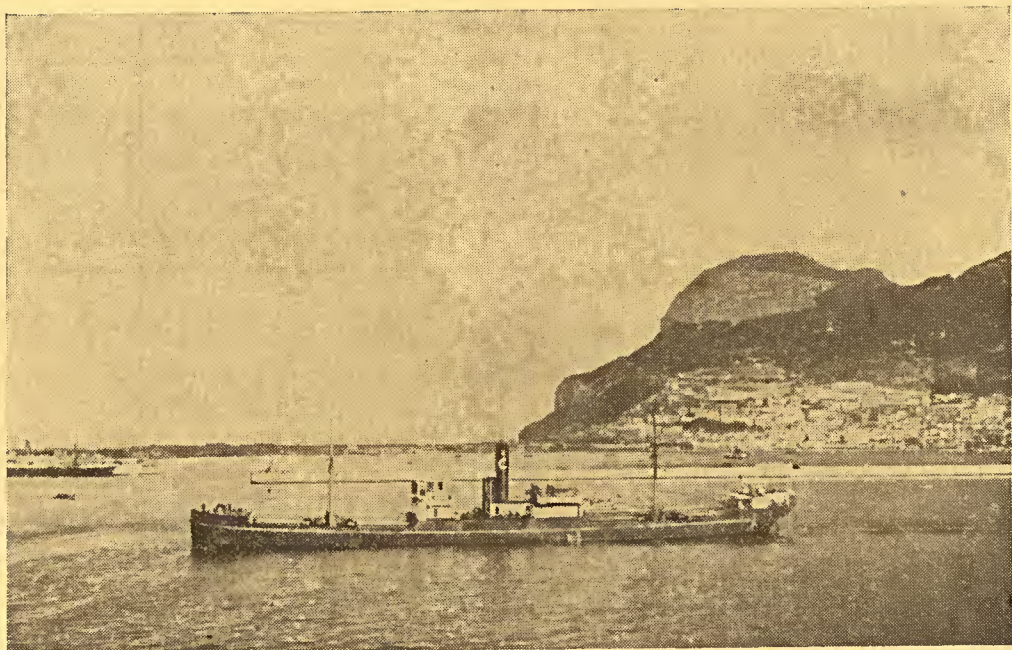
In der Nacht vom 27. zum 28. August kamen wir in ziemlich gedrückter Stimmung in Pernambuco an, da es hier schon ungewiss war, ob wir unsere Fahrt würden fortsetzen können. Aber schon nach Ablauf von zwei Stunden fuhren wir wieder aus und erreichten am nachmittag des 29. August Bahia. Auf dieser Fahrt an der brasilianischen Küste kam natürlich auch keinerlei Stimmung mehr auf, da ja bei allen das dumpfe Gefühl der Ungewissheit vorherrschte, was die nächsten Stunden oder Tage bringen würden. Eine, wenn auch negative Klärung, die wenig erfreulich war, trat sofort nach der Landung in Bahia ein, als die Schiffsleitung einen Anschlag ausbringen liess, der folgenden Wortlaut hatte: „Wegen der politischen Lage Abfahrt unbestimmt.“ Die deutsche Handelschiffahrt hatte nämlich inzwischen Anweisung erhalten, befreundete oder neutrale Häfen anzulaufen und dort weitere Befehle abzuwarten.

Im Hafen von Bahia lagen aber schon eine grosse Anzahl von Schiffen, welche die gespannte politische Lage dort festhielt, sodass wir noch am selben Abend vom Kai losmachten und auf Rheede gingen. Der Verkehr mit dem Festland wurde durch Motorboote geregelt, die zweistündlich tagsüber vom Schiff an Land gingen. Selbstverständlich benutzte Jeder die Gelegenheit nach der langen Seereise, sich auch einmal diese Stadt anzusehen, welche echt brasilianisch ist und eigentlich in zwei Teile zerfällt, von denen der eine unten an der Küste, der andere Teil hoch oben auf dem Berge liegt. Neben einer grossen Strasse, welche nach oben führt, vermitteln grosse Fahrstühle und Drahtseilbahnen den Verkehr mit der Oberstadt. Die Stadt ist eine der ältesten Brasiliens und hat bei ca. 350 000 Einwohnern etwa 380 Kirchen, darunter die berühmteste Kirche San Francisco, welche im Innern vollkommen vergoldet ist. Hierzu gehört auch das gleichnamige Kloster, welches in der Hauptsache von deutschen, resp. deutschstämmigen Mönchen des Franciscaner-Ordens bewohnt wird. Die deutsche Kolonie selbst ist sehr klein und umfasst nur ca. 350 Seelen, verfügt aber über ein eigenes Haus, welches herrlich gelegen ist. Da aber in den ersten Tagen unseres Aufenthaltes immer noch mit der Möglichkeit abzufahren gerechnet wurde und Bahia auch schon erhebliche Tagestemperaturen aufwies, während die Sehenswürdigkeiten der Stadt schnell erschöpft waren, verbrachten wir die meiste Zeit an Bord, wo wenigstens eine kühle Brise wehte, warteten von einer Radiomeldung auf die nächste, in der Hoffnung, dass es vielleicht doch nicht zum Kriege und damit noch zu einer glücklichen Veränderung unserer Lage kommen würde.

Am 1. September sprach der Führer vor dem Reichstag. Auch wir versammelten uns zum Gemeinschaftsempfang auf dem Schiff, alle Unterschiede innerhalb der Besatzung und der Klasse-Passagiere waren gefallen, wir hörten gemeinsam, viele Tausend Kilometer entfernt, an der Küste Brasiliens seinen Aufruf an das deutsche Volk, in welchem er den Anschluss von Danzig verkündete und die letzten Ereignisse bekannt gab, welche den Feldzug gegen Polen einleiteten. Dann kamen die ersten Kriegsmeldungen und Heeresberichte. Der Hafen von Bahia war inzwischen immer mehr Sammelbecken von Schiffen aller möglichen Nationalitäten geworden, sogar ein grosses U-Boot der USA. war darunter, zumal sich das Gerücht bestätigte, dass englische Kriegsschiffe an der Küste patroniellierten und die Handelsschiffahrt überwachten. So kam auch bald die Meldung von der Torpedierung des deutschen Frachters „Olinda“ der Hamburg-Süd, welcher auf der Höhe von Montevideo von dem englischen Kriegsschiff „Ajax“ versenkt worden war. An eine Weiterfahrt mit dem „Antonio Delfino“ war also unter diesen Umständen garnicht mehr zu denken, sodass sich die mei-



Landschaft auf Madeira



Gibraltar

sten Passagiere mit dem Gedanken befreunden mussten, auf eigene Rechnung und Gefahr ihre Reise fortzusetzen. Die meisten wählten den Luftweg nach Rio, Montevideo oder Buenos Aires, da dann eine Kollision mit den Engländern ausgeschlossen war.

Daher waren es nur wenige Passagiere, von denen ich es als einziger Reichsdeutscher wagte, die Weiterfahrt auf einem brasilianischen Küstendampfer fortzusetzen, welche ihre Buchung auf der „Itabera“, einem 3000-Tons-Dampfer der Companhia Nacional de Navegação Costeira vornahmen. Denn es bestand natürlich das Risiko, dass ein englisches Kriegsschiff uns anhalten konnte, da wir ausserhalb der Dreimeilenzone fahren mussten, und dann den oder die Deutschen heruntergeholt hätten. Bei mir entschieden aber lediglich finanzielle Erwägungen zu diesem Entschluss, da die Küstenfahrt nur einen Bruchteil der Luftreise kostete. Von Pernambuco nach Bahia waren es 1000 km, von Bahia nach Santos, meinem Reiseziel, weitere 1500 km, sodass unter Berücksichtigung dieser Gefahr, den Unbequemlichkeiten eines so kleinen Schiffes bei übernormaler Belegung, der völligen Unkenntnis der Landessprache und der Ungewohntheit brasilianischer Ernährung keine sehr grosse Vorfreude aufkommen konnte, für eine ganze Woche diese Fahrt geniessen zu müssen. Aber im Grossen und Ganzen war es doch recht erträglich und der Mensch gewöhnt sich an alles, sodass auch diese Fahrt trotz des enormen Seeganges, den wir bis Victoria hatten, eine prächtige Reiseerinnerung geworden ist.

Allein die Gelegenheit, auf diese Weise Victoria kennen zu lernen, entschädigte für manche Unbequemlichkeiten, denn die wundervolle Einfahrt in diesen kleinen Hafen in ihrer idyllischen Uebersichtlichkeit übertrifft vielleicht in mancher Beziehung noch an Schönheit die Einfahrt in Rio de Janeiro, die von allen Weltreisenden ja im allgemeinen mit als das Schönste gepriesen wird, was es auf der Welt gibt. Während bei der Einfahrt in Rio das Gewaltige, bezaubert, ist es bei der Einfahrt in den Hafen von Victoria gerade das Spielzeugähnliche, wie aus einem Zauberkasten in die Natur Gestellte, was einen so überaus reizvollen Eindruck macht. Der Dampfer fährt nur bis in die Bucht, dann vermitteln kleine, saubere Ruderboote den Verkehr mit dem Land. Victoria ist eine reizende Kleinstadt mit Grosstadteinschlag, sauber und entzückend angelegt, sodass man erstaunt ist, wie sich hier alles ineinanderfügt und zusammenpasst. Am 4. September hatten wir Bahia verlassen und waren am 7. September, dem brasilianischen Nationalfeiertag, in Victoria, möglich, dass gerade dieser Umstand der Stadt so etwas ausgesprochen Festliches verlieh.

Am folgenden Morgen, gegen 7 Uhr, erlebten wir nun im Dunst der Morgennebel die Einfahrt in Rio de Janeiro. Als erstes erhob sich der „Zuckerhut“ in seiner majestätischen Grösse, dann durchfuhren wir die einzelnen, dem Hafen vorgelagerten Inselgruppen, fuhren an den Forts vorbei, dem ausgedehnten Kriegshafen, dem Lufthafen und genossen dann bei hellstem Sonnenschein das gewaltig imponierende Bild dieser Millionenstadt, mit ihren Wolkenkratzern, dem herrlichen Sandstrand, den ausgedehnten Anlagen des Handelshafens mit seinen riesigen Lagerhäusern. Schiffe der ganzen Welt löschten hier ihre Waren und viele hatten auch diesen Hafen aufgesucht, weil sie ihre Reise nicht fortsetzen konnten. Auch eine Reihe deutscher Schiffe lag hier auf Rheede, aber auch der englische „Ajax“ lag im Hafen, um Kohlen oder Oel zu nehmen. Der Eindruck von Rio de Janeiro wäre vielleicht noch imponierender, falls dies möglich ist, wenn man nicht bereits durch die Reisebeschreibungen auf etwas ganz Besonderes gefasst wäre und daher an dieses Erlebnis schon enorm hohe Ansprüche stellt, welche aber auch in vollem Umfange befriedigt werden.

Rio de Janeiro selbst ist für den Europäer, der zum erstenmal nach Südamerika kommt, eine wunderbare Vereinigung dessen, was man sich bei uns jenseits des Ozeans

nur als Wunschtraum vorstellen kann, eine Millionenstadt, landschaftlich einzigartig gelegen, Höhenkurort und Weltbad zugleich, Urwald bis an die Stadt heran, herrlicher Sandstrand mit gefahrlosem Baden das ganze Jahr hindurch, Berge und bewaldete Höhen in unmittelbarer Nähe der Stadt mit den schönsten Spaziergängen und prächtigster Aussicht, Grosstadtleben und Einsamkeit, eine Fülle von Vergnügungen neben ernstester Arbeit, sodass ein Leben in dieser Stadt in der Tat beneidenswert ist.

Der Eindruck, den diese Stadt auf den Europäer macht, spiegelt sich auch im Charakter des Brasilianers wieder, der aber nicht nur für die Einwohner dieser Stadt, sondern ganz allgemein gilt. Es ist ein Menschenschlag von ganz besonderem Reiz, liebenswürdig, elegant und höflich, selbst bis in die einfachsten Schichten, dabei aber von einem ausgesprochenen Selbst- und vor allem Nationalbewusstsein. Die Schönheit, Uppigkeit und Viestaltung der Natur hat auch der Menschheit ihren Stempel aufgedrückt. Brasilien ist wohl das gastfreundlichste Land der Erde und es gibt kaum eine Nation oder Rasse, welche hier nicht vertreten ist, wobei jeder naturalisierte Brasilianer die gleichen Rechte geniesst, wenn er am Aufbau des Landes, welches seine neue Heimat ist, mitzuarbeiten bereit ist.



Hof des Franziskaner-Klosters in Bahia

Leider dauerte unser Aufenthalt auch hier nur kurze Zeit und schon zwei Tage später, am 10. September, musste ich diese traumhaft schöne Stadt wieder verlassen. Am nächsten Morgen ankerte die „Itabera“ nach programmgenäss verlaufener Fahrt am Kai von Santos, wo auch meine Schiffsreise beendet war, da ich mir als erstes Reiseziel São Paulo gesetzt hatte, welches ich am 11. September, zwei Wochen später als geplant, erreichte.

Auch der Eindruck von São Paulo ist für den Europäer, der direkt von drüben kommt, gewaltig, zumal wenn er in Rechnung stellt, dass diese Millionenstadt, jetzt schon die zweitgrösste des Landes, in einem Tempo gewachsen ist und sich noch ständig vergrössert, wie es selbst für nordamerikanische Begriffe nahezu unfasslich ist. Ein Wolkenkratzer entsteht neben dem anderen, Strassenzüge werden gebaut oder verbreitert, Plätze werden angelegt und das geschäftliche

Leben spielt sich in einem so unerhörten Tempo ab, dass eiserne Nerven dazu gehören, Schritt zu halten, vor allem aber jetzt, weil Brasilien trotz seiner strikten Neutralität ungeheuer durch den Krieg leidet, da es ja schliesslich einer der grössten Abnehmer und Lieferanten des Weltmarktes ist, der durch die Ereignisse in Europa in seinen Grundfesten erschüttert ist.

Gerade hier in Brasilien zeigt es sich, wie unabsehbar die Folgen eines Krieges auch für die Nichtkriegführenden sind, wenn er auch räumlich noch so weit entfernt ist. Möge also bald wieder Frieden sein, damit die ganze Welt wieder aufatmen kann, die unter den jetzigen Verhältnissen unsäglich leidet und daher auch die Geschehnisse im fernsten Europa mit dem grössten Interesse verfolgt. Brasilien, das gastfreundlichste Land der Erde, würde diesen Frieden mit Freuden begrüssen.

Staatssekretär Dr. Posse

Auch die Fabriken entscheiden den Kampf

Wie die Waffen, so entscheiden auch die Fabriken den Krieg! So kann man das Wesen des Krieges der Neuzeit kennzeichnen. Hinter der Wehrmacht, die an der Front die Waffen gebraucht, steht im totalen Krieg die Heimatfront, welche die Wehrmacht laufend ergänzt und versorgt. Stockt oder versiegt dieser Strom von Mensch und Material aus der industriellen an die militärische Front, so ist der Erfolg der Waffen gefährdet. Genau wie die Wehrmacht muss daher die Gesamtwirtschaft eines Landes im Kriegsfall unter die Gesetze des Krieges treten.

Das bedeutet, dass im Kriegsfall nur jene Produktionsbetriebe aufrechterhalten werden, die für Zwecke der Kriegführung unentbehrlich sind. Das Deutsche Reich kann es sich heute nicht mehr leisten, auch nur eine einzige Tonne Sparstoff für unwesentliche Zwecke zu verschwenden. Im Kriege wird der vorhandene Bestand an Arbeitskräften, Rohstoffen, Verkehrsmitteln usw. sich naturgemäss auf der einen Seite verringern, auf

der anderen Seite verstärkter Beanspruchung ausgesetzt sein. Die vorhandenen kostbaren Arbeitskräfte, Verkehrsmittel, Rohstoffe und dergleichen müssen also einzig und allein der Versorgung von Heer und Heimatfront vorbehalten bleiben. Im Kriege können daher nur Fertigungsstätten, die Kriegsgeräte herstellen oder Vorlieferungen durchführen, wie zum Beispiel Bergbaubetriebe, oder solche Betriebe, die für die Versorgung der Zivilbevölkerung bei kriegsmässig gedrosseltem Bedarf lebensnotwendig sind, oder solche, die für den kriegsmässigen Export in das nichtfeindliche Ausland arbeiten, ihre Produktion aufrechterhalten oder in einzelnen Fällen noch über Friedensstand steigern. Die Produktion aller sonstigen Betriebe muss im Kriege auf ein Minimum beschränkt oder ganz stillgelegt werden.

Grosse Teile zum Beispiel der Textil- oder der Bauwirtschaft, um einige der markantesten Beispiele zu nennen, werden daher ihre Arbeitskräfte, Transportmittel und Rohstoffe abgeben müssen. Die Versorgung der Bevölkerung mit den Dingen des täglichen Bedarfes, wie Nahrungs- und Genussmittel, Hausbrandkohle, Seife, Spinnstoff- und Lederwaren, desgleichen mit Treibstoffen, ist durch eine am 27. August 1939 eingeführte Bezugsscheinregelung im Deutschen Reich bereits jetzt beschränkt worden. Aber nicht nur für den Bereich der gewerblichen oder der Ernährungswirtschaft gilt dieser kriegswirtschaftliche Grundsatz der Ausschaltung des nicht wehrwichtigen Bedarfes. So mussten zum Beispiel im Zusammenhang mit der ausserpolitischen Spannung der letzten Wochen und Tage wie in anderen Staaten so auch im Deutschen Reich eine Reihe von verkehrspolitischen Massnahmen ausgelöst werden. Durch Dringlichkeitslisten wurde bestimmten wehrwichtigen Gütern die bevorzugte Beförderung zugesichert, der Personenverkehr wurde beschränkt oder zeitweilig ganz unterbunden.

Eine sich über das ganze Reichsgebiet erstreckende Aussenorganisation, die der Leitung des Generalbevollmächtigten für die Wirtschaft untersteht, hat in langjähriger vorsorglicher Planung dafür gesorgt, dass bereits friedensmässig die wehrwichtigen Industriezweige und -betriebe festgestellt und im einzelnen ermittelt sind. Durch Verhandlungen mit den Betrieben sowie der zuständigen militärischen Stellen sind für diese wehrwichtigen Betriebe bestimmte unentbehrliche Fachkräfte sowie Transportmittel sichergestellt. Für die Bereitstellung von Arbeitskräften und der vorhandenen Reserven zum Ersatz der zur Wehrmacht einrückenden Gefolgschaftsmitglieder und von Transportmitteln zur Deckung des notwendigsten Transportmittelbedarfes der Betriebe ist ebenfalls bereits friedensmässig Sorge getragen worden.

Die Rationierung bestimmter Rohstoffe, die Verschärfung bereits vorhandener Vorschriften über Verwendungsbeschränkungen, Erfassung von Altmaterial usw. ist bis ins einzelne vorbereitet und kann sich bei der verwaltungsmässigen Durchführung auf einen in sieben Jahren gut eingespielten staatlichen Ueberwachungsapparat stützen. Durch die vor wenigen Tagen erfolgte Bekanntmachung der Verordnung zur vorläufigen Sicherstellung des lebenswichtigen Bedarfes des deutschen Volkes ist klar geworden, welche Vorsorge auf diesem Gebiet im einzelnen getroffen worden ist.

Livraria Delinee
Aelteste deutsche Buchhandlung
 Rua São Bento 541 - Caixa Postal 2-V São Paulo
 Reichhaltigstes Sortiment. Bestellungen werden rasch und gewissenhaft ausgeführt.

Versicherungen
G. OPITZ Telefon 2-9367
 Caixa 94

Deutsche Färberei und chemische Waschanstalt
„Saxonia“
 Annahmestellen: Rua Sen. Feijó 50. Tel. 2-2396
 und Fabrik: Rua Barão de Jaguará 980. Tel. 7-4264

Dr. Mario de Fiori
 Spezialarzt für allgemeine Chirurgie
 Sprechst.: 2-5 Uhr nachm., Sonnabends: 2-3.
 Rua Barão de Itapetininga 139 - II. andar - Tel. 4-0038

Dr. G.H. Nick
 Facharzt
 für innere Krankheiten.

Sprechstunden täglich v. 14-17 Uhr
 Rua Libero Badaró 73, Tel. 2-3371
 Privatwohnung: Telefon 8-2263

Dr. Erich Müller-Carrioba
 Frauenheilkunde und Geburtshilfe
 Röntgenstrahlen - Diathermie
 Ultravioletstrahlen
 Kona: R. Aurora 1018 von 2-4,30
 Uhr. Tel. 4-6898. Wohnung: Rua
 Greenlandia Nr. 72. Tel. 8-1481

Dres. Lehfeld und Coelho
Dr. Walter Hoop
 Rechtsanwälte
 São Paulo, Rua Libero Badaró Nr. 443,
 Telef.: 2-0804 - 2. Stock, Zim. 11-16 - Postfach 444

Deutsche Apotheke
 in Jardim America
 Anfertigung ärztlicher Re-
 zepte, pharmazeutische
 Spezialitäten - Schnelle
 Lieferung ins Haus.
 RUA AUGUSTA 2843
 Tel. 8-2182

Deutsche Apotheke
Ludwig Schwedes
 Rua Libero Badaró 45-A
 São Paulo / Tel. 2-4468

Familienpension
CURSCHMANN
 Rua Florencio de Abreu
 133, Sohr. (bei Bahnhof)
 Telefon: 4-4094

Physikalische Apparate, Vermessungsinstrumente
 und Zubehör, feinmechanische Werkstätten
OTTO BENDER
 Rua Sta. Ephilgenia 80 - Telefon 4-4705
 Zeichenmaterial A. Nestler, Lehr- und Gebr. Haff,
 Pfronten. - An- und Verkauf von gebrauchten
 Vermessungsinstrumenten.

Adolpho E. Müller & Cia.
 Flor. de Abreu 172 Caixa postal 712
 Telefon 4-2617

Generatoren für Gleich- und Wechselstrom - Elektro-
 motoren für alle Zwecke - Ventilatoren - Werkzeug-
 maschinen - Hebezeuge - biegsame Wellen usw. -
 Zubehör für elektrische Kühleinrichtungen.

Berücksichtigt die Inserenten
 im „Deutschen Morgen“

Auch auf preis-, wie finanz- und kreditpo-
 litischem Gebiet wurde durch die vorsorgli-
 che Planung aller beteiligten Wirtschaftskrei-
 se und Dienststellen alle nur denkbare Vor-
 sorge getroffen. Eine scharfe Ueberwachung
 der Preise, vor allem für lebenswichtige Gü-
 ter, wird in Verbindung mit dem Bezug-
 scheinsystem notfalls auch vor den schwer-
 sten Strafen nicht zurückschrecken, um den
 minderbemittelten Volksgenossen nicht gegen-
 über dem Begüterten zu benachteiligen. Auf
 dem Gebiete der Lohn- und Finanzpolitik wird
 eine Anpassung der teilweise im Zuge der
 „Rüstungskonjunktur“ überhöhten Löhne an
 die Verhältnisse des Krieges wie auch eine
 Neufassung der Steuersätze und Erhebungs-
 methoden teilweise nicht zu vermeiden sein,
 um die Kriegskosten zu tragen und die Kauf-
 kraft in ein volkswirtschaftlich tragbares Ver-
 hältnis zur Gütermenge zu bringen.

Es ist unumgänglich, dass alle diese kriegs-
 wirtschaftlichen Massnahmen in einem mög-
 lichen Ernstfalle für manche grosse Härten
 und Belastungen mit sich bringen werden.
 Aber im totalen Krieg gibt es keine „Zivi-
 listen“ mehr. Jeder muss die Lasten und
 Opfer des Krieges tragen - und der Arbei-
 ter oder Betriebsführer im Wehrwirtschafts-
 betrieb darf dabei nicht hinter dem Soldaten
 an der militärischen Front zurückstehen.

Zwar ist die wirtschaftliche und finanzielle
 Anspannung schon heute nicht gering und
 wird sich in Zukunft noch enorm steigern.
 Auf jeden Fall aber kann gesagt werden,
 dass die bisherigen wehrwirtschaftlichen Mass-
 nahmen nicht hinter der erstaunlichen Auf-
 rüstung des Deutschen Reiches zurückgeblieben
 sind, und dass dies alles die denkbar gröss-
 te Gewähr für eine Lösung möglicherweise
 auftretender Schwierigkeiten bieten kann.

dieses alte Haus seit Jahren nicht gesehen
 hatte; oies war um so erfreulicher, als am
 Vortage Herrn Konsul Repnow der eben er-
 stellte Eigenbau des Schulvereins mit seinen
 schönen, modernen Räumen, in dem die bei-
 den anderen Vereinigungen ebenfalls wieder
 Gastrecht geniessen, gezeigt werden konnte.

Nach Absingen der brasilianischen Natio-
 nalhymne wurde Herr Konsul Repnow in
 herzlichsten Worten vom Präsidenten des
 Schulvereins begrüsst und seiner Gattin als
 Willkommen ein prächtiger Nelkenstrauß über-
 reicht. Sodann gaben die Vorsitzenden der
 Deutsch-evangelischen Gemeinde und des Bun-
 des der schaffenden Reichsdeutschen ihrer Ge-
 nügung über die Berufung des ersten deut-
 schen Konsuls für Minas Geraes in kurzen,
 aber bewegten Worten erfreut Ausdruck. Die
 Feier wurde durch Vorträge der Schulkinder
 in brasilianischer und deutscher Sprache be-
 lebt. Auch der Direktor der Schule, Herr Dr.
 Luiz Advincula, liess es sich nicht nehmen,
 in mit Fleiss zusammengetragenen Ausführ-

ungen die aufbauende Arbeit der deutschen
 Einwanderer und ihrer Nachfahren in Minas
 Geraes zu würdigen.

Sichtlich ergriffen dankte Herr Konsul
 Repnow für diesen aus vollem Herzen kom-
 menden Empfang. Er berichtete sodann von
 den Plätzen seiner früheren Tätigkeit, be-
 sonders von Polen, und gab seine Ueberra-
 schung und Freude kund, in einer so schö-
 nen, modernen und aufstrebenden Stadt, wie
 Belo Horizonte, das erste deutsche Konsulat
 einrichten zu können. Seine Ausführungen
 klangen in einem dreifachen Siegel auf den
 Führer aus, worauf die versammelten Reichs-
 deutschen die deutschen Nationallieder an-
 stimmten. Zum Abschluss tanzten Schulkin-
 der im Garten einige originelle Volkstänze,
 die herzlichen Beifall fanden. Die Stimmung
 war trotz später einsetzenden Regens vorzüg-
 lich, so dass es nicht zu verwundern war,
 dass die Mehrzahl der Versammelten noch
 bis spät in die Nacht kameradschaftlich bei-
 sammen blieb.

Bch.

Sinfonisches Konzert in Rio de Janeiro

Eine hervorragende Leistung der „Sociedade de Intercambio Musical“ im Saale der
 Escola Nacional de Musica

Wohl selten hat eine Veranstaltung der „So-
 ciedade de Intercambio Musical“ unter ei-
 nem so günstigen Stern, wohl selten so im
 Zeichen von Namen und Ziel der Vereini-
 gung gestanden, d. h. in dem des musikali-

Feuer, Kraft und Geschmack ein selten ge-
 hörtes Werk Haydns, die mit dem Beina-
 men „der Bär“ belegte C-Dur-Sinfonie Nr. 82,
 vortrug und dabei überzeugend darstellte, dass
 diese wertvolle, geistreiche und witzige Kom-
 position sehr zu Unrecht in Vergessenheit
 geraten ist. Sodann leitete er in fein ausge-
 gener Weise die Orchesterbegleitung zu
 Webers malerischem „Konzertstück“ in f-moll,
 dessen Klavierpart in Julia von Siemens eine
 erprobte, form- und stilgewandte Interpretin
 fand.

Unter der bewährten Stabführung von Fran-
 cisco Mignone folgte eine weitere Darbie-
 tung des sorgsamst aus den tüchtigsten Mu-
 sikern Rios zusammengestellten Orchesters,
 nämlich - in des Dirigenten eigener Bearbei-
 tung - eine „Suite a antiga“ Alberto Ne-
 pomucenos, des bekannten brasilianischen Ton-
 setzers, dessen in der deutschen Spätromantik
 fassende Kompositionsweise auf deutsche
 Ohren ganz besonders vertraut wirkt.

Den überaus glanzvollen Abschluss der Vor-
 tragsfolge bildete das Auftreten der Brasi-
 lianerin Maria Sa' Earp Vaghi, die sich in
 Mozarts herrlichem „Halleluja“, dem effekt-
 vollen „Carnaval de Veneza“ und einer Arie
 aus Verdis „Traviata“ als Sängerin aller-
 erster Klasse vorstellte. Der zwingende Brio
 ihrer Koloraturen, die sich wie Perlenketten
 aneinanderreihen, das Pathos ihrer Kantilen,
 die Wärme ihres jugendfrischen Organs
 steigerten den Beifall des vollen Hauses, der
 bereits nach den vorhergehenden Program-
 men überreichlich gespendet worden war,
 zu Stürmen, die keine Grenze mehr zu ken-
 nen schienen. Der durchschlagende künstleri-
 sche Erfolg des Abends war damit endgültig
 besiegelt.

Kameradschaftsabend beim Männergesangsverein „Lyra“, Rio de Janeiro

Am Mittwoch (11. Oktober), anlässlich der
 wöchentlichen Gesangsprobe, fand anschlies-
 send ein Kameradschaftsabend statt. Wie sich
 herausstellte, feierte an diesem Tage der lang-
 jährige und verdienstvolle Vorsitzende der
 „Lyra“, Herr Rudolf Rönnick, seinen Ge-
 burtstag.

Der Einladung folgten alle Anwesenden und
 bald herrschte unter den Sangesbrüdern die
 sprichwörtliche Gemütlichkeit der „Lyra“. Je-
 der trug das Seine dazu bei, um dem Ge-
 burtstagskinde, das sich überall grösster Be-
 liebtheit erfreut, eine Freude zu bereiten. So
 wurden auf Herrn Rönnick lustige Liedchen
 vorgetragen, worüber dieser um so erstaun-
 ter war, weil er es bisher nicht gewusst

hatte, dass sich im GV „Lyra“ auch „Solo-
 sänger“ befanden. Gemeinsame Gesänge so-
 wie Tischreden wechselten in munterer Folge.
 Schliesslich ergriff auch Herr Rönnick das
 Wort, um für alle die Aufmerksamkeit zu
 danken, die ihm anlässlich seines Geburts-
 tages erwiesen worden waren und mahnte,
 dass alle in dieser schweren Zeit besonders
 zueinanderstehen müssten, um so mehr, als
 Brasilien, das so vorbildlich seine Neutralität
 dem europäischen Konflikt gegenüber wahr-
 dies besonders erleichtert und wir uns auch
 dadurch dieser Neutralität würdig erweisen.
 Er schloss mit einem Hoch auf die weitere
 treue Kameradschaft der Sänger und des gan-
 zen GV „Lyra“.

F. K.

Der erste deutsche Konsul in Bello Horizonte

Aus Bello Horizonte schreibt man uns: Am
 1. Oktober war endlich der Tag gekommen,
 an dem die deutsche Kolonie und ihre Freun-
 de den ersten deutschen Konsul, Herrn Fritz
 Repnow, und seine Gattin in ihrer Mitte be-
 grüssen konnten. Dass dieser Tag von al-
 len Volksgenossen sehnsüchtig erwartet wur-

de, bewies die zahlreiche Beteiligung sowohl
 der Reichsdeutschen als auch ihrer Freunde.
 An diesem Sonntagnachmittag fanden sich im
 früheren Deutschen Haus die Mitglieder des
 Schulvereins, der Deutsch-evangelischen Ge-
 meinde und des Bundes der schaffenden
 Reichsdeutschen in einer Zahl ein, wie sie

Der Grenadier von Graudenz

Skizze von Olaf Sölmund

Nach den Jahren zermürbenden Krieges
 und kraftvollen Wiederaufbaus stand Preus-
 sen ruhmumstrahlt, des grossen Friedrichs
 Opfer nun in Segen verwandelnd, im Krei-
 se der Grossmächte. Der König sah das Blü-
 hen seines Werkes und fuhr nun, abhold
 allem Pomp und äusseren Schein, durch sei-
 ne Lande, die Säumigen zu mahnen, die Tat-
 kräftigen zu loben und zu ehren.

Und so nahte sich eines Tages die nur
 wenigen bekannte Kalesche der Festung Grau-
 denz, allwo Preussens Majestät ganz über-
 raschend Visitation abzuhalten gedachte. Hol-
 pernd eilte der Wagen über die kopfstein-
 gepflasterte Strasse der in warmer Julisonne
 gebadeten Stadt und hielt vor dem Eingang
 der Grenadierkaserne, wo, die Muskete wie
 eine Braut im Arme haltend, ein baumlanger
 Sohn Pommerns, auf dessen breiter, mit röt-
 lichen Sommersprossen bedeckter Stirn klei-
 ne Schweißperlen blinkten, lässig am Schil-
 derhaus lehnte und schmatzend in ein gros-
 ses Schmalzbrötchen biss, das er von Zeit zu
 Zeit mit der linken Hand zum Munde führte.

Kaum blickte er auf, als das Gefährt mit
 einem Ruck anhielt. Der König, dem dieser
 Anblick sanfter Zufriedenheit eine stille Freu-
 de bereite, winkte dem Bedienten, der zum
 Schläge eilen wollte ab. Er schaute durch
 das halbverdeckte Fenster dem andächtig in
 sein gewichtiges Tun versunkenen Grenadier
 zu.

Es versties zwar gegen die Disziplin -
 so mochte der König denken -, aber viel-
 leicht auch daran, dass Pommerns Söhne ihm
 manchen Strauss hatten gewinnen helfen. Je-
 desmal, wenn die Hand die grosse Brotschnei-
 te zum Munde führte, glänzten die in ihren
 Backenpolstern wohlgeborgenen blauen Au-
 gen zufrieden auf, und satte Behaglichkeit
 legte sich um die derben Züge des Solda-
 ten.

So mochte der König wohl eine Minute
 zuschauend verbracht haben, als er sich end-
 lich entschloss, seinen Sitz als stiller Be-
 obachter aufzugeben und auf den Grenadier
 zuzutreten.

Der blickte nun interessiert auf den ihm
 an körperlicher Grösse unebenen König her-
 ab, spreizte die Beine gewichtig, wie er ge-
 lernt, und rief ihm, die Linke immer noch
 bewehrt mit der umfangreichen Schmalzschnei-
 te und die Muskete fester in den Arm pres-
 send, noch mühsam würgend, ein lautes
 „Halt!“ zu.

„Nanu?“ verwundert sich der König, be-
 lustigt stehenbleibend: „Kennst Er mich denn
 nicht?“

Der biedere Pommer riss seine Augen weit
 auf und schaute treuerherzig aus deren strah-
 lender Bläue auf die vor ihm stehende Ge-
 stalt.

„Ne!“ sagte er und schüttelte dazu, den
 König musternd, mit dem Kopfe.

„Bist du vielleicht der Feldwebel?“ -

„Nein, mein Sohn, viel mehr!“

„Bist du gar ein Leutnant?“ - „Nein,

noch viel mehr!“

Nun ging ein Zug angestrengten Nachden-
 kens über das Gesicht des Biederen, die Hand
 mit dem Brot sank bis zum Leibgurt herab.
 „Bist du - ja - ah - du bist wohl ein
 Hauptmann?“

„Nein, noch mehr!“ lächelte Friedrich.
 „Noch mehr?“ staunte der Pommer und sah
 fassungslos auf den König. Noch mehr? Das
 gab es doch nicht für ihn, und antwortwei-
 send lag die grosse Frage in seinem Blick.
 Der König erkannte es, und nähertretend sa-
 ge er: „Ich bin der König!“

Das klang so wahr, so gross und hoheits-
 voll, dass Unglauben sich nicht regen konn-
 te. Die Gestalt des Soldaten straffte sich.
 Er streckte dem König die Linke hin und
 sagte: „Halt mir mal das Butterbrot - da
 muss ich präsentieren!“

Die taschenrechte
Voigtländer

KLEIN-BESSA
 mit dem grossen Bildformat

Modell 66: Optik 1:3,5, Prantor II-
 Verschluss bis 1/175 Sekunde, mit Roh-
 mensucher, Selbstauslöser, angetrie-
 nem Gelbfilter, Tiefenschärfe-Uhr, dem
 Schnellschussauslöser am Laufboden
 (Voigtländer-Paten) und vielen an-
 deren technischen Vorzügen

Etwas ganz Besonderes sind
 die Modelle 46 und 66, die
 Verschlusszeiten bis zu 1/500
 Sekunde haben und aufer-
 dem mit optischem Sucher
 sowie einer Filmsperre mit
 Zählwerk ausgestattet sind.

Alle Modelle besitzen die
 berühmte Voigtländer-Optik!

Voigtländer
Klein-BESSA

Noch bessere Bilder
 mit
Voigtländer FILM

ILLUSTRA

VERTRETUNG:
S.A. Schering
 Rio - S. Paulo - P. Alegre

140 000 Schallplatten greiffbereit

Das Schallplattenarchiv des Deutschen Rundfunks / R. v. Brauchitsch

Jede Entwicklung auf Gebieten der Technik hat stets eine Forderung nach sofortiger Auswertung dieser Entwicklung zur Folge gehabt. Seitdem die Technik in der Lage ist, Lautaufzeichnungen durchzuführen, und zwar vor allem in der Lage ist, auch unter schwierigen Umständen zuverlässiges Material zu liefern, begnügt man sich nicht mehr mit den Leistungen der Schrift allein, sondern man verlangt auch lautliche Belege — man kann sich beispielsweise bei dem Studium von Reden politischer Persönlichkeiten nicht mehr mit einem geschriebenen oder gedruckten Manuskript begnügen, sondern das Resultat des Studiums wäre lückenhaft ohne den lautlichen Beleg, also die Schallplatte. Nur die Schallplatte garantiert die Richtigkeit des tatsächlich gesprochenen Wortes und, was bei politischen Reden und Ereignissen häufig von ausserordentlicher Wichtigkeit ist, die Wirkung und das Echo des Wortes.

Eine Folge dieser Erkenntnis ist, dass an vielen Stellen das aufgenommene Schallplattenmaterial in mehr oder minder kleinen Sammlungen festgelegt wurde. Bei diesen Sammlungen handelt es sich aber im allgemeinen nur um Aufnahmen aus eigenen Arbeitsgebieten oder aus einem eigenen persönlichen Interesse. Grössere Sammlungen gibt es unter diesen Spezialsammlungen nicht. Nur das Zentral-Schallplattenarchiv der Reichsrundfunkgesellschaft kann beanspruchen, als Riesensammlung unter diesen Sammlungen, als Archiv gewertet zu werden. Dieses Schallplattenarchiv besteht erst seit dem Jahre 1929, hat aber in seinem Arbeitsbereich eine Sammlung von Schallaufnahmen durchgeführt, die nach Inhalt und Umfang ihresgleichen nicht wiederfindet und die weit über die Grenzen des Deutschen Reiches bekannt ist. Dieses Schallplattenarchiv wird, soweit heute zu übersehen ist — begründet durch Art und Durchführung des Aufgabengebietes des Rundfunks —, der Hauptlieferant teilweise sogar der alleinige Lieferant kultureller und kulturhistorischer Aufnahmen bleiben.

Die Reden der Staatmänner sind festgehalten

Das Schallplattenarchiv der Reichsrundfunkgesellschaft ist seinerzeit entstanden aus dem Gedanken heraus, einzelne Sendungen lautlich festzuhalten, um diese Sendungen mit Hilfe der Schallplatte wiederholen zu können. Naturgemäss erhielt dieses anfallende Material teilweise sehr bald einen gewissen archivalischen Wert, und mit dem Anwachsen des ursprünglichen Schwarzplattenlagers wuchs auch in gleichem Masse der Archivwert dieses Lagers. Die natürliche Folge hiervon wiederum war es, diesem archivalischen Gedanken System zu geben — schon bald nach der Machtübernahme hat diese systematische Erfassung begonnen —, sie ist mit wissenschaftlicher Gründlichkeit ausgebaut worden. Es ist dafür gesorgt, dass die späteren Generationen die Möglichkeit haben, das grosse Erbe unserer Zeit mit seinem starken Echo im deutschen Volk nacherleben zu können. Die politischen Geschehnisse seit 1933 liegen lückenlos auf Schallplatten vor, das heisst, dass nicht nur die Reden der leitenden Staatsmänner festgehalten sind, sondern auch die politischen Ereignisse in ihrer Ganzheit, an denen das deutsche Volk über den Rundfunk teilnehmen kann.

Geräuschplatten

Ein besonderes Gebiet bilden die „Geräusche“. Das Schallplattenarchiv hat auf diesem Gebiet eine Sammlung, die wohl auch nur einmalig vorhanden ist. Eine Begründung für das Sammeln gerade dieses eigenartigen Materials ist gegeben durch die Hörspiele, die diese Geräuschplatten zur Unterhaltung benötigen. Unter den zweitausend Platten, die allein dieses Spezialgebiet umfassen, sind wohl alle Arten von Geräuschen vorhanden, seien es Maschinen oder Tiere seien es die Motoren eines Autorennens oder von Flugzeugen sei es das Soldatenleben zu Lande oder bei der Marine, sei es das Publikum im Strassenverkehr oder eine johlende Masse. Wir finden in dieser Gruppe auch fast sämtliche Glocken der Dome und Kirchen Deutschlands.

Das Schallplattenarchiv hat heute einen Bestand von fast 60.000 Matrizen, zu denen die entsprechende Zahl an Schallplatten hinzuzuzählen wäre, also von Aufnahmen verschiedenen Inhalts, und ferner einen Bestand von ungefähr 80.000 Folien — die gesamte „Lautbibliothek“ besteht also aus fast 140.000 verschiedenen Schallplatten.

Die katalogmäßige Erfassung

Bei diesem Umfang ist von besonderer Wichtigkeit die katalogmäßige Erfassung des Materials. Mit der Qualität dieser Katalogarbeiten, also der eigentlichen Archivarbeiten, steht und fällt der Wert des Archivs. Das eingehende Plattenmaterial muss vor Einsortierung in die Schränke abgehört werden, um durch dieses Abhören einmal die Qualität der Platten zu beurteilen, damit ein Urteil vorhanden ist, ob es sich um für Sendezwecke einwandfreie Platten handelt, und zweitens muss der Inhalt im ganzen wie auch in seinen Unterteilen auf Sekunden genau abgestoppt werden, weil auch diese Angaben für Sendungen notwendig sind. Der genaue Inhalt der Aufnahmen, also Inhalt, Autoren, Bearbeiter, Dauer, Datum und Ort der Aufnahme, Plattennummer und Bestellnummer wird zunächst auf Karteiblättern festgehalten,

und diese Karteiblätter werden in gewissen Zeitabschnitten in Druck gegeben, das heisst in einem Katalog zusammengefasst. Abgesehen von einigen Spezialkatalogen ist bisher ein Gesamtkatalog erschienen mit allen Aufnahmen bis zum Jahre 1936, während die anschließenden Aufnahmen bis heute sich zurzeit in Druck befinden. In diesem Katalog sind die Aufnahmen systematisch geordnet. Es ist begonnen mit den politischen Aufnahmen, es folgen die unpolitischen Vorträge und Unterhaltungen, Hörberichte und Hörfolgen, Dichtung, Hörspiele, die umfangreiche Abteilung mit den Musikaufnahmen, der Sport, Versuchsaufnahmen, die Geräusche, während eine Zusammenstellung der Winter- und Sommerolympiade den Abschluss bilden. Anschliessend an diese Systematik erscheint eine Plattenaufstellung und dann ein alphabetisches Verzeichnis aller Eigennamen.

Das Zentral-Schallplattenarchiv der Reichsrundfunkgesellschaft zeichnet sich also durch seinen umfassenden, alle Gebiete des politischen, wirtschaftlichen, geistigen und kulturellen Lebens einbeziehenden Charakter aus. Es liegt

in der Eigenart des Rundfunks, dass der weitaus überwiegende Teil aller Schallaufnahmen, die im gesamten Deutschen Reich gemacht werden, im Schallplattenarchiv der Reichsrundfunkgesellschaft anfallen. Dieses Schallplattenarchiv ist daher als Zentralsammelstelle fast allen Lautmaterials aus dem Horizont des Rundfunks herausgewachsen. Es ist daher naheliegend gewesen, anzuordnen, dass die wenigen amtlichen Dienststellen im Reich, durch welche auch hin und wieder Schallaufnahmen durchgeführt werden, ihr Material den Beständen des Zentralschallplattenarchivs der Reichsrundfunkgesellschaft angliedern. Der Reichsminister für Volksaufklärung und Propaganda hat daher im Sommer 1937 bei Gründung der „Kommission zur Bewahrung von Zeitdokumenten“ der das Lautwesen bearbeitenden Abteilung den Namen „Schallplatten und Rundfunkwesen“ gegeben. Diese Kommission hat die Aufgabe, dem Zentralarchiv behilflich zu sein bei Erfassung bereits vorhandener Lautarchive und der Neuaufnahmen, die ausserhalb des Rundfunks durchgeführt werden.

Da lacht sogar der Aktendeckel

Stilblüten aus Eingaben und Bittschriften / Wenn der Geist willig, die Feder aber schwach ist

Der Musiker S. braucht eine neue Hose, da er in der alten keine Musik mehr machen kann.

In dem Zimmer steht ein Bett und ein Klavier, in dem sie schläft.

Herr B. bittet um Erhöhung der Unterstützung. Am 2. Juli ist seiner Frau ein Kind geboren worden. B. gibt an, aus Unkenntnis gehandelt zu haben.

Ich erhalte nächste Woche Stellung; um anständig auszugehen, benötige ich eine Unterhose und ein Hemd.

Z. macht einen ordentlichen Eindruck, der sehr erkältet ist.

Auf unbequeme Fragen erleidet W. einen Weinkrampf, der aber gutartig verläuft.

Das steinalte eiserne Bett war von den Wanzen total zerfressen worden.

Mein Mann muss unbedingt eine neue Hose haben. In der alten hatte ich schon meh-

rere Male das Gesäss geflickt und er hält mir dasselbe jeden Abend vor.

Mit der Miete wollen wir warten, bis wir über die erscheinenden Kinder klar sind.

Frau E. erklärte: Mein Mann macht keine Geschäfte, wenn er mal ein kleines macht, dann sind es einige Groschen.

N. selbst angetroffen. Jedenfalls nicht nüchtern, sein Hauch und die Standhaftigkeit seiner Beine waren zweifelhafter Natur.

Es war nur ein Hemd vorhanden, welches zu klein war, musste ich feststellen.

K. ist mit dem Schrank und seinen Nerven zusammengebrochen.

Da Herr N. ein kaltes Parterre hat, beantrage ich eine neue Hose für ihn.

Möchte herzlich bitten, einen Antrag auf ein gebrauchtes Bett mit Inhalt zu stellen.

Wer lacht mit?



Die junge Frau Hanna ist zum erstenmal in der Stadt und fährt mit der Strassenbahn. Auf dem Schoss hält sie den kaum einjährigen Günter-Heinz.

Als der Schaffner zu ihr kommt, reicht sie ihm einen Zehnmarkschein. Der Schaffner hat wenig Wechselgeld und fragt: „Haben Sie nichts Kleineres?“

Frau Hanna errötet, sieht Günter-Heinz an und antwortet verlegen: „Num, ich bin ja erst ein gutes Jahr verheiratet...“

Anton stand beim Antiquar. Der Antiquar zeigte ein seltenes Stück.

„Diese Vase ist zweitausend Jahre alt!“

Anton guckte schief:

„Mich werden Sie nicht für dumm verkaufen! Wo wir erst 1939 haben!“

Frau Brown, Farmersfrau in Kentucky, zum Apotheker: „Schreiben Sie bitte deutlich auf die Flaschen, welche Medizin für meinen Mann und welche für das Pferd ist. Ich möchte nicht, dass dem Pferd etwas passiert!“

„Dich soll man ja aus dem Kegelklub rausgeschmissen haben!“

„Ausgeschlossen!“

„Na, das kommt ja auf dasselbe heraus!“

Während des Dänischen Krieges 1864 wurde dem Kriegsminister von Roon durch einen Hauptmann ein Brief vom „ollen Wrangel“ überbracht, der ihn so sehr in Verlegenheit setzte, dass er gleich damit zum König ging. In dem Schreiben stand, der Ueberbringer sei der feigste Offizier der preussischen Armee, er verlange für ihn einen hohen Orden als Auszeichnung. „Was soll man davon halten?“ fragte Roon kopfschüttelnd seinen obersten Kriegsherrn. Auch dieser stutzte beim Lesen des Briefes. Plötzlich lachte er laut heraus. „Ja, ja, Wrangels Orthographie muss man kennen!“ rief er aus. „Er meint fe...igste — fähigste — Offizier!“

Ein Konsul wurde von seiner Regierung benachrichtigt, dass einer Staatsangehörigen, von der man annahm, dass sie irgendwo in

Bananen, das Stück zehn Pfennige!“

„Nanu, Herr Pfifferling,“ sagt ein Polizist. „Bananen und selbstgezogen?“

„Alles in Ordnung, Herr Wachtmeister! Früher, da hat' ick 'n Pferd, seit ick aber den Jaul verkoofen musste, zieh ick meine Bananen alleine.“

„Vater, wo bist du denn geboren?“

„In Hamburg, mein Junge.“

„Und Mutter?“

„In Breslau.“

„Vater, und ich bin doch in Königsberg geboren?“

„Jawohl.“

„Wie sind wir denn dann zusammengekommen?“

„Vater, essen Generale niemals mit Messer und Gabel?“

„Wie kommst du denn darauf, Fritz?“

„Hier steht aber doch: der General spielte mit — seinem Stabe.“

Feldwebel (im Unterricht): „Müller, warum soll sich ein Soldat um schwierige Aufgaben nicht drücken?“

Müller (denkt nach): „— eigentlich auch wahr, warum soll er nicht!“

Der alte Seebär war im Whiskyrausch auf einer Bank im Hydepark eingeschlafen. Als er aufwachte, war es dunkel und es regnete. Seinem schweren Kopf schien es bei den Lichtreflexen auf der nassen Strasse, als wenn da ein See wäre. Also machte er einen Kopfsprung — und schlug hart auf Pflaster. Als er sich nach einer Weile wieder zusammengerappelt hatte, murmelte er verblüfft: „Gefroren! Mitten im Sommer!“

Der grosse Zauberer trat auf die Bühne. „Ich werde jetzt eine Uhr verschwinden lassen und wieder herbeizaubern,“ begann er. „Darf ich Sie um Ihre Hand bitten, mein Herr?“

Der Herr erhob sich.

„Mit mir brauchen Sie nur das halbe Experiment zu machen!“

„Wieso!“

„Meine Uhr ist mir gestern im Strassengedrange abhanden gekommen. Sie brauchen Sie also nur wieder herbeizaubern.“

Der möblierte Herr tobte:

„Bei Ihnen sind ja Wanzen hinter der Tapete!“

Die Wirtin schaute verwundert:

„Was haben Sie hinter der Tapete zu suchen?“

Ein Negerpfarrer versuchte seiner Gemeinde die Schrecken der Hölle zu erklären. „Habt ihr alle schon mal glühendes Eisen aus dem Ofen rinnen sehen?“

Die Gemeinde bestätigte das. „Gut!“ fuhr der Geistliche fort. „Dort nehmen sie solches Eisen für Eiscreme!“

Doktor Friedrichs machte auf dem Lande einen Krankenbesuch. Er stellte seine Gummischuhe vor die Tür und ging ins Haus. Während er den Patienten untersuchte, öffneten sich die Schleusen des Himmels, und ein mächtiger Regen kam herunter. Als nach einer Weile der Arzt gehen und seine Gummischuhe anziehen wollte, fand er sie bis zum Rande mit Wasser gefüllt.

„Zum Kuckuck nochmal!“ rief er ärgerlich.

„Und dabei bin ich schon dreimal draussen gewesen und habe das Wasser ausgegossen,“ sagte Anna, die Magd, treuherzig.

Hase las die Zeitung.

Hase las die Sportnachrichten.

Vom Sportfest stand dort zu lesen:

„Der grosse Champion wurde gefeiert!“

Hase schimpfte:

„Natürlich! Teure Pilze haben sie essen müssen!“

Schulze öffnet, weil es klingelte, die Korridortür. Vor ihm steht ein Hausierer, der ihm Rasierklingen anbietet.

„Sie sind mir gerade der Richtige!“ fährt ihn Schulze an. „Sie haben mir vor sechs Jahren das blöde Buch ‚Wie stärke ich mein Gedächtnis?‘ angeschmiert.“

„Na, sehen Sie, wie es geholfen hat!“

„Beyers Mode für Alle“

In herbstlichen Farbtönen abgestimmt bringt das September-Heft Nr. 1 von „Beyers Mode für Alle“ die neue Linienführung der Mode heraus. Hier sehen wir die jugendlichen Wollstoffkleider mit weit schwingenden Röcken, ergänzt durch Jacken und Mäntel zu flotten Kompletts. Viele sportliche und elegante Mäntel mit und ohne Pelzschmuck stehen zur Auswahl. Nach den buntgeblühten Seidenkleidern des Sommers wirken die einfarbigen und schwarzen Nachmittagskleider wohltuend. Zwei Rockformen — der weite und der enge Rock — stehen sich gegenüber, auch beim Abendkleid. Besonders günstige Schnittformen findet man für die grösseren Oberweiten. Wärmere Kleidchen für die Kinder werden stets gern selbst genäht. Zu sämtlichen Modellen dieses farbenprächtigen Heftes finden wir die Schnitte auf den beiden beiliegenden grossen Schnittmusterbogen. (Der Preis beläuft sich auf RM —.80. Das Heft ist in jeder deutschen Buchhandlung oder direkt vom Verlag Otto Beyers, Leipzig, erhältlich.)

Pfifferling kommt mit seinem Bananenwagen auf den Markt und ruft: „Selbstgezogene

Zum großen Volksfest des D. L. D. in Canindé

(S. Paulo)

Die deutsche Kolonie in São Paulo hat den Aufruf ihres Sportvereins aufgenommen und richtig verstanden. Sie ist bereit, dem in früheren Jahren traditionellen Oktoberfest des ehemaligen Deutschen Sportklubs diesmal einen weit grösseren Rahmen und vor allem einen zeitgemässen sinnfälligen Inhalt und Ausdruck zu geben. Dort auf dem Sportplatz in Canindé, inmitten der weiten Tieflandniederung, die kühnen Hochhäuser der Millionenstadt als ferne Kulissen, Wasser, Wiesen- und Palmengrün in nächster Umgebung, wo am 1. Mai zum erstenmal Tausende von Deutschen fröhlich versammelt waren, soll auch am kommenden Sonnabend und Sonntag der Treffpunkt aller Volksgenossen aus São Paulo sein. Dort wollen alle, die sich in dieser entscheidungsvollen Zeit der fernem Heimat enger denn je verbunden fühlen, in einer starken Gemeinschaft zueinander finden. Alle Vorbereitungen sind getroffen. Die Festfolge geht

weit über ein übliches Unterhaltungsprogramm hinaus. Drei Sportvereine die in einem aufgegange sind, können natürlich mehr Darbietungen zeigen. Wir erwähnen aus der gesamten umfassenden Volksfestveranstaltung nur die sportlichen und turnerischen Ankündigungen: Erste Turnriege der Männer, Turnerinnen mit einer Körperschule, Leichtathleten, Boxer, Turnerinnen mit Keulenschwingübung, wie sie auf dem deutschen Turnfest in Breslau gezeigt wurden, Trachtengruppe der Mädchen mit Volkstänzen; am Abend Lampionkorso der Paddel- und Ruderabteilungen. — Das Volksfest in Canindé steht unter dem Ehrenschutz des deutschen Generalkonsuls Dr. Molly. Der Erlös aus der Veranstaltung, die freundliches Wetter vorausgesetzt, eine der bedeutendsten im Leben der deutschen Kolonie in São Paulo darstellen dürfte, wird notleidenden deutschen Volksgenossen zugeleitet werden.



Das Deutsche Generalkonsulat in S. Paulo

Rua São Luiz 174, ist ersucht worden, den Aufenthalt der nachstehend aufgeführten Personen bezw. deren Nachkommen zu ermitteln. Wer Auskunft über den Aufenthalt der Genannten geben kann, wird gebeten, dem Generalkonsulat Mitteilung zu machen.

Ahlers, Erich; Becker, Margarete; Beyer, Margit; Blum, Peter; Bröseke, Albert; Braumann, Wilhelmine; Braunschweiger, Lothar; Brincil, Stefanie; Büchner, Kurt; Claussen, Ursula; Dugacek, Marie; Falke, Franz; Faulstich, Hans Otto; Ferstl, José; Frost, Emma; Förster, Otto; Gallasch, Emilio; Gentzsch, Hedwig; Gercke, Otto; Gerhard, Willi; Glocknitzer, Berta; Goitein, Ernst; Gorny, Ludwig; Götz, Emil Kurt; Grossmann, Hedwig; Hein, Fritz; Helfmann, A.; Herms, Willi; HHendelhof, Leopold; Herr, Alois; Herrfeldt, Thomas; Hidde, Gustav; Hirsch, Ernst; Hirschberg, Wilhelm und Olga; Hisgen, Georg; Horn-Kraushofer, Maria; Huff, Charlotte; Jakob, Vary; Isidor; Israel, Josef; Jonas, Leo-

pold; Kaspar, Albrecht Hermann; Keffel, E.; Kellner, Fritz; Kinast, Michael; Knauer, H.; Kolter, Ernst August; Krömer, Karl I.; Krahn, Ida; Kulbrock, Maria Johanna; Lenz, Dr.; Levy, Martin; Libensky, Gerald Josef; Lining, Rudolf; Linder, Emmerich; Loska, Josef Waldemar (24. 3. 1916); Malsch, Erich Emil; Malves, Julio; Marx, Georg; Meyer, Karl; Michaelis, Max; Müller, Berta; Müller, Wolfgang Kurt; Moris, Maria; Naurath, E.; Neiss, Martha; Neumann, Minna; Neumann, Heinrich Robert (25. 7. 1918); Neuenhaus, Peter; Nykiel, Johann; Oser, Kurt; Papsch, Leo Helmut (18. 4. 1915); Pfeiffer, Josef; Plaut, Julius; Radtke, Leopold; Reuter, E.; Emma; Rosenberg, Günther; Rosenberg, R.; Rückert oder Ruckert, Antony; (Sophie Louise de Lisle); Seifert, Ernst; Sigg, Karl; Scherk, Hermann; Schlössner, Ernst; Schmalz, Karl; Schmidt, Charlotte; Schmid, Friedrich Wilhelm; Schmidt, Gertrud; Schmiemann, Willy; Schmitz, Egon; Schneider, Juliane; Spier, Erna; Strangel, Carlos; Strauss, Emma Sara; Tack, Heinz (28. 1. 1916); Tarnow, Bernhard; Theilheimer,

Fritz; Topf, Anna; Urait, Maria; Valenta, Hans; Vase, Paul; Walter, Ludwig; Wagner, Heinrich; Wallbaum, Karl; Wallmann, Christoph Gustav; Warschauer, Kurt Heinrich; Wedber, Kurt; Weigel, Ewald; Wehner, Karl Gottfried; Wikenkel, Albert Stanislaus; Wittmer, Maria; Wolff, Gerda; Woitsch, Alois; Wohlgemuth, Helene; Zach, Leopold; Benes, Pavel; Harmisch, Hoffmann, Wolfgang Dr.

Postaufreuf

Für folgende Personen liegen Briefe oder Drucksachen beim Deutschen Generalkonsulat, São Paulo, Rua São Luiz 174. Geöffnet von halb neun bis halb zwölf Uhr und nachmittags von zwei bis drei Uhr.

Eugen Ehlers, Erna Ahorn, Josef Ahorn, Emil Aschenbrenner, Johann Baumann, Ernst Berger, Willy Bernauer, Emilio Blotekamp, Albert Bosch, Dora Brandt, Alexander S. Bühler, Franz Cieslick, Adelina CCavalcante, Adolf Dehalt, Ida Dreher geb. Ostler, Familie Drees, Anna Dunkel, Martha Domschke, Emma Erlacher, Charlotte Fernum, August Fietkau, Hans von Fleischer-Kempfmied, Paula Franke-Korsten, Familie Freisinger, Albert Fritz, Karl Fritz, Friedrich Guter Ricardo Gärtner, Fanny Gässler, Otto Gercke, Familie Glass-Seidinger, Emil Girmus, Wilhelm Gregor, E. Göpfert, Henny Göpfert, Friedrich Grabowski geb. Zwiebler, Ernst Hardt, João Haller, Emil Häring, Leopold Hädel, Juliane Hladik, Hans Hoffmann, Maria Jagoschitz, Erich Jogschies, Ida Karo, Werner Kle, Adolf Kramm, João Legot, Franz Leher, Francisco Leher, Max Lemke, Lorenschütz, M. Lukaucic, Rudolf Mallaun, Wilhelmine Malek, Rupert Miteregger, Gerhard Müller, Erich Müller, Erich Müller-Reiter, Moritz Nestler, Friedrich Nemecek Nykiel Johann, Frieda Lina Otto, Fritz Petersen, Ida Perles, Paul Pischke, Franz Plauk, Gustav H. Prietzel, Ida Reschke, Herbert v. Riesen, Karl Rietzl, Mathias Rotter, Karl Römacher, Rongoderer Ferdinand, Alfred Rügenberg, Carlos Senger, Wilhelm Sinn, Rudolf Sobek, Erich Schlössner, Alma Steiner, Jorge Steiner, Paulo Strauss, Ella Schaller, Adolf Schubsky, Frieda Schönherr, Richard Schröder, Emil Schulthess, Paul Schumacher, Lea Schwarz, Alois Schwertner, Stefan Suca, Richard Tag, Florian Thallauer, Julius Thiel, Luise Anna Trumbach, Mario Tubler, Anton Tuttner, Christine Unruh, Georg Vasck, Konrad Vogel, Johann Vogler, Roman Worwiski, Ernst Wales, Meta Wendland, Katharina Werk, Karoline Wurglitsch, Johann Wurglits, Franz Zemanek, Robert Zickwolf, Otto Ziegler, Friedrich Zirkus.

Drucksachen: Elise Antonie Bohl, Günther, Herm. Grabolle, Ricardo Hauff, Otto Huber, Emma Kretschmar-Mann, Willy Langenberg,

Heinrich Meyer, Francisco Nantoimer, Gustavo A. Ruiz, Heinrich Schmidt, Johanna Stockmann, Elise Spiess, Adam Spiess, E. Wenzel, Paul Wächter.

Eingeschriebene Post: Bartak Guilherme, Viktor Bruckmann, João Bösch, Aynes Engelman, Karl Felix, Josef Frod, Fritz Göring, Hildegard Kast, Hans Kolm, Fritz Kern, Martin Kerbler, Francisco Kirchnier, Rudolf Mallaun, Frieda Lina Otto geb. Kunze, Otto Prause, Anton Maria Puzle, Georg Rathay, Edmund Rosenkranz, Frederico Schmitz, Hermann v. Steinitz, Rudolf Weigel.

Marktbericht

Reis: — Agulha, je 60 kg. — Amarellão especial nicht notiert, superior nicht notiert; bom 80—81\$000; branco, especial 77—78\$000; superior 71—72\$000; bom 62—64\$000; regular 54—55\$000; Cattete especial 52—53\$; superior 50—51\$; bom 48—49\$; Bruchreis 32—34\$; Quirera 24—25\$; bei ruhigem Markt.

Bohnen: — Mulatinho, je 60 kg. — especial 57—58\$; superior 53—54\$; bom 51—52\$; regular 48—49\$; bei festem Markt. — Braneogaudro 68—72\$; Chumbinho 51—53\$; Boinho 70—73\$; bei ruhigem Markt.

Mais: — je 60 kg. — Amarellinho 21 bis 21\$100; amarelo 20\$500 bis 20\$600; amarellão 20 bis 20\$200; der Markt war flau.

Kartoffeln: — neue Ernte, e 60 kg. — Amarella especial 40—41\$; superior 37—38\$; boa 34—35\$; Branca superior, nicht notiert; Allgemeine 32—34\$; bei ruhigem Markt.

Farinha de Mandioca: — Do Estado (Norte) — 50 kg. 27—28\$; Araras 45 kg. 19—19\$500; bei ruhigem Markt.

Amendoim (Erdnüsse): — je 25 kg. — Tatu superior 17—17\$500; bom 15\$500 bis 16\$000; bei ruhigem Markt.

Alfafa (Luzerneheu): — je 1 kg. 400 bis 420 Reis; bei ruhigem Markt.

Weizenmehl: — Typo Unico 44—45\$; bei ruhigem Markt.

Schweine: — Osasco, je Arroba, fett 35\$; mager 31\$500.

Schlachtvieh: — je Arroba — Ochsen consumo 27\$; Kühe especial 23—23\$500.

Zwiebeln: — je 15 kg. — Do Estado 12\$ bis 12\$500; do Rio Grande do Sul 15—16\$; bei ruhigem Markt.

Bund der schaffenden Reichsdeutschen

União Beneficente e Educativa Alemã São Paulo

Am 21. und 22. Oktober findet auf dem Sportplatz in Canindé ein

Grosses Volksfest

zugunsten unserer notleidenden Volksgenossen

statt

Es ist Pflicht unserer Mitglieder, sich für das Gelingen dieses Festes einzusetzen

Deutsche Kunst auf polnischem Boden

Es ist nicht verwunderlich, dass die deutschen Städte Graudenz, Bromberg, Thorn, Gnesen, Posen, Kattowitz und die sie umgebenden Gebiete alle Merkmale der deutschen Kultur aufweisen, aber wir machen die gleiche Beobachtung auch im Osten Polens. Selbst die alte polnische Krönungsstadt Krakau ist jahrzehntelang ein Sammelpunkt deutscher Künstler gewesen, die von den Polen in Ermangelung eigenen Könnens ins Land geholt wurden. Die deutsche Gotik fand durch das Ordensland der Deutschherren ihren Weg nach Polen. Nicht nur in den grossen Städten, sondern oft weit ab von den Verkehrswegen entstanden die mächtigen, kraftvollen Backsteinbauten, die die Jahrhunderte überdauern haben. Wilna, Krakau, Lemberg sind die Stationen dieses Siegeszuges und wir können noch heute den gewaltigen Einfluss erkennen, der hier gewirkt hat.

Wenn der Blick des Beschauers über die Pfeiler und Bogen dieser alten Baudenkmäler schweift, erkennt er den gleichen Geist, der ihm aus dem Mauerwerk der Marienburg entgegenweht. Die segensvolle kolonisatorische Tätigkeit der Ordensritter hat auch der künstlerischen Entwicklung des Ostens den Weg geebnet. Mag die Schlacht von Tannenberg im Jahre 1410 die weltliche Macht der Ordensritter durch schnöden Verrat beendet haben, die kulturellen Erfolge, die dieses deutsche Bollwerk im Osten zu verzeichnen hatte, sind unvergänglich. Der Geist der Marienburg lebt noch heute in den trutzigen Burgen und Kirchen, die polnisches Land bis an seine östlichen Gebiete durchsetzen.

Der Beginn der Renaissance brachte die ersten italienischen Künstler nach Polen, aber gleichzeitig auch eine grosse Zahl von deutschen. Die fränkische Malerschule schickte ihre besten Vertreter weit in den Osten vor. Krakau wurde der Sammelpunkt der grossen Nürnberger Meister. Schlesien war das Ausfallstor, und so ist es ganz erklärlich, dass wir dieselben Namen in Breslau wie in Krakau wiederfinden. Eine Verwandtschaft der Städte enthüllt sich vor unseren Augen, die auf das Wirken dieser Männer zurückzuführen ist und uns beim Betrachten der Kunstschatze und Baudenkmäler alles Fremde vergessen lässt.

Einer der ersten Künstler, die von Nürnberg her über Breslau nach Krakau wanderten, ist Hans Pleydenwurff (1472 gestorben), einer der hervorragendsten Vertreter der fränkischen Malerschule. Breslau besitzt von ihm einen Hochaltar für die Elisabethkirche. Ein weiteres Werk des Künstlers treffen wir viel östlicher in der Kirche zu Szczepanow in Galizien an. Das Altarbild zeigt die realistische Kleinmalerei, die porträthafte Ausführung der Figuren, die den Maler auszeichneten.

Es waren nicht einzelne deutsche Künstler, die etwa zufällig in Polen auftauchten, sondern bei jedem Auftrag, der in irgendeinem Gebiete der bildenden Künste zu vergeben war, meistens von der Kirche, musste man Deutsche herbeirufen, weil es unter den Polen keine genialen Schöpfer gab. So kam es, dass Krakau von vielen deutschen Künstlern aufgesucht wurde. Im Jahre 1477 kam

bekanntlich auch der grosse deutsche Bildhauer Veit Stoss, um in zwölfjähriger Arbeit den herrlichen Schnitzaltar der Marienkirche herzustellen, der eines der grossartigsten Beispiele der frühen deutschen Reliefplastik darstellt. Von seiner Hand stammt ausserdem der Stanislaus-Altar in der gleichen Kirche und der Johannes-Altar in der Florianikirche. Er wurde mit der Ausführung des Grahmalms König Kasimirs IV. beauftragt und oftmals als Bausachverständiger herangezogen. Ihm folgten seine Schüler, die die unvergleichliche Technik des Meisters fortzuführen versuchten und eine Unzahl von Bildwerken und Schnitzereien angefertigt haben, die heute unerkant in den polnischen Kirchen verstreut sein mögen.

Dann ragt wieder ein grosser deutscher Name hervor: Hans von Kulmbach, ein Zeitgenosse Dürers, der in den Jahren 1514 bis 1518 in Krakau arbeitete. Acht Bilder aus der Geschichte der Heiligen Katharina sind dort entstanden und zeugen von der feinen, poetischen Auffassungsweise des Künstlers. So verschmolz langsam deutsches Kulturgut mit dem polnischen Land.

Mit der Wahl eines deutschen Fürsten zum polnischen König erfolgte ein neuer Zustrom unserer Künstler und Handwerker. Unter August II., dem Kurfürsten von Sachsen und König von Polen, sowie unter seinem Nachfolger, August III., wuchsen die Barockbauten empor, die noch heute ein Wahrzeichen vieler polnischer Städte sind. Manches ist inzwischen zerstört worden. Kriege und innere Unruhen, die Polen immer wieder aufwühlten, vor allem aber die politische Unfähigkeit des Staates, die zu seiner völligen Aufteilung führten, sind schuld daran, dass so viele Kunstwerke aus jener Zeit verlorengegangen sind. August der Starke verwandelte Warschau in einen glänzenden Mittel-

punkt seines Königreiches. Warschau und Dresden, das waren die beiden Kostbarkeiten, an denen sein Herz hing und denen er zur Verschönerung jedes Mittel verschwendend zur Verfügung stellte. Es ist nicht viel übrig geblieben von dieser Pracht, eine fanatische Hetzpropaganda hat die letzte Erinnerung daran auslöschen wollen. Aber in Wilna und Lemberg treffen wir auf die gleichen Spuren jener Entwicklung. Die Barockbauten dieser Städte sprechen noch immer deutlich genug zu uns.

Der Einfluss deutschen Kunstschaffens in Polen brach nicht ab. Auch weiter behaupten sich neben italienischen und französischen Künstlern deutsche Meister. Polnische Fürsten erteilten ihnen ehrende Aufträge. Es sei nur an den Grafen Raczynski erinnert, der unseren grossen Bildhauer Christian Rauch beauftragte, die Statuen der beiden Polenkönige Mieczyslaw und Boleslaw Chrobry anzufertigen. Die beiden herrlichen Bildnisfiguren sind noch heute in der Hauptkirche in Posen zu bewundern.

Es ist gut, wenn wir uns diese kunstgeschichtliche Entwicklung immer vor Augen halten. Wir wollen die deutschen Namen nicht vergessen, die sich im Osten durch ihre Werke ein Denkmal gesetzt haben, vor allem nicht Bernhard Merderer, den Schöpfer der mächtigen Georgskathedrale von Lemberg. Unsere wertvollsten Kulturgüter haben wir in verschwenderischer Fülle an den Osträumen abgegeben. Der deutsche Einfluss ist unverkennbar durch die Jahrhunderte zu verfolgen. Wenn polnische Geschichtsbücher diese Tatsache abzuleugnen versuchten, so ist ihnen das nur bei denen gelungen, die nicht gelernt haben, die Wahrheit von den Kunstwerken selbst abzulesen, die eine viel deutlichere Sprache reden als die Phantastereien gewissenloser Politiker.

Susanne Bruker.